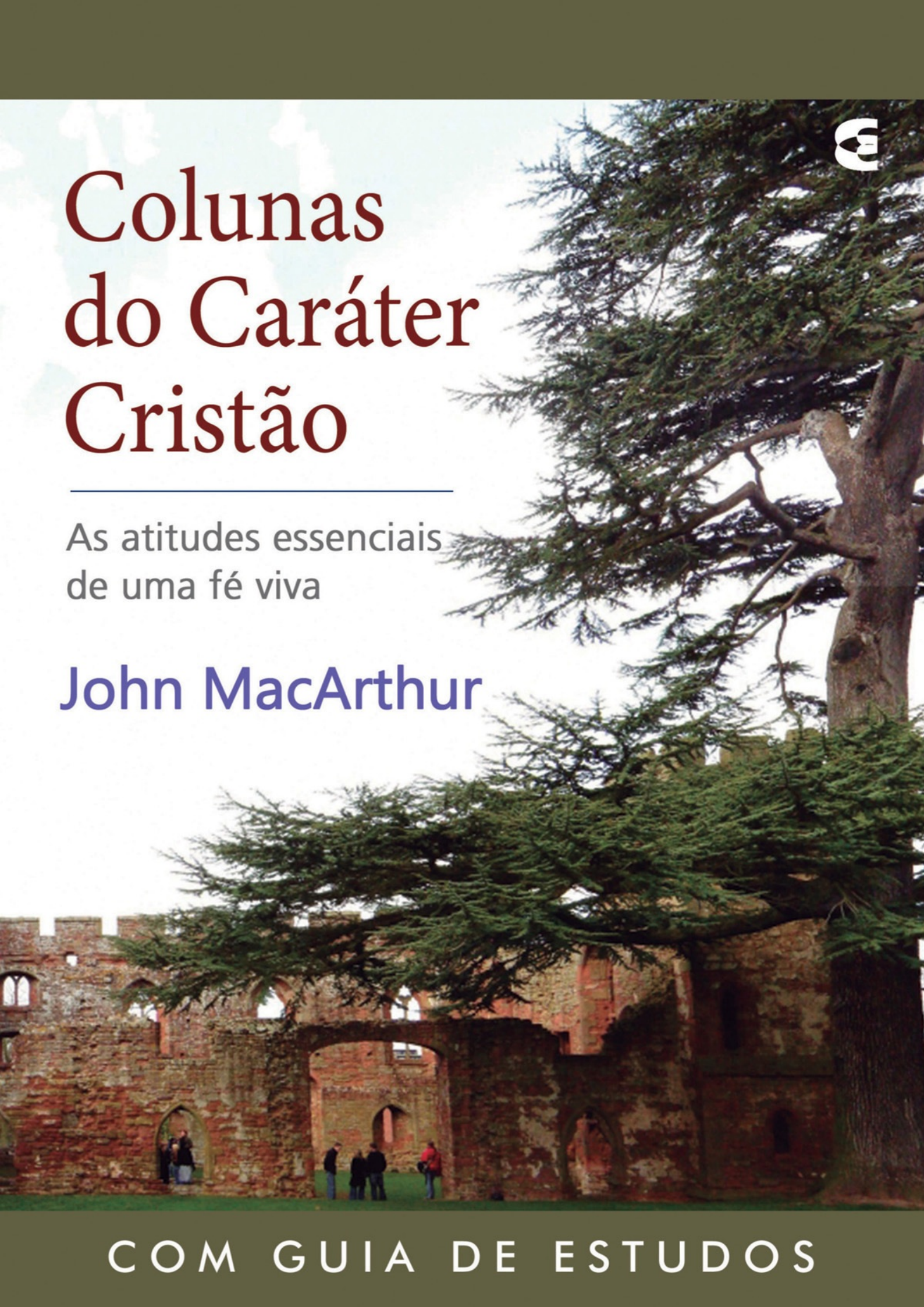




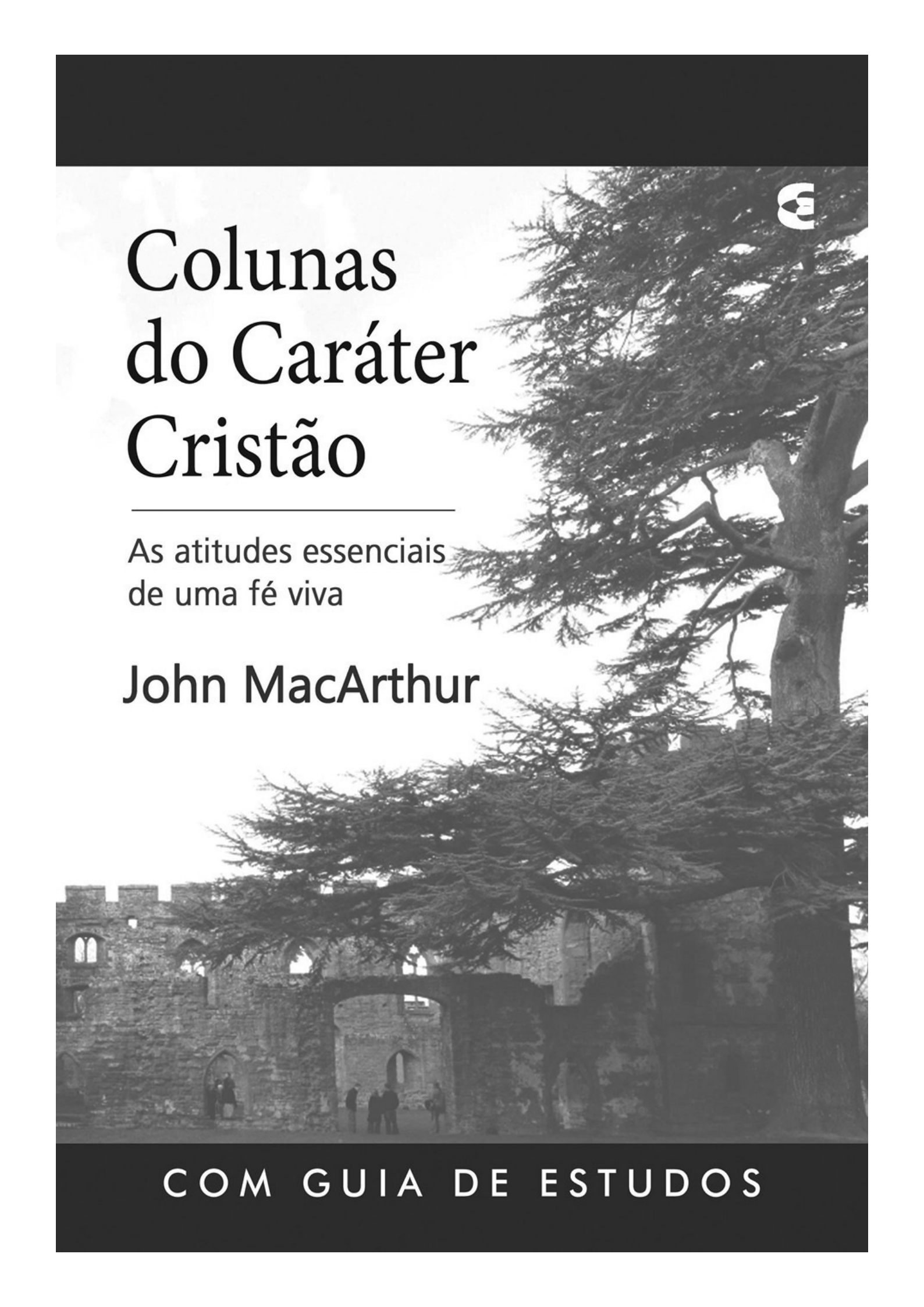
Colunas do Caráter Cristão

As atitudes essenciais
de uma fé viva

John MacArthur

COM GUIA DE ESTUDOS





Colunas do Caráter Cristão

As atitudes essenciais
de uma fé viva

John MacArthur

COM GUIA DE ESTUDOS

Colunas do Caráter Cristão

John MacArthur

Colunas do caráter cristão, de John MacArthur ©2015, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *The Pillars of Christian Character* Copyright ©1998 by John F. MacArthur pela Crossway, a publishing ministry of Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada por acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição: 2015

Conselho Editorial	Produção Editorial
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Augustus Nicodemus Gomes Lopes	Rubens Thomaz de Aquino
Cláudio Marra (Presidente)	<i>Revisão</i>
Heber Carlos de Campos Jr.	Claudete Água de Melo
Misael Batista do Nascimento	Sandra Couto
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Camila Crepaldi
Ulisses Horta Simões	<i>Editoração</i>
Valdeci da Silva Santos	Spres
	<i>Editoração para e-book</i>
	Felipe Marques
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

M116c MacArthur, John

Colunas do caráter cristão / John MacArthur, Rubens Thomaz de Aquino. _
São Paulo: Cultura Cristã, 2015

Recurso digital (ePub)

ISBN 978-85-7622-581-2

Tradução The Pillars of Christian Character

1. Crescimento 2. Vida Cristã I. Título

CDU 239.4

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Introdução

- 1 O ponto inicial: a fé genuína
- 2 Obediência: a aliança do crente
- 3 Bem-aventurados os humildes
- 4 A natureza altruísta do amor
- 5 Unidade: perseverança na verdade
- 6 Crescimento: sem ele não há vida real
- 7 Perdoar e ser abençoado
- 8 Razão suficiente para alegrar-se
- 9 Há sempre um lugar para a gratidão
- 10 Coragem para ser forte
- 11 Autodisciplina: a chave para a vitória
- 12 Adorando a Deus em espírito e verdade
- 13 Esperança: nosso futuro está garantido

Guia de estudos

INTRODUÇÃO

Se você algum dia visitar Londres, não terá nenhum problema em reconhecer a catedral de São Paulo. Ela é considerada um dos dez edifícios mais belos do mundo e domina o horizonte da cidade. A venerável estrutura eleva-se como um monumento ao seu criador – o arquiteto e astrônomo Sir Christopher Wren. Embora a catedral seja a sua obra mais conhecida, uma história interessante está relacionada a um edifício menos famoso também projetado por ele.

Wren recebeu a incumbência de projetar o interior da prefeitura de Windsor, a oeste do centro de Londres. Seus planos exigiam grandes colunas para sustentar o teto alto. Ao término da construção, os vereadores da cidade visitaram o edifício e demonstraram preocupação acerca de um problema: as colunas. Não questionaram o uso de colunas – simplesmente queriam a instalação de um maior número delas.

A solução de Wren foi tão maliciosa quanto inspirada. Ele fez exatamente como determinaram, instalando quatro novas colunas, atendendo assim a exigência dos seus críticos. Aquelas colunas extras permanecem até hoje na prefeitura de Windsor e não é difícil identificá-las. Elas não sustentam nenhum peso, e de fato, nem sequer chegam ao teto. Elas são falsas. Wren as instalou visando a um só propósito – dar uma boa aparência. Elas são meros enfeites ornamentais construídos para satisfação estética. Em termos de sustentação do edifício e fortalecimento da estrutura, são tão úteis quanto os quadros pendurados nas paredes.

Embora me entristeça dizer isto, creio que muitas igrejas têm construído algumas colunas decorativas de seu próprio projeto, especialmente na vida do seu povo. Num esforço para renovar a igreja e fazê-la funcionar com mais eficiência, muitos líderes introduziram estilos atraentes de adoração e ensino, junto com formatos organizacionais “inovadores” projetados para atrair mais pessoas para a igreja. A *substância* tem sido substituída pela *sombra*. A *essência* é o que menos importa – o *estilo* é o que vale. O *significado* não é o importante – o *método* é o que importa. A igreja pode parecer correta, mas tem pouca influência.

Essa tendência talvez seja mais evidente numa área particularmente cara ao meu coração – o ensino da Palavra de Deus. Hoje, igrejas demais têm esquecido que seu principal objetivo é simples. Como “a igreja do Deus vivo”, elas devem ser “coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15). Em vez disso, construíram uma fachada que não oferece apoio, aguenta pouco peso e está muito aquém de atingir as alturas que Deus projetou para a igreja e quer que ela alcance.

O resultado é a existência da simulação, colunas decorativas na vida do povo, que terminam iludindo-o a uma falsa sensação de sua salvação e maturidade espiritual. Eles nunca atacam a questão verdadeira – a necessidade de transformar suas antigas atitudes pecaminosas do coração em novas, conforme as Escrituras. Em aproximadamente trinta anos de ministério na Grace Community Church

aprendi que se as atitudes espirituais do povo são corretas – como resultado de cuidadoso e demorado ensino bíblico – a estrutura organizacional, a forma e o estilo da igreja tornam-se muito menos importantes.

Uma vida saudável para a igreja procede unicamente das atitudes espirituais adequadas dos seus membros (cf. Dt 30.6; Mt 22.37; Mc 12.32-34; Hb 10.22). O desejo mais sincero do apóstolo Paulo, pelo qual trabalhou e orou tão diligentemente, era que Jesus Cristo fosse plenamente formado nas vidas daqueles a quem ele ministrava: “por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós” (Gl 4.19). Ele expandiu esse conceito quando encorajou os colossenses dizendo: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais com gratidão, em vosso coração” (3.16). É no interior do crente que Deus quer trabalhar. Em consequência, o objetivo de todos os pastores e líderes da igreja deveria ser transformar vidas. Toda atividade de ministração e adoração que dirigirem deveria motivar seu povo a pensar biblicamente.

Meu desejo é que este livro desperte seu coração e o encoraje a caminhar na direção das atitudes espirituais essenciais que motivarão e transformarão sua vida de dentro para fora. Com isso em mente, discutiremos treze atitudes, ou colunas se você preferir, fundamentais do caráter cristão, que a Escritura ensina que todos os verdadeiros seguidores de Cristo devem possuir e desenvolver continuamente. Não é uma lista exaustiva, mas cada atitude é essencial para a maturidade da conduta cristã.

Os primeiros cinco capítulos definem, explicam e ilustram as colunas cristãs básicas da fé, da obediência, da humildade, do amor e da unidade. O capítulo 6 é um lembrete de que o crescimento espiritual é uma ordem, não uma opção. Os capítulos 7-9 o incentivarão a demonstrar sempre atitudes de perdão, alegria e ações de graças incessantemente, mesmo quando as circunstâncias dificultam a sua realização. O capítulo 10 é uma discussão sobre a força espiritual, com foco nas figuras de um cristão forte em 2Timóteo 2. No capítulo 11, consideraremos alguns princípios de autodisciplina e algumas maneiras práticas de aplicá-los. O capítulo 12 examina a natureza da verdadeira adoração, centralizada no ensino de Jesus à mulher samaritana, em João 4. Finalmente, no capítulo 13, faremos um estudo cuidadoso da atitude da esperança cristã e veremos que ela é uma fonte maravilhosa de otimismo e confiança.

Sem dúvida, a questão crucial para que você viva a vida cristã é a condição do seu coração. Você entendeu e aplicou as colunas fundamentais do caráter cristão que a Palavra de Deus delineia tão claramente? O apóstolo Paulo escreve este excelente resumo de como uma atitude piedosa se aplica ao viver diário: “[...] servos, obedeci a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, *na sinceridade do vosso coração, como a Cristo*, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, *fazendo, de coração, a vontade de*

Deus” (Ef 6.5-7, itálicos meus). Minha sincera oração é que você esteja “fazendo de coração a vontade de Deus”, refletindo uma realidade permanente em sua vida, como resultado deste estudo.

O PONTO INICIAL: A FÉ GENUÍNA

De modo geral, a fé ou a confiança está na base do modo de viver de cada pessoa. Bebemos água por várias razões e confiamos que ela tenha sido devidamente tratada. Confiamos que o alimento que compramos no supermercado ou o que comemos num restaurante não está contaminado. Rotineiramente sacamos ou depositamos cheques, mesmo que o papel no qual foram escritos não tenha nenhum valor intrínseco. Colocamos nossa segurança na confiabilidade da empresa ou pessoa que emitiu o cheque. Algumas vezes nos submetemos ao bisturi do cirurgião, embora não tenhamos nenhuma especialização em procedimentos médicos. Todos os dias exercitamos uma fé inata em alguém ou em algo.

O QUE É FÉ ESPIRITUAL?

De igual modo, quando você tem fé espiritual, aceita de bom grado ideias básicas e age com base em muitas coisas que não entende. No entanto, sua fé espiritual não funciona de modo inato, como faz a fé natural. A fé natural é inata, enquanto a fé espiritual é um resultado direto do nascimento espiritual. As palavras familiares de Paulo, em Efésios 2.8, nos lembram de que “[...] pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”.

Uma versão em linguagem atual da confissão de uma das mais antigas igrejas (elaborada seguindo de perto a formulação da Confissão de Westminster) fornece esta clara descrição doutrinária de fé prática para o crente:

Pela fé, o cristão crê ser verdadeiro tudo o que foi tornado conhecido na Palavra, na qual Deus fala de modo autoritativo. Ele também vê na Palavra um grau superior de excelência sobre todos os demais escritos, de fato sobre todas as coisas que o mundo contém. A Palavra revela a glória de Deus como ela é vista em seus vários atributos, a excelência de Cristo em sua natureza e nos ofícios que exerce e o poder e a perfeição do Espírito Santo em todas as obras em que está empenhado. Nesse sentido, o cristão está autorizado a confiar implicitamente na verdade assim crida, e prestar serviço de acordo com as diferentes necessidades das diversas partes da Escritura. Aos mandamentos, ele obedece; quando ouve ameaças, treme; quanto às promessas divinas relativas a esta vida e àquelas do porvir, ele as aceita. Mas os principais atos da fé salvadora se relacionam em primeiro lugar a Cristo na medida em que o crente o aceita, o recebe e descansa somente nele para a justificação, santificação e vida eterna; e tudo pela virtude da [...] graça. (*A faith to confess: The Baptist Confession of 1689* – Sussex, Inglaterra: Carey Publications, 1975, 37).

Assim, a primeira coluna de sustentação que o povo de Deus deve ter é a fé espiritual, ou confiança em Deus. E essa atitude não crescerá e não se desenvolverá a menos que os crentes individualmente conheçam Deus cada vez melhor. Essa verdade é exemplificada ao longo de toda a Escritura. Aqui estão alguns exemplos de destaque:

- Moisés – “O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por

salvação; este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei; ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei” (Êx 15.2).

- *Davi* – “Eu te amo, ó SENHOR, força minha. O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte. Invoco o SENHOR, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos” (Sl 18. 1-3).
- *Jeremias* – “A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele” (Lm 3.24).
- *Paulo* – “Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis” (1Tm 4.10).
- *João* – “Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus. E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (1Jo 4.15-16).

O EXEMPLO DE FÉ DE HABACUQUE

Para observarmos mais profundamente como os santos da Bíblia exemplificaram a atitude de fé, consideremos o caso do profeta Habacuque. Ele ministrou no final do século 7º a.C., durante os últimos dias do poder assírio e no início do governo babilônio (cerca de 625 a 600 a.C.). A situação nos dias de Habacuque era semelhante àquela que Amós e Miqueias enfrentaram. A justiça e a fidelidade haviam basicamente desaparecido de Judá, e havia muita maldade desenfreada e violência por toda a terra.

Senhor, por que não respondes?

O início da profecia, ou sermão, de Habacuque, revela sua frustração e falta de compreensão quanto à razão de Deus não intervir nas questões de Judá estabelecendo dramaticamente as coisas em ordem:

Até quando, SENHOR, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás? Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida. (1.2-4)

O profeta enfrentava um dilema real. Ele provavelmente já teria clamado ao Senhor ou para trazer um reavivamento espiritual e assim toda Judá se arrependeria, ou para julgar o povo por toda a sua impiedade, violência, perversão da justiça e desatenção à sua lei. No entanto, Deus não estava fazendo nem uma coisa nem a outra e Habacuque não conseguia compreender como ele podia observar a magnitude do mal de Judá e não intervir.

Por que os caldeus?

Porém, na passagem seguinte, Deus dá a mais surpreendente e inesperada

resposta a Habacuque:

Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos e desvanecei, porque realizo, em vossos dias, obra tal, que vós não creereis, quando vos for contada. Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa, que marcham pela largura da terra, para apoderar-se de moradas que não são suas. Eles são pavorosos e terríveis, e criam eles mesmos o seu direito e a sua dignidade. Os seus cavalos são mais ligeiros do que os leopardos, mais ferozes do que os lobos ao anoitecer são os seus cavaleiros que se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe, voam como águia que se precipita a devorar. Eles todos vêm para fazer violência; o seu rosto suspira por seguir avante; eles reúnem os cativos como areia. Eles escarnecem dos reis; os príncipes são objeto do seu riso; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam. Então, passam como passa o vento e seguem; fazem-se culpados estes cujo poder é o seu deus. (1.5-11)

A revelação de Deus apenas intensifica a perplexidade de Habacuque, porque não era o que ele esperava ou queria ouvir. Como o Senhor poderia usar os caldeus, um povo pagão e mais pecadores do que os judeus, para julgar e punir seu povo da aliança?

Afinal, em toda a sua história, os caldeus foram conhecidos como um povo bélico e agressivo. Eram originários das montanhas do Curdistão e da Armênia, norte do Iraque, e mais tarde estabeleceram seu pequeno território no sul da Babilônia, junto ao Golfo Pérsico. Desde os primeiros dias do governo da Assíria sobre os babilônios, os caldeus foram uma fonte de oposição e irritação para os reis assírios. Por fim, os caldeus tiveram um papel fundamental na derrubada da Assíria e no estabelecimento e expansão do novo Império Babilônico.

Os caldeus não adoravam nada exceto as suas proezas militares e estavam seguramente prontos para “amontoar entulho” para capturar Jerusalém. (No Antigo Oriente Médio, os muros de pedra da cidade ou fortaleza eram escalados, pois as tropas invasoras empilhavam entulho contra os muros. Esse entulho formava uma rampa sobre a qual os soldados marchavam para dentro da cidade.) Os caldeus eram pecadores, egoístas e cruéis e Habacuque não conseguia entender como Deus pôde escolher um povo muito pior do que Judá para ser o agente para a correção do seu povo.

Solucionando o dilema

O intrigante dilema de Habacuque definitivamente não poderia ser resolvido com a sabedoria humana. Por não entender o plano de Deus, o profeta confiou em sua teologia: “Não és tu desde a eternidade, ó SENHOR, meu Deus, ó meu Santo? Não morreremos. Ó Senhor, para executar juízo, puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina” (1.12).

No auge da sua confusão, quando ele estava afundando na areia movediça do seu dilema e percebendo que por si só não poderia responder seus questionamentos, Habacuque sabiamente apela para o que sabia ser verdadeiro a respeito de Deus. Primeiro, reconhece que Deus é eterno e existe desde a eternidade e existirá para todo o sempre. Habacuque relembra que os problemas enfrentados por ele e pela nação eram apenas parte de um curto período de tempo na história mundial. O Senhor era muito maior do que qualquer breve momento no tempo, com seus problemas e tudo o que se passava, e ele sabia o

tempo todo como cada coisa se encaixava no seu plano eterno.

O profeta sublinha suas palavras iniciais dirigindo-se a Deus como “Ó Senhor, meu Deus, ó meu Santo”. O termo para *Senhor* aqui é a palavra hebraica *adoni*, que significa “soberano legislador”. Habacuque sabia que Deus era e é responsável por todas as circunstâncias – ele é onipotente, e nada nunca foge do seu controle. Além disso, Habacuque reconheceu que Deus é santo – ele não erra, e executa perfeitamente seus planos.

Habacuque precisava encontrar uma base espiritual firme no seu entendimento de quem Deus é e do que ele faz. Portanto, ele poderia reassegurar-se de que “não morreremos”. Ele sabia que Deus permaneceria fiel e não destruiria Judá, já que ele teria de cumprir a promessa da aliança feita com Abraão, a qual garantia um reino, um futuro e a salvação.

Habacuque vê a fidelidade de Deus e sua pessoa nas palavras finais do versículo 12, “Ó SENHOR, para executar juízo, puseste aquele povo [os caldeus]; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina”. Então, ele aceita o fato de que Deus era puro demais para aprovar ou justificar o mal e que seus olhos jamais poderiam observar favoravelmente a maldade. Portanto, havia determinado punir o povo de Judá, e soberanamente escolhera os caldeus para executar essa punição. Embora Habacuque não tivesse escolhido aquele método de julgamento, ele podia dizer agora com maior segurança de fé do que antes, “Eu vejo e aceito o que está acontecendo”.

A fé resumida e aplicada

A essência da luta de Habacuque com a definição de fé foi resolvida quando Deus lhe disse, “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé” (2.4). A frase final desse versículo é uma das mais importantes declarações em toda a Escritura, porque sucintamente expressa a doutrina fundamental da justificação pela fé. Por essa razão, ela finalmente se tornou – na sua versão King James, “O justo viverá por fé” – uma das grandes máximas da Reforma.

No século 19, J. H. Merle D’Aubigne, historiador da Reforma, descreve a descoberta de Martinho Lutero da verdade crucial de Habacuque 2.4, desta maneira:

Ele (Lutero) iniciou sua caminhada pela explanação dos salmos, e daí passou para a Carta aos Romanos. Foi mais particularmente enquanto meditava nessa porção da Escritura que a luz da verdade penetrou seu coração. No isolamento tranquilo de sua cela, costumava dedicar várias horas ao estudo da Palavra divina, tendo essa epístola do apóstolo Paulo aberta diante dele. Certa ocasião, tendo chegado ao versículo 17 do capítulo 1, leu esta passagem do profeta Habacuque, “O justo viverá por fé”. Esse preceito o golpeou. Há então para o justo uma vida diferente daquela dos outros homens: e esta vida é o dom da fé. Ele recebeu essa promessa dentro do seu coração como se o próprio Deus a tivesse colocado lá, desvendando a ele o mistério da vida cristã e aumentando essa vida no seu interior. Anos mais tarde, em meio a inúmeras ocupações, ele imaginava ainda ouvir estas palavras: “O justo viverá por fé” (*The life and times of Martin Luther* [1846; Chicago: Moody, edição de 1978], 46)

Isso ocorreu enquanto Lutero era um jovem professor lecionando teologia

bíblica na Universidade de Wittenberg na Alemanha no início dos anos 1500. O discernimento o afetou tão profundamente, que poucos anos mais tarde, ele foi impelido a redigir as famosas Noventa e Cinco Teses e afixá-las na porta da catedral de Wittenberg. Essas declarações desafiavam a Igreja Católica Romana a se tornar mais bíblica em algumas de suas doutrinas e práticas. Notavelmente, Lutero discordava da venda de indulgências pela Igreja para garantir o perdão de pecados. Ele ressaltou que essa remissão é concedida de maneira gratuita e graciosa por Deus, mas apenas para aqueles que o procuram em genuíno arrependimento e fé. Isso rapidamente levou a um desenvolvimento mais completo da doutrina bíblica da justificação pela fé e a propagação da Reforma Protestante através de toda a Europa.

A declaração de Deus a Habacuque é também usada em passagens-chave do Novo Testamento. Além do seu uso fundamental em Romanos 1.17, é citada em outras duas epístolas: "... é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé" (Gl 3.11); "Todavia o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma" (Hb 10.38).

O profeta Habacuque não relega a atitude de fé apenas ao campo teológico. Ele dá a ela uma maravilhosa expressão prática no final dos últimos três versículos da profecia:

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente. (3.17-19)

Essa linguagem era muito significativa para a sociedade agrícola do público de Habacuque, que era familiarizada com ela. Eles sabiam que as figueiras sempre floresciam, as videiras pareciam nunca falhar e as oliveiras eram tão resistentes e duradouras que sempre produziriam uma boa safra. Era-lhes inconcebível que os campos parassem de produzir alimento e que o rebanho deixasse de ter cordeiros e bezerros.

O profeta está dizendo que ainda que as partes rotineiras, habituais e confiáveis da vida diária, viessem a falhar – se o mundo todo fosse virado de cabeça para baixo ou às avessas – ele ainda se regozijaria em Deus e continuaria a confiar nele. Mesmo quando não entendia as circunstâncias, ele ainda entendia a pessoa e a obra de Deus.

Habacuque conclui comparando sua estabilidade àquela que Deus dá à corça. Como tive a oportunidade de voar sobre as montanhas do Alasca, vi como as corças se comportam. Elas ficam à beira acidentada e rochosa dos penhascos escarpados, calmas e tranquilas, sabendo que seus cascos estão em segurança e a salvo, firmados no caminho. Esse é o tipo de confiança que Deus deu a Habacuque e que ele dará a todos os crentes. Ainda que estejamos no precipício, completamente perplexos diante de um dilema insolúvel ou uma dificuldade inevitável, o Senhor pode nos tornar em corças espirituais, que caminham seguramente (não pisam em falso) sobre os lugares altos sem medo de cair.

Nenhum dos precipícios da vida é assustador demais se tivermos a atitude apropriada de confiança em Deus, como tinha Habacuque.

A FÉ POSSÍVEL POR MEIO DE CRISTO

Em Gálatas 2.19-20, o apóstolo Paulo dá seu testemunho sobre a vida de fé: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”. Paulo está simplesmente dizendo que ele e todos os demais verdadeiros crentes em Cristo vivem a vida constantemente confiando no Salvador. O apóstolo disse também que “andamos por fé e não pelo que vemos” (2Co 5.7). Isso significa que o cristão não avalia a vida essencialmente pelos seus sentidos naturais, mas pelos olhos da fé. Como Paulo podia ser tão confiante de que a vida cristã transcorreria dessa maneira? Por causa do que disse aos Filipenses: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (4.19). A verdadeira chave para se viver uma vida de fé são os meios divinos fornecidos pela poderosa e sempre constante presença do Salvador e Senhor Jesus Cristo que habita em nós.

Está claro, então, que a primeira grande atitude cristã, a fé, começa na salvação e caracterizará toda a sua vida cristã. É a coluna fundamental sobre a qual edificará sua vida, se você afirma amar a Cristo. Esse foi o foco de Paulo em Romanos 5.1-10:

Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.

OBEDIÊNCIA: A ALIANÇA DO CRENTE

A companheira perfeita da fé é a obediência. A estrofe final do conhecido hino “Crer e observar” resume muito bem a associação que essas duas atitudes básicas têm: “Então em doce comunhão nos sentaremos aos seus pés, ou andaremos ao seu lado no caminho, o que ele disser faremos, aonde ele enviar iremos – nunca temer, somente crer e obedecer”. O verso “o que ele disser faremos, aonde ele enviar iremos” dá-nos uma definição simples da obediência espiritual. Significa basicamente submeter-se aos mandamentos do Senhor, fazendo sua vontade, com base no que é tão claramente revelado nas Escrituras.

A FÉ E A OBEDIÊNCIA SÃO INSEPARÁVEIS

A Grande Comissão de Jesus aos discípulos indica o quanto a questão da obediência é fundamental para os crentes. “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28.19-20). Enquanto o versículo 19 envolve proclamar o evangelho, acompanhar as pessoas salvas, e tê-las publicamente professando sua fé em Cristo, o versículo 20 baseia-se na experiência de salvação dos novos convertidos. Os discipuladores ou quaisquer crentes maduros ensinarão os novos cristãos a obedecer aos mandamentos divinos em sua Palavra e submeter-se a Deus. A Grande Comissão delineia os dois grandes fundamentos do processo de santificação, ou da vida do crente em Cristo – fé e obediência.

A obediência é tão fundamental que se não estiver presente na vida daquele que afirma ser cristão, essa pessoa deve ter sua fé questionada. Essa verdade é enfatizada mais de uma vez pelo apóstolo João: “Disse... Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos (Jo 8.31); “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10). Ele reitera o princípio ainda mais claramente na sua primeira carta: “sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2.3-4).

Todos os que professam a fé em Jesus Cristo devem também demonstrar essa fé pela obediência à Palavra de Deus. Caso contrário, sua profissão de fé salvadora é suspeita. A obediência de um crente verdadeiro será inequívoca, intransigente, não relutante e de todo o coração. A obediência é, portanto, uma parte integrante

da nossa salvação.

De fato, o apóstolo Pedro descreve a salvação como um ato de obediência: “Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido [...] pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.22-23). “A verdade” é o evangelho, que em essência é uma ordem para se arrepender e crer no Senhor Jesus Cristo. (Mc 1.15). No Novo Testamento, a mensagem era sempre pregada como uma ordem (p. ex., Mt. 3.2; 4.17; Mc 6.12; Lc 5.32; At 2.38; 3.19; 17.30; 26.20). Por ser uma ordem, ela conclama à obediência, e todos os que são genuinamente nascidos de novo têm nova vida espiritual porque ouviram a verdade contida na Escritura, creram nela e a obedecem.

No entanto, o momento da salvação envolve mais do que um ato isolado de obediência. Quando alguém coloca sua confiança na obra expiatória de Cristo e recebe o perdão dos seus pecados, também reconhece que o Salvador é Senhor e Mestre sobre sua vida. Isso significa que cada crente se comprometeu a uma vida de contínua obediência, embora inicialmente não tenha entendido plenamente todas as implicações desse compromisso.

A razão de não entendermos imediatamente todas as ramificações do nosso compromisso com Cristo, é que Deus, por meio do Espírito Santo, primeiro deve nos dar o sentido de dedicação. Ele não tem origem em nós, mas o Espírito produz em nosso coração o desejo de andar pelo caminho da obediência a Deus como servos de Jesus Cristo. Esse é o processo de santificação, mas isso é apenas uma fase da nossa salvação.

Uma perspectiva abrangente da salvação e de suas mais completas implicações começa com um entendimento básico da eleição divina. Em 1Pedro 1.1-2, os crentes são descritos como aqueles “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai”. A *presciência* é frequentemente mal interpretada. Não significa que todas as pessoas agem por sua própria vontade, sendo Deus um observador neutro, que na eternidade anteviu os que iriam ou não crer nele e então elegeu alguns para salvação e outros para perdição. Em vez disso, presciência significa que antes que qualquer pessoa tivesse nascido, Deus amorosamente predeterminou conhecer intimamente algumas pessoas e salvá-las.

A palavra grega para *presciência* indica um relacionamento predeterminado, o qual é o mesmo conceito que definiu o plano de Deus para escolher Israel entre todas as outras nações. Ele poderia ter escolhido uma nação de mais prestígio ou mais poderosa para proclamar sua verdade ao mundo, mas soberanamente predeterminou ter um relacionamento especial e pessoal com Israel (veja Am 3.2). Jesus falou disso referindo-se aos crentes, quando disse, “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10.27).

A eleição de acordo com a presciência de Deus é a primeira fase da salvação. O Senhor predeterminou, antes da fundação do mundo, que teria um

relacionamento espiritual mais íntimo com certas pessoas, que creram ou ainda viriam a crer no evangelho antes do fim dos tempos.

A frase seguinte de Pedro no versículo 2, “em santificação do Espírito” leva-nos novamente à santificação, a fase atual da salvação. O que era decreto de Deus na eternidade (eleição) avançou no tempo por meio da obra santificadora do Espírito Santo. Isso significa que os crentes são salvos pela operação do Espírito: “Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3.5). Assim, o trabalho santificador do Espírito Santo tem início quando somos salvos. A santificação inclui separação do controle do pecado, morte, inferno e Satanás e ser capacitado pelo Espírito Santo a viver uma vida obediente, cada vez mais e mais moldada à imagem de Jesus Cristo.

Viver uma vida de obediência é a terceira e futura fase da salvação, como indicada na declaração de Pedro “para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (v. 2). O objetivo primordial da redenção é que todos os crentes vivam o restante de suas vidas andando em obediência ao Senhor. O apóstolo Paulo esclarece e resume essa fase futura da salvação em Efésios 2.10, “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

UMA ALIANÇA DE OBEDIÊNCIA

A breve declaração em 1Pedro 1.2, “e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” nos apresenta um interessante desafio de interpretação. As palavras do apóstolo são relevantes para nossa discussão sobre questões da salvação, mas à primeira vista seu significado pode parecer um tanto estranho ou obscuro. O significado, no entanto, era claro para os primeiros ouvintes de Pedro, que incluíam muitos judeus convertidos. Ele se referia à seguinte passagem-chave do Pentateuco e à cerimônia representativa que descreve:

Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do SENHOR e todos os estatutos; então, todo o povo respondeu a uma voz e disse: Tudo o que falou o SENHOR faremos. Moisés escreveu todas as palavras do SENHOR e, tendo-se levantado pela manhã de madrugada, erigiu um altar ao pé do monte e doze colunas, segundo as doze tribos de Israel. E enviou alguns jovens dos filhos de Israel, os quais ofereceram ao SENHOR holocaustos e sacrifícios pacíficos de novilhos. Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco a respeito de todas estas palavras. (Êx 24.3-8)

Como vemos no início de Êxodo 24, Moisés havia acabado de receber a Lei de Deus (os Dez Mandamentos e muitas outras ordenanças) no monte Sinai. Antes da nova lei mosaica, Deus havia revelado sua vontade e seus caminhos ao seu povo de muitos modos. Mas daí em diante sua vontade seria escrita em detalhes absolutos – tudo sobre as leis morais e cerimoniais e todas as leis sobre a vida social e econômica.

Logo depois de descer do monte, Moisés, com a ajuda do Espírito, relatou

oralmente a extensa lei ao povo. E eles responderam oralmente a uma só voz o compromisso público, dizendo basicamente, “Nós obedeceremos a tudo que ouvimos”. Iniciou-se então um processo de aliança entre Deus e seu povo. Deus concordou, na forma da lei mosaica, em fornecer ao seu povo um conjunto de padrões de comportamento que, se violados, teriam certas implicações morais e espirituais. O povo concordou, mediante manifestação do seu voto público voluntário, em obedecer às Palavras de Deus e seguir o caminho de justiça que sua lei então estabelecia.

Em seguida à sua repetição oral da lei, Moisés (presumivelmente durante a noite), escreveu, sob a inspiração do Espírito Santo, todas aquelas palavras da lei. Cedo, na manhã seguinte, ele construiu um altar ao pé do monte Sinai para simbolizar publicamente a autenticação do pacto entre Deus e o seu povo no dia anterior. Para representar a participação de todos, a forma proeminente do altar consistia de doze colunas de pedra (na verdade, pilhas de pedras), uma para cada uma das doze tribos de Israel. Para acentuar mais o significado da decisão solene de cada um em obedecer à lei de Deus, holocaustos e ofertas pacíficas de novilhos foram feitas na presença do Senhor.

Em seguida, Moisés fez uma coisa fascinante com todo o sangue proveniente dos novilhos abatidos e preparados para o sacrifício. Metade do sangue permaneceu em grandes bacias, e a outra metade Moisés espalhou sobre o altar, o que representava Deus. Essa aspersão do sangue foi a etapa seguinte simbólica e demonstrável feita por Moisés para ratificar a aliança.

Então, como que para reforçar a importância do seu conteúdo, Moisés permitiu ao povo uma segunda oportunidade de ouvir a lei, por meio da leitura de todas as palavras que havia registrado na noite anterior. O povo de Israel respondeu exatamente como havia feito na repetição anterior da lei; “Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos!” (v. 7).

Finalmente, Moisés selou a aliança feita entre Deus e o povo tomando o sangue das bacias e aspergindo-o sobre o povo. O sangue era a demonstração física de que um compromisso havia sido feito entre as partes. O sangue no altar simbolizava a aprovação de Deus na revelação de sua Lei; o sangue sobre o povo simbolizava sua concordância em obedecer àquela lei.

Assim, o expressivo simbolismo de Êxodo 24.3-8 é um paralelo excelente às declarações sobre a salvação em 1Pedro 1.2. Quando Pedro diz, “e a aspersão do sangue de Jesus Cristo”, o apóstolo simplesmente quer dizer que, quando um crente confia em Cristo, ele aceita sua parte na nova aliança. Deus permitiu ao profeta Ezequiel antever este princípio: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ez 36.26-27, cf. Jr 31.33).

Desse modo, a salvação era e é um pacto de obediência. Deus forneceu sua Palavra, seus meios de graça, suas bênçãos e cuidado e nós respondemos

prometendo obedecer. É como se o sangue que foi aspergido em Cristo, o sacrifício perfeito, tivesse sido, então, aspergido sobre nós em virtude da nossa aceitação da sua nova aliança. Esse é um quadro maravilhoso.

OBEDIÊNCIA EM PRÁTICA

Quando chegamos à fé salvadora em Jesus Cristo, entramos num campo totalmente novo de obediência. Antes disso, éramos obedientes à carne, ao mundo e ao demônio e éramos controlados pelas várias facetas do pecado. Contudo, como crentes, somos agora obedientes à justiça de Cristo.

Romanos 6.16-18 nos lembra de qual é nossa posição em Cristo e conseqüentemente que tipo de atitude obediente devemos ter:

Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.

Primeiro, o apóstolo Paulo declara o fato óbvio de que, quando alguém se apresenta como escravo de outrem, a questão primária é a obediência – fazer o que o senhor diz. Isso é verdade tanto para aquele que é descrente e servo do pecado quanto para um crente e servo de Jesus Cristo.

Paulo toma essa simples ilustração e a aplica à frase crucial “obedecer de coração” no versículo 17. A obediência de coração deveria ser uma atitude e desejo fundamental de todo cristão. Ele ou ela devem ter um anseio tão forte pela obediência, que constantemente manifeste a obediência como um traço fundamental e característica interior de sua vida cristã. Os crentes se tornam tão obedientes ao que a Palavra de Deus lhes ensina que se transformam em “servos da justiça” (v. 18).

Outras passagens do Novo Testamento deixam claro que não é suficiente para os crentes simplesmente ouvir ou ler a Palavra (veja a séria advertência e a solene ilustração de Jesus em Mt 7.21-27). A pergunta essencial é: Eles a obedecem?

O apóstolo Tiago fala da importância da obediência quando declara: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (1.22). Quando alguém não aplica as Escrituras regularmente à sua vida, está enganado sobre sua verdadeira condição espiritual. Tiago ilustra esse princípio do seguinte modo: “[...] se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência” (v. 23-24). Deixe-me ilustrar isso ainda mais com um exemplo mais contemporâneo.

Suponha que um dia um homem decida raspar sua barba ou bigode. Enquanto se barbeia, é interrompido por uma chamada telefônica. Quando termina sua conversa, esquece-se de que estava se barbeando e, em vez de terminar, veste-se e vai trabalhar, e então passa a receber saudações hilárias dos seus colegas de trabalho, que lhe dizem o quão tolo ele está parecendo. Isso é o que acontece com

qualquer pessoa que meramente dá uma rápida olhada na Palavra, afasta-se e não a aplica na sua vida. Ela não percebe o quanto a sua condição espiritual está ruim e engana-se a respeito das suas verdadeiras necessidades espirituais.

Isso certamente se aplica a um descrente que ouve o evangelho, mas não dedica tempo para considerá-lo seriamente. As palavras da verdade não penetram, e ele permanece enganado sobre sua real condição. Tiago 1.23-24 aplica-se também a alguém que vai à igreja, ouve a pregação da Palavra, professa sua fé, pensa que é um cristão, mas nunca pratica nada do que ouve.

Lamentavelmente, um verdadeiro crente também pode estar enganado sobre o aperfeiçoamento espiritual que precisa fazer. Ele ouve a pregação sobre determinada área da vida cristã na qual ele é deficiente. Contudo, em vez de aplicar a Bíblia à essa área deficiente, continua a viver como vivia antes e está enganado sobre a verdadeira condição de sua vida espiritual.

Tiago conclui apresentando um perfil do cristão obediente: “Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar” (v. 25). No original grego, o verbo traduzido como “considera atentamente” se refere a uma observação minuciosa e prolongada a fim de avaliar devidamente alguma coisa. Você tem que examinar a lei da perfeita liberdade, a qual é a Palavra de Deus que o liberta do pecado e da morte (cf. Jo 8.32; 1Pe 1.23-25; 2.2), e cumpri-la. Somente sendo um “agente eficaz” e não um “ouvinte negligente” você finalmente será abençoado. Uma atitude de obediência traz bênçãos verdadeiras.

Concluindo, quando vivenciamos a salvação, fazemos também uma simples, mas abrangente, aliança de obediência com o Senhor. Portanto, a atitude de obediência deve acompanhar a atitude de fé na vida cristã, porque ambas são essenciais para nossa salvação. As igrejas abençoadas por terem crentes que exibem essas colunas gêmeas – a fé e a obediência – serão também repletas da alegria, do poder e das bênçãos de Deus.

BEM-AVENTURADOS OS HUMILDES

A verdadeira espiritualidade, que sempre é caracterizada pela fé e obediência bíblica, é também acompanhada pela atitude de humildade. Essa atitude é o ponto central da vida cristã. É a base de todas as graças e, no entanto, grande parte do que se passa por cristianismo atualmente enfatiza o orgulho e a autoestima, que também eram proeminentes no judaísmo nos dias de Jesus. Os judeus, notavelmente os escribas e os fariseus, desfilavam sua religião externa perante os outros e esperavam receber elogios bajuladores como retorno. Jesus expôs essa hipocrisia quando ensinou o seguinte aos doze e a outros discípulos:

Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado. (Mt 23.5-12)

O ENSINO DE JESUS SOBRE A HUMILDADE

Os líderes judeus obviamente não tinham dado atenção à instrução anterior do Senhor contra o orgulho espiritual, que ele toma como alvo no início das citações das bem-aventuranças: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.3-6). Cada uma dessas atitudes piedosas, acompanhadas de suas promessas, descreve pessoas que estão no reino de Deus. Elas identificam aquelas pessoas que sentem consolo em todas as questões importantes da vida e que aguardam um dia herdar a terra na sua forma máxima – as glórias do novo céu e nova terra. E cada bem-aventurança descreve um aspecto da humildade.

Pobreza de espírito

Cristo inicia o Sermão com a frase: “Bem-aventurados são os pobres de espírito” (ARC). “Pobre” provém do grego *ptochos*, que significa alguém que é tão pobre que precisa mendigar. Era empregado especificamente para mendigos que não tinham nenhuma habilidade profissional ou eram incapacitados demais para trabalhar. Essas pessoas pobres eram financeiramente falidas, totalmente desamparadas e sem quaisquer meios de sustento.

O reino de Deus pertence aos espiritualmente necessitados. Todos os que são genuinamente salvos descobriram sua própria falência espiritual; então, sabem

que não poderiam entrar baseados em nenhum valor próprio. Numa análise final, o reino pertence a todos que, como o coletor de impostos na parábola de Jesus, “não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lc 18.13).

Em contraste, não são aqueles que confiam no seu batismo, no fato de ter sido criado na igreja ou na sua herança cristã que têm o direito de pertencerem ao reino de Deus. Esse direito também não diz respeito às pessoas que confiam apenas numa data quando “tomaram uma decisão por Cristo” ou foram à frente no final de um culto. Igualmente, aqueles que sentem orgulho em se conformar a todas as práticas externas da tradição de sua igreja, que contribuem regularmente para vários ministérios, e que estão sempre ocupados com atividades religiosas, não podem presumir que são automaticamente membros do reino. Os únicos que podem reivindicar essa garantia são aqueles que humildemente se lançaram sob a misericórdia de Deus, sendo purificados dos seus pecados e por isso “desce[ram] justificado[s] para sua[s] casa[s]”, como Jesus descreveu o coletor de impostos em Lucas 18.14.

O choro espiritual

As pessoas que entendem sua falência espiritual e estão tratando dela também “choram” sobre seus pecados. Esse não é o choro impróprio que demonstra tristeza em decorrência de planos pecaminosos frustrados (veja 2Sm 13.2), ou que manifesta uma tristeza prolongada e depressiva ou uma somatória anormal de desgraças devido à lealdade e afeições mal direcionadas (veja 2Sm 18.33–19.6). Esse tipo de comoção é errado e, muitas vezes, está relacionado com culpa egoísta, infidelidades e uma pecaminosa falta de confiança no Senhor.

O choro do qual Jesus fala em Mateus 5.4 não é nem mesmo do tipo legítimo, o qual todos demonstramos de tempos em tempos, como parte normal da vida, tal como quando morre um ente querido (veja Gn 23.2); tampouco é o tipo de choro dos crentes quando são desencorajados em seu ministério (2Tm 1.3-4), quando estão lamentando pelos pecados de outrem (Jr 9.1), quando estão preocupados com o bem-estar espiritual de outros cristãos (At 20.31, 37-38), ou quando sentem-se angustiados pelas dificuldades de um parente ou amigo (Mc 9.24).

Jesus verdadeiramente conhece todas essas tristezas legítimas dos crentes, e dará a eles a ajuda de que necessitarem para lidar com as provações; mas não é esse o sentido de Mateus 5. No versículo 4, ele se refere a um choro piedoso que apenas aqueles que o estão buscando com seriedade para salvação ou apenas aqueles que já o conhecem podem vivenciar. Paulo elogiou os coríntios por esse choro piedoso (tristeza): “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte. Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados” (2Co 7.10-11).

Dentre os nove diferentes termos gregos para *tristeza* usados no Novo

Testamento, o que foi traduzido como “choram” em Mateus 5.4 ou em qualquer outra parte, representa os mais fortes sentimentos e o mais profundo pesar (cf. Mc 16.10, Ap 18.11, 15; e Gn 37.34 [Antigo Testamento Grego]). Ele transmite o conceito de profunda agonia interior, às vezes acompanhada externamente por choro e lamentos. Quando Davi se entristeceu pelo seu pecado e o confessou, declarou, “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo” (Sl 32.1-2).

Em Mateus 5.4, Jesus usa o particípio presente *penthountes*, indicando ação contínua. Crentes fiéis e maduros terão uma constante e duradoura atitude de tristeza ou quebrantamento em relação ao pecado, a qual lhes permitirá visualizar mais e mais o amor e a misericórdia de Deus, e cada vez menos o seu próprio orgulho. A verdadeira expressão dessa atitude (sem mergulhar na autopiedade ou falsa humildade) não se concentra na pessoa e no seu pecado, mas olha humilde e alegremente para Deus, que é o único que pode perdoar a iniquidade. É essa atitude que Paulo expressa em Romanos 7, descrevendo sua batalha contínua contra o pecado, a qual conclui dizendo: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (v. 24-25).

Se continuamente chorarmos por causa do pecado, continuamente seremos consolados. Embora possamos vivenciar esse consolo no presente (Mt 11.28; 2Ts 2.16), ele somente será completo na glória do céu, onde Deus “enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21.4).

Mansidão

A atitude de mansidão (Mt 5.5), de acordo com a divina sabedoria de nosso Senhor, enquadra-se como a seguinte em sua apresentação lógica das bem-aventuranças. A pobreza de espírito nos leva a nos afastarmos dos nossos próprios pecados e chorarmos por causa de nossa injustiça. A mansidão, que também é um resultado de nossa humildade, nos levará a buscar a justiça de Deus.

A palavra grega (*praos*), traduzida como “mansos” no versículo 5, significa essencialmente “macio” ou “suave” e algumas vezes descreve um medicamento calmante ou uma brisa suave. Descrevia também o temperamento de animais cujo espírito naturalmente selvagem havia sido domesticado para transformá-los em animais úteis de trabalho. Nos seres humanos, ela definia uma atitude dócil, submissa, quieta e compassiva. Embora Jesus, durante sua entrada triunfal em Jerusalém, fosse aclamado como Rei dos Judeus, Mateus diz também que ele era “humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga” (21.5).

A mansidão sempre foi a vontade de Deus para seu povo. Jó 5.11 diz que Deus põe “[...] os abatidos num lugar alto e para que os enlutados se alegrem da maior

ventura”. Moisés é descrito como sendo “mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (Nm 12.3). E Davi, o homem segundo o próprio coração de Deus, escreveu, “[o Senhor] guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho” (Sl 25.9).

A mansidão também é enfatizada ao longo de todo o Novo Testamento. Além do ensino de Jesus sobre ela, Paulo tinha muito a dizer. O apóstolo recomendou aos crentes de Éfeso “[...] que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4.1-2). Ele instruiu Tito a relembrar o povo a “que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra, não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens” (Tt 3.1-2).

Em inglês o termo *gentleness* [mansidão] (e especialmente seu antigo sinônimo *meekness* [brandura]) pode algumas vezes indicar fraqueza, mas essa é uma interpretação incorreta do significado bíblico. A mansidão é o poder colocado sob controle, como diz o escritor de Provérbios: “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (16.32). Em contraste, a pessoa que não é mansa é parecida com uma “cidade derribada, que não tem muros” (Pv 25.28). A mansidão sempre usa seus recursos de maneira apropriada, diferentemente das emoções fora de controle, que tantas vezes são destrutivas e não têm lugar na vida do crente.

A mansidão também não deve ser equiparada à covardia, falta de convicção ou mera simpatia humana. Ao contrário, é uma virtude que implica coragem, força, convicção e uma boa disposição provenientes de Deus, não de recursos humanos egocêntricos. A mansidão era a característica de nosso Senhor Jesus Cristo, que sempre defendeu a glória de Deus e por fim deu a si mesmo em sacrifício por outros (veja 1Pe 2.21-24). Embora não revidasse quando criticado, caluniado ou tratado injustamente, Jesus respondeu apropriada e firmemente quando a honra de Deus foi profanada ou sua verdade foi deturpada ou negligenciada. Por duas vezes ele limpou o templo à força (Jo 2.14-16; Mt 21.12-17) e repetidamente e sem medo denunciou a hipocrisia dos líderes religiosos judeus (Mt 23.13-36; Mc 12.13-40; Jo 8.12-59; 9.39-41).

Como Cristo, uma pessoa mansa não se defende. Isso porque ele morreu para o ego e, assim, não se preocupa com insultos, perdas materiais ou até mesmo injúria pessoal. O crente que tem mansidão sabe que por si mesmo não merece defesa e que, a longo prazo, todas as suas posses não constituem algo pelo que valha a pena lutar. Nesse sentido, a mansidão é o oposto de violência e vingança.

O resultado da mansidão, segundo Jesus, é que aqueles que a têm “herdarão a terra” (Mt 5.5). Algum dia Deus recuperará seu domínio terreno, que foi desfigurado pela queda, e os crentes governarão nesse domínio com ele. Desse modo, os mansos – todos os cristãos verdadeiros – podem confiar plenamente na

promessa de Jesus. O uso do enfático pronome grego *autos* por Nosso Senhor indica que *apenas* os mansos herdarão a terra com ele.

O termo grego para “herdarão” (*kleronomeo*) significa “alguém receber a parte que lhe foi atribuída ou herança legítima”. É uma promessa, juntamente com o salmo 37.11, que a despeito da atual prosperidade de muitos descrentes e o sofrimento que muitos crentes agora suportam, um tempo de ajuste de contas virá. O descrente (a menos que se arrependa e creia) será julgado, e o crente herdará a bênção que Deus prometeu.

Fazer justiça e conceder bênção estão nas mãos soberanas de Deus e será cumprido precisamente no seu tempo, de acordo com sua vontade. Nesse meio-tempo, seus filhos devem viver em fé e obediência, com mansidão, sabendo que então “herdarão a terra”.

Fome e sede espiritual

A quarta bem-aventurança – “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6) – é mais positiva e deriva das três anteriores. Quando alguém morre para si mesmo, chora por causa da sua pecaminosidade e devolve o seu poder para o controle de Deus, passará a sentir um forte desejo pela justiça e uma intensa aspiração por mais daquilo que Deus tem.

Martin Lloyd-Jones define a importância de Mateus 5.6:

Essa bem-aventurança [...] é uma afirmação para a qual todas as demais conduzem. Ela é a conclusão lógica à qual elas chegam, e é algo pelo qual devemos ser profundamente reconhecidos e gratos a Deus. Não sei de um teste melhor que alguém possa aplicar a si mesmo nessa questão da profissão de fé cristã do que um versículo como esse. Se esse versículo é para você uma das mais abençoadas declarações de toda a Escritura, você pode estar totalmente certo de que é um cristão. Se não for, então seria melhor que você examinasse novamente os fundamentos. (*Studies in the sermon on the mount* [Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1971], 1:73-74)

Embora os verdadeiros cristãos ainda lutem contra a carne não redimida (cf. Rm 8.23), eles desejam conhecer mais e mais a verdade de Deus e obedecer a ela. Isso é evidente na confissão de Davi: “Quanto amo a tua lei!” (Sl 119.97). O apóstolo Paulo testifica a mesma paixão por justiça: “Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7.22).

Uma história verdadeira da Primeira Guerra Mundial é uma excelente ilustração do intenso significado que a expressão “fome e sede” de Jesus transmite. Quando a Palestina foi libertada, uma união de forças do Império Britânico perseguiu de perto os turcos em retirada através do deserto. Os soldados aliados logo ultrapassaram o comboio de camelos deles que transportavam água quando passaram por Berseba, e rumaram para o norte. Não demorou muito tempo para os homens ficarem sem água e começarem a sentir os efeitos adversos. Ficaram com a boca seca, os lábios incharam e tornaram-se roxos. Sentiam dor de cabeça, tontura e houve desmaios. Seus olhos vermelhos e turvos viam miragens. Desesperados, então reconheceram que precisavam alcançar os poços de Sheriah ao cair da noite, para evitar milhares de mortes. Centenas já haviam morrido de sede, de modo que os outros lutaram arduamente

e retiraram as forças turcas de Sheriah.

Depois da batalha, as mais fortes tropas britânicas foram requisitadas para ficar de prontidão perto das gigantes cisternas de pedra, enquanto a água era distribuída para os feridos e para os que deveriam ocupar os postos de guarda. Enquanto os necessitados se revigoravam, os outros homens ficavam a não mais de 6 metros dos galões de água. Eles haviam agonizado por muitos dias para alcançar toda aquela água refrescante e, no entanto, ainda foram obrigados a esperar quatro horas a mais antes de desfrutar dela.

É dito que um dos oficiais que testemunhou aquela marcha teria feito esta aplicação espiritual: “Creio que todos aprendemos nossa primeira lição bíblica real na marcha de Berseba para os Poços de Sheriah. Se tivéssemos essa sede por Deus, pela justiça e pela vontade dele na nossa vida, um desejo consumidor, abrangente e preocupante, o quanto não seríamos ricos no fruto do Espírito?” (E. M. Blaiklock, “Water”, *Eternity* [ago/1966], 27).

Essa ilustração mostra que Jesus usou os mais poderosos impulsos e anseios naturais para ilustrar como os crentes deveriam desejar profundamente a justiça. As palavras “fome” e “sede” estão ambas no particípio presente, significando um desejo e uma busca contínuos. Se conhecemos Cristo, ansiaremos continuamente por santidade, da mesma maneira que desejamos conhecê-lo quando fomos salvos. A ausência de pecado e a total semelhança a Deus não ocorrerão até que cheguemos ao céu; portanto, sempre precisaremos estar, sem nunca cessar, famintos por mais e mais crescimento em santificação. Essa é uma atitude que teremos todos os dias (cf. Lc 6.21) se formos verdadeiramente humildes. Paulo orou pelos Filipenses “que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo” (Fp 1.9-10).

Outra característica da fome espiritual é que seu objeto é todo-abrangente. Isso é claramente visto na gramática de Mateus 5.6. Jesus usa o genitivo acusativo grego para “justiça”, o que o torna o objeto completo, não qualificado de “fome e sede”. Todos aqueles que verdadeiramente anseiam por justiça desejarão toda a justiça existente (cf. 5.48, 1Pe 1.15-16).

Nosso Senhor também usa o artigo definido grego (não incluído em muitas traduções para a nossa língua) antes de “justiça”, o qual indica um tipo especial de justiça – a justiça – a qual é verdadeira e provém somente de Deus, porque, na realidade, ela reside nele.

Finalmente, a atitude de fome espiritual é incondicional. Se tivermos essa fome, procuraremos e aceitaremos a justiça de Deus qualquer que seja a forma em que ele a fornecer, e obedeceremos às suas ordens não importando quão desafiadoras ou difíceis possam ser. Não seremos como o jovem rico (Mc 10.17-22) que ansiava mais pelas coisas do mundo do que pelas coisas de Deus. Suas condições egocêntricas para as bênçãos de Deus o impedia de recebê-las. A fome espiritual quer somente Cristo e seu reino (cf. Sl 119.20; Is 26.9) – mesmo

que isso signifique não ter algumas das riquezas materiais que as pessoas do mundo têm.

As atitudes que Jesus ensinou em Mateus 5.3-6 devem caracterizar os crentes ao longo de toda a sua vida terrena. Se você é um cristão, não se tornará mais digno de salvação ou mais digno da bondade de Deus do que quando começou a fazer parte do reino. Você ainda peca e ainda é a graça de Deus que o sustenta. Assim, não há nunca um tempo ou um lugar para que o orgulho egoísta seja exercido na sua vida. Quaisquer atos piedosos e trabalhos nobres que possam ser manifestados em você, são obras do Senhor, não de sua própria engenhosidade ou bondade inata. Essa é razão por que Pedro nos exorta em 1Pedro 5.5-6, “sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte”.

O ESPINHO NA CARNE DE PAULO

Não há dúvida de que Deus quer que os crentes tenham humildade. Contudo, em decorrência da persistente pecaminosidade deles, Deus, algumas vezes, faz o que for necessário para humilhá-los. Até mesmo o apóstolo Paulo vivenciou a humilhação que lhe foi infligida por Deus no meio de seu ministério, não apenas na sua conversão na estrada de Damasco:

Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas. Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve. E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. (2Co 12.1-9)

Muito embora ele fale um tanto indiretamente no versículo 2 de “um homem em Cristo”, o contexto torna óbvio que Paulo está se referindo a si mesmo. Ele menciona uma experiência extraordinária e sobrenatural que havia tido há quatorze anos (provavelmente em algum tempo entre o seu retorno a Társis, vindo de Jerusalém [At 9.30] e o início de suas viagens missionárias [At 13.1-3]), os detalhes e a realidade da qual ele não entendia e não podia explicar completamente. Ele não estava certo se havia sido levado ao céu corporeamente, ou se seu espírito foi de algum modo transladado fora de seu corpo. Porém, Deus sabe como aconteceu e isso é o que importa.

Quaisquer que fossem os detalhes, Paulo foi maravilhosamente transportado ao “terceiro céu” (o mesmo lugar que “Paraíso”), a habitação do Deus Todo-Poderoso e o lugar do seu trono. Apesar da incompleta e imprecisa compreensão de como as coisas aconteceram, Paulo repetiu, como que para enfatizar, sua

afirmação de que ele verdadeiramente foi elevado ao céu. Ele estava certo que isso realmente ocorreu e até mesmo que ouviu palavras de origem sobrenatural, dirigidas somente a ele. Essa foi uma experiência única para Paulo, não importando o que muitos carismáticos ou místicos estejam reivindicando nos dias atuais. As palavras que ouviu foram também especiais – “palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (v. 4), e, além do que o texto afirma, não podemos saber quais foram.

Contudo, as várias incógnitas do relato de Paulo são irrelevantes. Seu propósito real em escrever sobre sua incrível experiência é relatar o que aprendeu sobre humildade. O apóstolo sabia que não lhe havia sido concedida uma viagem especial ao céu porque fosse tão espiritual que merecesse esse privilégio. Embora parte dele quisesse celebrar e regozijar-se com a lembrança dessa jornada, ele estava mais inclinado a olhar para trás e se regozijar pelas suas fraquezas.

Esse incidente e várias outras visões e revelações (p. ex., At 9.3-18; 16.9-10; 27.23-24; Gl 1.12; 2.2; Ef 3.3) poderiam facilmente ter levado o apóstolo a se exaltar com orgulho e sentimentos de superioridade. É por isso que 2Coríntios 12.7 diz: “E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte”.

Paulo escreve metaforicamente de um “espinho”, mas o agente de sua humilhação é mais parecido com uma estaca afiada que poderia ser fincada diretamente na sua carne de outro modo orgulhosa. Não era algo pequeno como um espinho numa roseira, mas algo relevante o suficiente para realmente humilhá-lo. De fato, era um mensageiro de Satanás a quem Deus permitiu para impedir que Paulo se envaidecesse pelo orgulho. E é claro que essa pessoa tinha permissão de Deus para afligir Paulo, porque o apóstolo inutilmente pediu ao Senhor três vezes para remover o espinho.

Acredito que essa referência particular a uma pessoa possuída pelo demônio, ou inspirada satanicamente, se referia ao líder dos falsos mestres de Corinto que estava conspirando contra Paulo e devorando a igreja de Corinto. Sem dúvida, Paulo não gostava de ser colocado contra a parede pelos seus oponentes em Corinto, e é totalmente provável que tenha orado para que Deus os destruísse, assim como Davi orou nos salmos imprecatórios com referência a seus inimigos. Mas Deus queria usar o líder dos inimigos de Paulo como um instrumento para humilhá-lo. O Senhor estava disposto, como costuma fazer, a usar quaisquer extremos necessários para humilhar um de seus servos, ainda que isso significasse mandar um mensageiro de Satanás para atormentar Paulo, permitindo divisões na igreja de Corinto para desafiá-lo, ou permitindo que seus inimigos em Corinto o testassem diretamente ao difamar o seu caráter. É crucial para Deus que os crentes entendam e adotem a atitude de humildade.

A passagem de 2Coríntios 12.9 explica ainda como a humildade é importante para que conheçamos a Cristo: “Então, ele me disse: A minha graça te basta,

porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo”. Deus derrubou Paulo e o ensinou que quando estava no seu limite máximo e não tinha nada, então era mais útil no ministério. Assim, o apóstolo chega ao entendimento de que o poder espiritual está diretamente relacionado com a humildade e o quebrantamento. Ele sondou seu coração, deixou que a obra de humildade do Senhor avançasse e aprendeu a aceitar a adversidade – falsas acusações, críticas maliciosas e ataques ao caráter, e grande deturpação dos seus motivos. Ainda são essas as coisas que frequentemente devemos fazer se quisermos demonstrar uma atitude genuína de humildade.

AS MARCAS DA PESSOA HUMILDE

Algumas das marcas mais verdadeiras do cristão humilde estão resumidas na exortação de Paulo aos Filipenses: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (2.3-4).

A primeira marca básica da pessoa humilde é que ela vê seu próprio pecado como pior do que o dos outros. O próprio Paulo foi um exemplo perfeito dessa atitude: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1.15). Quando são os *nossos* próprios pecados os que mais nos entristecem e nos ofendem e se constituem naqueles que mais queremos evitar, então demonstramos uma verdadeira medida da humildade.

Uma segunda marca da pessoa humilde é que ela não é egocêntrica (Fp 2.4). Pessoas altruístas se preocupam mais com os outros, incluindo seus empreendimentos, seus sucessos e fracassos, suas bênçãos e desapontamentos, e sua prosperidade ou pobreza. Seus próprios interesses, privilégios, popularidade, conquistas ou reputação são secundários quando comparados com as necessidades dos outros.

Certamente, o Senhor Jesus teve a atitude suprema de abnegação, como expressa Filipenses 2.5-8:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Cristo estava perfeitamente disposto a deixar de lado seus privilégios divinos e ser separado do Pai para sofrer uma agonia inexplicável e incompreensível para que pudéssemos ser salvos. Essa passagem conhecida e maravilhosa realça a magnitude da humildade do nosso Senhor e Salvador em nosso favor. Ele desceu até o nosso nível humano – até mesmo tomando a forma de servo – de modo que na sua morte sacrificial ele pôde cumprir os planos de redenção de Deus para todos nós que temos fé nele e o obedecemos.

A atitude de humildade fecha o círculo – de volta a Jesus Cristo e o que ele

humildemente fez por pecadores espiritualmente falidos e completamente indignos. Isso nos leva de volta para qual deve ser a nossa atitude se quisermos colher os benefícios de sua obra expiatória e entrar no seu reino. É a atitude que Jesus insistiu que os discípulos tivessem:

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. (Mt 18.1-4)

Bem no meio do debate orgulhoso dos discípulos entre eles mesmos a respeito de quem seria o maior no reino, Jesus usou uma criancinha para ilustrar a humildade. Uma criança é totalmente dependente, e essa é a atitude que devemos ter ao buscarmos entrar no reino de Deus. Devemos entrar com a fé e obediência infantis, e devemos viver cada dia da vida cristã com uma atitude de humildade infantil. Como Augusto Toplady escreveu na terceira estrofe do seu grande hino “Rocha eterna”:

*Nada trago em minhas mãos
Simplesmente a tua cruz me apego,
Nu, vou a ti para vestir-me,
Desamparado, confio em ti para a graça.*

A NATUREZA ALTRUÍSTA DO AMOR

J. C. Ryle, o bispo anglicano do século 19, escreveu em 1878 o seguinte sobre o amor:

A caridade [amor] é corretamente chamada de “a rainha das graças cristãs”. “[...] o intuito da presente admoestação” diz São Paulo, “visa ao amor” (1Tm 1.5). Ela é uma graça que todas as pessoas afirmam admirar. Ela parece ser algo prático que todos conseguem entender. Não é nenhum “desses pontos doutrinários problemáticos” sobre os quais os cristãos divergem. Suspeito que milhares não se envergonharão em dizer-lhe que não sabem nada sobre justificação e regeneração, sobre a obra de Cristo ou do Espírito Santo. Mas ninguém, acredito, gostaria de dizer que não sabe nada sobre “caridade!” Se os homens não tivessem nada mais de religioso, eles sempre se vangloriariam de ter “caridade”. (*Practical religion* [1878; Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1977], 165)

Infelizmente, nada mudou muito em mais de cem anos. O conceito de amor ainda é mal entendido, distorcido e incorretamente definido pela pessoa comum, devido grandemente à nossa cultura popular dominada pela mídia e pelo entretenimento. O amor é definido em termos subjetivos e sensuais em incontáveis canções populares de várias gerações passadas. Ele é trivializado constantemente no fluxo diário de comerciais e propagandas, que nos confrontam por meio da televisão, rádio, jornais, revistas e agora pela internet. E muitos cristãos estão confusos pela ênfase contemporânea em “amor e tolerância” que promove um desvanecimento ecumênico das distinções doutrinárias (p. ex., entre evangélicos e católicos), tudo em nome do “ministério cooperativo” para promover a integração de alguns programas sociais, familiares e morais que supostamente aperfeiçoarão a cultura.

O AMOR BIBILICAMENTE DEFINIDO

Como acontece com qualquer perspectiva pecaminosa, incorreta ou confusa sobre um tema espiritual, a Bíblia é a melhor fonte para esclarecer e ou pensar sobre o amor. A Palavra de Deus faz inúmeras referências ao amor, mas Efésios 5.1-2 nos fornece um ponto de introdução ao assunto e uma excelente definição de amor: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”.

Se você quiser imitar a Deus e ser conhecido como seu filho, ande em amor porque o próprio Deus é amor (1Jo 4.8; cf. 3.16). A palavra grega para “imitadores” (*mimēte-s*) é a raiz da nossa palavra *mímica*, alguém que imita as características específicas de outrem. Como crentes, devemos imitar as características de Deus que definitivamente incluem seu amor. Seu propósito na

salvação era redimir-nos do pecado e moldar-nos à “imagem de seu filho” (Rm 8.29). Pedro nos ordena, “não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.14-16; cf. Lv 11.44).

Somente imitaremos a Deus ao deixarmos Cristo viver sua vida perfeita por nosso intermédio e dependermos completamente do seu Espírito que habita em nós (Rm 5.5, Ef 3.16, 19). Então conseguiremos que todos os nossos atos “sejam feitos com amor” (1Co 16.14).

Assim como as crianças instintivamente imitam as ações e o comportamento de seus pais, as crianças espirituais deveriam desejar imitar a Deus, porque ele lhes deu o direito de serem seus filhos (Jo 1.12; Gl 3.26). Para todos nós que somos crentes, este era seu plano desde a eternidade: Deus “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.5). Assim, como filhos de Deus, torna-se natural para nós sermos como ele é em todos os aspectos – santo, bondoso, perdoador, humilde e amoroso.

A mais nobre característica divina que podemos imitar é o amor sacrificial. Como diz Efésios 5.2, Jesus “se entregou a si mesmo por nós”. Isso foi o ápice do amor *agape* – não apenas nutrir bons sentimentos por alguém, mas doar-se incondicionalmente pelo bem-estar de outro (cf. 1Jo 3.16). Cristo não se sacrificou por nós porque fomos merecedores disso (Rm 5.8, 10), mas meramente pelo seu soberano e misericordioso amor, pagando a enorme penalidade do pecado por todos aqueles que creem.

É evidente a diferença entre o amor incondicional de Deus e o amor humano condicional. O amor condicional se manifesta quando as pessoas retiram seu amor de qualquer pessoa que não preencha suas expectativas. Isso ocorre com frequência entre marido e mulher. Esse tipo de amor tem altos e baixos e algumas vezes desaparece do casamento, o que pode resultar em separação ou divórcio. Contudo, a perda do amor romântico não é uma razão bíblica para dissolver um casamento, porque Deus ordena que o marido ame sua esposa incondicionalmente, assim como ele nos ama (Ef 5.25, Tt 2.4). O amor romântico certamente melhora o relacionamento conjugal, mas o amor que em última instância mantém um casamento cristão é o do tipo do amor de Deus, que continua a dar mesmo quando não recebe.

Efésios 5.2 é a mais clara e mais precisa definição da atitude de amor encontrada em qualquer parte da Palavra de Deus. O amor não é antes de tudo uma emoção que nos faz sentir apaixonados e sentimentais. Ao contrário, é um ato de autossacrifício. Compreendemos isso quando vemos que Deus nos amou, como foi evidenciado pelo sacrifício que seu filho fez por nós. Uma atitude de amor genuíno dará magnanimamente, mais e mais, e fará tudo o possa imaginar, sempre sem se preocupar consigo mesmo.

A PERVERSÃO DO AMOR POR PARTE DO MUNDO

Como eu disse no início deste capítulo, o mundo em sua maior parte nada sabe sobre a definição bíblica de amor. O apóstolo Paulo destaca esse fato, contrastando a necessidade do crente de imitar o amor de Deus (Ef 5.1-2) e de evitar as expressões perversas e mundanas do amor: “Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos” (5.3).

Satanás sempre falsifica as coisas boas que Deus estabelece. Em contraste com o amor incondicional e não egoísta de Deus, Satanás promove um amor lascivo e autoindulgente. Os objetos do amor mundano são somente aqueles de certo modo atraentes, agradáveis, satisfatórios e recíprocos. Esse tipo de amor pode ser recíproco, mas dá pouco e espera receber muito em retorno. Nosso Senhor não faz elogio a esse tipo distorcido de amor: “Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?” (Mt 5.46).

Não é de admirar que a qualidade do amor de Satanás inevitavelmente leva à imoralidade e impureza. Hoje, se um solteiro “se apaixona”, isso muitas vezes leva à fornicação. Se alguém é casado e “se apaixona” por outra pessoa que não o seu próprio cônjuge, isso frequentemente leva a um caso de adultério. Se alguém “se apaixona” por alguma pessoa do mesmo sexo, essa pessoa assume que não há problema em se envolver em atividade homossexual.

O termo grego em Efésios 5.3 que abrange as várias formas de pecado sexual (“imoralidade”) é *porneia*, do qual deriva na nossa língua a palavra *pornografia*. É o oposto do grego *enkrateia*, que geralmente se refere ao domínio próprio no âmbito sexual. Esse é o termo que Lucas usou em Atos 24.25 para descrever o confronto de Paulo com o governador Felix – “Dissertando ele acerca da justiça, do *domínio próprio* e do juízo vindouro” (itálicos meus). O apóstolo, em essência, disse a Felix, que havia roubado sua esposa Drusila do seu ex-marido e, portanto, estava cometendo adultério, que ele estava pecando ao recusar-se a dominar seu desejo sexual, e por essa razão se encontrava sob o julgamento de Deus.

A perda do domínio próprio com relação ao sexo também conduz à “impureza” (*akatharsia*), um termo mais inclusivo do que *porneia*. Jesus usou *akatharsia* para descrever a podridão na tumba (Mt 23.27), mas seu uso em outras passagens do Novo Testamento se refere a paixões libidinosas, ideias impuras, fantasias e todas as outras formas de pecado sexual.

Tanto a imoralidade quanto a impureza são manifestações de “cobiça”, sexual egoísta, e a cobiça, em geral, é contrária à natureza abnegada do amor. Esse tipo de cobiça se disfarça como algo atraente e recompensador, mas na realidade é prejudicial e odioso, porque não busca a pureza dos outros desinteressadamente, como faz o amor. Em razão da cobiça sexual aparentar ser tão boa, podendo ter um apelo poderoso, os cônjuges abandonam um ao outro, as famílias negligenciam ou destroem uma à outra, e os amigos odeiam um ao outro.

A forte cobiça sexual raramente parará no intuito de realizar sua

concupiscência. Pelo fato de esses desejos poderosos existirem dentro das pessoas, o pecado sexual ficou totalmente fora de controle, acompanhado por total insensibilidade com relação aos sentimentos e bem-estar dos outros, terrível violência e selvageria e até mesmo assassinato. Tristemente, um fenômeno da geração passada que produziu terríveis consequências, foi a legalização do aborto.

Os defensores e praticantes do aborto, e as muitas mulheres que foram efetivamente submetidas ao procedimento, são todos exemplos de como a cultura ocidental está mergulhada no amor-próprio e quão longe foi ao aplicar suas definições sexualmente pecaminosas aos relacionamentos pessoais. A batalha pelo aborto não é apenas pelo direito de matar bebês – apenas as pessoas aparentemente mais sádicas defenderiam isso. A razão subjacente é que as pessoas desejam ter a opção do aborto para manter sua “liberdade sexual” e sua conveniência pessoal. A exigência delas por tais “direitos” é tão avassaladora, que sua solução para as consequências indesejadas de suas relações sexuais não é parar com a promiscuidade, mas matar as crianças não nascidas que geraram. As pessoas são tão obcecadas por poderem ter sexo sem implicações ou responsabilidades que estão dispostas a racionalizar o assassinato dos membros mais indefesos e mais inocentes da sociedade. Como declarou, sem rodeios, um escritor contemporâneo: “O aborto é o desejo de matar em decorrência da vontade de copular”.

CORRUPÇÃO DA CULTURA DO FALSO AMOR

A sociedade ocidental tem um foco e uma preocupação tão obsessivos no prazer sexual que corrompeu a cultura em seu âmago. Essa corrupção é um produto primário da enorme guerra cultural que está sendo travada hoje. Nem sempre os crentes compreendem a extensão, a natureza ou a intensidade do conflito, mas ele retrocede muitos séculos ao que Agostinho chamou de a batalha entre a cidade de Deus e a cidade do homem. Ele viu uma luta constante entre o cristianismo bíblico e o sistema satânico mundial. No campo moral da nossa cultura, o conflito é quase exclusivamente sobre sexo – promiscuidade heterossexual e homossexual, divórcio, aborto e feminismo. Tudo isso faz ataques diretos contra o amor verdadeiro.

Na guerra cultural travada contra o reino de Deus, Satanás parece usar um plano de seis passos para mobilizar as forças do seu reino mundano. Podemos vislumbrar o desenrolar de seu projeto um pouco mais ao longo destas linhas:

(1) O objetivo máximo de Satanás é ganhar almas para sua causa.

(2) Uma maneira poderosa e eficaz que Satanás usa para ganhar adeptos para seu sistema é corromper a sociedade. Ele simplesmente toma posse da máxima segunda a qual uma boa sociedade é aquela que facilita às pessoas serem boas, e uma má sociedade é a que facilita às pessoas serem más. Satanás influencia a sociedade para o mal mediante a exploração da tendência das pessoas a se conformarem às opiniões, ideologias e tendências divulgadas pelos jornais, pela propaganda e pelos meios de entretenimento. Ele realiza isso simplesmente

manipulando essas forças de comunicação culturalmente influenciáveis. Diariamente vemos exemplos do diabo controlando os meios de comunicação (a qualidade excessivamente mundana da programação das redes de televisão, a quantidade desproporcionalmente grande de conceitos seculares no jornalismo, filmes com imagens sexuais e violentas, a saturação de anúncios materialistas e hedonistas e assim por diante). A taxa do sucesso de Satanás pode ser mensurada observando-se o quanto é mais fácil ser mau numa sociedade que se torna cada vez pior.

(3) Outro meio poderoso que Satanás usa para corromper a sociedade é sua destruição da família, o elemento cultural fundamental onde o amor sacrificial pode ser aprendido diariamente.

(4) Ele pode destruir a família ao destruir o casamento.

(5) Ele pode destruir casamentos ao enfraquecer a fidelidade sexual, a cola que mantém os cônjuges unidos.

(6) Finalmente, Satanás destrói a fidelidade por meio da revolução sexual. Essa revolução, que ganhou impulso nos anos 1960, exige que as pessoas sejam livres para fazer o que quiserem sexualmente. Como já vimos, ela é a peça central da redefinição e distorção trágica do ideal bíblico de amor. É também o instrumento mais estratégico do diabo para travar a guerra cultural contra a cidade de Deus e todos os que confiam nele.

A revolução sexual irá talvez ser provada como a mais destrutiva da História, muito pior do que qualquer revolução política ou militar que tenhamos conhecido. Enquanto a cultura ocidental estava preocupada com a Guerra Fria e apreensiva com a União Soviética e suas nações satélites por trás da Cortina de Ferro, a corrida de armas nucleares, a corrida espacial, as ameaças de espionagem estrangeira e muitas outras ameaças externas, a revolução sexual estava firmemente fragilizando e destruindo os próprios fundamentos da sociedade. Ela é a força cultural predominante que nos trouxe ao atual estado de corrupção e relativismo moral.

A sociedade atual é uma imagem de uma cultura que redefiniu completamente o amor – longe da preocupação de amor incondicional e altruísta pelo bem-estar de outros, para um interesse ganancioso e luxurioso por liberdade sexual e “satisfação” individual. Nada pode estar mais distante do correto entendimento bíblico do amor. No entanto, a nova definição confirma aquilo a respeito do qual Efésios 5.3-7 nos alerta. Mas a pergunta permanece: Como a atual sociedade egoísta, saturada de sexo poderá ver uma verdadeira demonstração de amor? A resposta é profundamente ilustrada pelo nosso Senhor em João 13.

O EXEMPLO PRÁTICO DO AMOR DE CRISTO

João 13 nos fornece uma visão penetrante do interior da desesperadamente necessária e divinamente inspirada atitude de amor. O apóstolo João relata a demonstração prática de Jesus:

Antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim? Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. (13.1-17)

Esse episódio ocorreu, é claro, no Cenáculo, durante aquela noite fatídica, antes de Jesus ser crucificado e quando Judas Iscariotes perfidamente o traiu para os líderes religiosos judeus e às autoridades romanas. Enquanto isso, os outros discípulos foram pegos numa discussão egoísta sobre quem seria o maior no reino de Deus. Nenhum deles aparentava ter um mínimo de sensibilidade ou consideração pelo que Jesus estava prestes a passar, apesar de, recentemente ele haver lhes contado que logo morreria e não estaria com eles por muito tempo. Todos esses fatores negativos teriam tornado os discípulos menos merecedores de amor pelos padrões humanos, mas o versículo 1 diz que o Filho de Deus “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. O amor de Cristo em relação aos que são seus era (e é) incondicional. Ele amou os discípulos até ao fim, mesmo quando demonstraram a pior indiferença a ele.

O versículo 3 começa a revelar a demonstração real do amor de Jesus. Ele sabia que Deus Pai havia soberanamente dado todas as coisas em suas mãos, que ele havia sido enviado ao mundo pelo Pai e que voltaria a Deus no tempo apropriado. Não há nenhuma dúvida de que Jesus agonizou (no Jardim do Getsêmani) por causa da aproximação real de sua morte substitutiva na cruz, mas ele não tinha temor com relação aos acontecimentos que estavam por vir (cf. Jo 17).

Com a perfeita segurança de que todos os acontecimentos envolvidos estavam sob o controle de Deus, Jesus voltou sua amorosa atenção para os seus discípulos (v. 4). Ele tirou sua capa e túnica, ficando apenas com sua roupa de baixo, provavelmente com suas pernas e troncos nus. Ele então pegou uma toalha e prosseguiu com a tarefa de lavar os pés dos discípulos.

No antigo Oriente Médio era apropriado, por costume e por necessidade, lavar os pés antes de uma refeição. Naqueles dias, as pessoas usavam sandálias nos pés descalços para andarem sobre o solo empoeirado, caminhos e estradas sem pavimentação. Era conveniente que o anfitrião de um banquete ou um de seus servos lavasse os pés sujos dos convidados. Como era costume haver jantares

prolongados com pessoas se reclinando próximo dos pés de outros, os pés limpos melhoravam muito o conforto na proximidade de cada convidado.

A tarefa de lavar os pés normalmente cabia ao escravo mais baixo na escala social; então, essa não era uma tarefa agradável. Aparentemente, a sala em Jerusalém que Jesus e os doze haviam procurado para celebrar a ceia da Páscoa não tinha nenhum servo disponível, e nenhum dos discípulos se ofereceu para lavar os pés dos demais. Provavelmente, nenhum queria se humilhar de tal maneira que fosse desqualificado para a mais alta posição no reino, visto que o debate sobre o reino ainda estava na mente deles.

Assim, Cristo humildemente tomou a iniciativa e começou a fazer o que ninguém mais na sala estava disposto a fazer. Ao vir com sua toalha e a bacia de água para perto de Pedro, deve ter ocorrido um instante de silêncio por haverem os homens testemunhado o Rei da Glória desempenhando uma das tarefas mais humildes e desagradáveis. Mas Pedro, no seu usual papel de porta-voz do grupo, logo quebrou o silêncio.

Simão Pedro perguntou a Jesus: “Senhor, tu me lavas os pés a mim?” (v. 6), como se para dizer a ele “Senhor, o senhor não deveria fazer isso”. A resposta de Jesus – “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v. 7) – indicava que Pedro e os outros ainda não haviam entendido a extensão da condescendência do Senhor em favor deles (cf. Fp 2.5-8).

Mas Pedro, de seu modo tipicamente atrevido, persistiu em dizer a Jesus que isso não era certo, que ele jamais deveria lavar seus pés. Isso prontamente levou o Senhor a esclarecer o verdadeiro significado espiritual do que estava fazendo: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (v. 8). A intenção de Cristo é fundamental: Pedro e qualquer outro que tivesse um relacionamento de salvação com Deus deveria ter seu coração limpo e lavado por Cristo.

De alguma maneira, o que Pedro e seus colegas discípulos haviam aprendido antes com Jesus simplesmente não se encaixava na mente deles. Eles sabiam que ele era “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16), que ele “veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). Eles testemunharam seu poder em vários milagres. Ouviram-no ensinar que ele tinha de morrer (Jo 12.24-25, 32-33). Ainda assim estavam tendo dificuldade em aceitar todas aquelas verdades, principalmente a execução do seu Senhor numa cruz, e em assimilar todas as implicações.

No entanto, Pedro perseverou em sua busca para entender o que Jesus estava dizendo. Ele fez uma mudança radical e insistiu para que Cristo lavasse “não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (v. 9). Ele definitivamente queria um relacionamento com Cristo, mas ainda estava incerto com relação ao que exatamente necessitava de Cristo nesse momento. Então, Jesus foi além, iluminando o significado espiritual de suas ações: “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos” (v. 10).

Em essência, Jesus estava dizendo que houve um tempo em todos nós que somos crentes vivenciamos o lavar da regeneração. Isso aconteceu quando fomos espiritualmente lavados da cabeça aos pés e nossos pecados foram completamente purificados. Mas quando caminhamos pelo mundo e nos tornamos contaminados com a poeira e a sujeira de uma sociedade pecadora, necessitamos de uma confissão diária, arrependimento e purificação que mantenha nossos pés limpos e nos permita ter comunhão com Cristo e cumprir fielmente sua vontade.

As palavras de Jesus também afirmaram a Pedro que ele havia sido verdadeiramente salvo e limpo dos seus pecados. Ele não precisava de outro banho, mas somente da constante lavagem espiritual dos pés, que o manteria caminhando com o Senhor.

Jesus então terminou a tarefa de lavar os pés dos outros discípulos, ocasião em que resumiu o significado geral de suas ações. (v. 12-16). Essa foi uma profunda lição concreta de como age o amor. Ele os amou até ao fim, até ao máximo, o que significa que humildemente demonstrou sacrifício próprio e proveu suas mínimas necessidades, no nível mais básico. Seu altruísmo iria logo superar o lavar os pés indo para seu supremo ato de amor – sua morte na cruz, quando ele carregaria os pecados deles e os nossos, incluindo todos aqueles pecados de indiferença e egoísmo que frequentemente nos tornam tão indignos do amor. Obviamente, a atitude amorosa de Jesus, demonstrada tão claramente em suas ações, pode superar até mesmo a grande resistência que os pecadores possam armar contra ela.

A APLICAÇÃO DO AMOR VERDADEIRO

Embora Jesus defina a lavagem dos pés como um exemplo de amor que os discípulos deveriam seguir (JO 13.15), Ele talvez explique mais claramente sua aplicação de amor em João 13.34-35, “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”.

Devemos simplesmente seguir o modelo de Jesus e amar aos outros de maneira sacrificial atendendo às necessidades deles. Devemos agir assim, independentemente de meros impulsos emocionais e sentimentos ardentes, sem levar em conta a atração pessoal que os beneficiários de nosso amor possam ter (ou não ter).

Acima de tudo, seguir o modelo do amor genuíno de Jesus requer verdadeiro altruísmo, que vai contra a maré de tudo quanto a atual cultura do amor tanto preza. Como você pode inferir da nossa discussão anterior sobre a guerra cultural atual, a sociedade ocidental é extremamente voltada para si mesma, provavelmente mais do que em qualquer outra época da História. As pessoas estão totalmente concentradas em suas próprias necessidades e desejos, sempre falando sobre o amor, mas não entendendo nada sobre seu real significado. Elas o definem primariamente em termos sexuais e o veem como um receber constante,

mas raramente como uma doação. Desse modo, o desafio para os crentes é: como pode o verdadeiro amor resplandecer no meio de tal cultura em trevas?

Nosso Senhor responde essa pergunta em João 13.35, “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”. Se o corpo de Cristo deve ser conformado à imagem de Cristo, e é (cf. Ef 3.16-21), então seus membros devem demonstrar o amor que ele lhes demonstrou e sacrificar-se uns pelos outros. Isso poderia significar qualquer coisa, desde o lavar dos pés, manifestado em atos práticos de serviço, até renunciar à nossa vida. Dar a vida não significa necessariamente morrer pelo outro. Contudo, pode implicar dedicar o restante da vida cuidando de uma esposa deficiente ou de outro familiar próximo.

Uma das cartas mais memoráveis e encorajadoras que recebi como pastor veio de uma jovem que estudava na Universidade do Sul da Califórnia e ensinava numa classe de escola dominical na Igreja da Comunidade da Graça. Eis como ela descreveu a profunda mudança no seu coração com relação às meninas que ela ensinava:

Eu tinha uma classe de meninas pequenas. Dizia para mim mesma que as amava, amava seus pequenos cachos e amava seus pequenos sorrisos e amava seus belos vestidos. Eu simplesmente amava o fato de que elas eram as minhas doces menininhas. Então, um dia percebi que estava gastando cerca de dez minutos para preparar minha aula e compreendi que não as amava realmente, porque eu não fazia nenhum sacrifício para trazer-lhes a maior dádiva que poderia transmitir-lhes, que era a verdade da Palavra de Deus. Ajoelhei-me diante de Deus e confessei minha atitude de desamor. Eu tinha sentimentos emocionais por aquelas doces menininhas. Eu não as amava. Amar significa preparar-me diligentemente para dar-lhes o melhor de mim, mesmo que isso significasse que eu não poderia ir ao jogo de futebol ou a alguma outra atividade do campus.

Essa é uma ilustração excelente de como uma estudante universitária, com a ajuda de Deus, chegou ao entendimento do significado do amor bíblico. E exemplifica o tipo de enfoque que todos os cristãos devem usar se desejarem que suas vidas manifestem uma sincera e bondosa atitude de amor.

UNIDADE: PERSEVERANÇA NA VERDADE

Nada pode ser mais destruidor ou devastador para uma família do que a discórdia interna. Ela pode ser causada por todos os tipos de pecado: orgulho, egoísmo, raiva, amargura, inveja, cobiça e assim por diante. E se esses pecados podem arruinar famílias, casamentos, relações de negócios ou amizades, podem, sem dúvida, enfraquecer ou destruir a unidade da igreja. Para um pastor e líder de igreja, não há nada mais assustador do que ver esses pecados acima mencionados intensificados por um espírito competitivo e conflitos de personalidade, causando desarmonia e desunião entre os cristãos.

Se os crentes forem constantemente diligentes em buscar desenvolver as colunas do caráter bíblico da fé, obediência, humildade e amor, a dedicação pela unidade será automática. No entanto, no mundo real em que a igreja atua, a unidade é muito frágil e sempre suscetível ao rompimento. Como vimos com a atitude de amor, o bem que Deus estabelece será sempre alvo dos ataques destruidores de Satanás.

O diabo usa a pecaminosidade dos crentes para promover a desunião dentro da igreja. Quando duas ou mais pessoas insistem em fazer as coisas a seu modo, as prioridades individuais finalmente entrarão em conflito e isso resultará em disputas. A unidade da igreja possivelmente não existiria se os objetivos, propósitos e ideais de seus membros fossem dirigidos pelos seus egos pessoais.

Essa desunião briguenta entre os cristãos podem causar todo tipo de danos. Deus é contrariado e desonrado, a igreja é desacreditada e desmoralizada, e o mundo fica desiludido e tem sua incredulidade confirmada. Esses resultados negativos não valem o preço que a igreja tem que pagar somente para que alguns crentes arrogantes possam insuflar o seu ego. É imperativo que a unidade seja preservada.

INSTRUÇÕES DE PAULO SOBRE A UNIDADE

O apóstolo Paulo teve pessoalmente muita experiência com o problema da desunião na igreja. A maior parte dos primeiros três capítulos de 1Coríntios trata do partidarismo e discórdia na igreja de Corinto. Paulo conhecia o dano que tais disputas internas poderiam causar (1Co 3.1-4), e, portanto, é lógico que ele exortaria os crentes de Éfeso e de todos os lugares para que mantivessem a unidade:

[...] esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa

vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. (Ef 4.3-6)

A manutenção da verdadeira unidade espiritual deveria ser uma preocupação constante de cada crente. A palavra grega traduzida por “esforçando-se diligentemente” (v. 3) significa basicamente apressar-se, e nesse contexto indica ter um zelo diligente e santo. Esse empenho em manter a unidade, portanto, não é algo para se tomar como garantido ou exercido somente de modo casual e periódico.

A unidade sobre a qual Paulo fala não é feita por homens, nem criada por uma igreja, nem tampouco o trabalho de certas denominações ou movimentos ecumênicos. Ele se refere à unidade interior que mantém todos os verdadeiros crentes unidos na medida em que isso funciona na vida deles. É a unidade gerada pelo Espírito Santo e expressa em outros lugares pelo apóstolo: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. [...] O certo é que há muitos membros, mas um só corpo” (1Co 12.13, 20; cf. Rm 8.9). E essa unidade é mantida pelo “vínculo da paz”, que é um cinto espiritual que envolve e une os crentes ao mesmo tempo (cf. Fp 2.2, Cl 3.14).

Em contraste, o mundo descrente nada sabe sobre a unidade que o Espírito de Deus pode dar (cf. Is 48.22). Estatutos humanos, tratados e convenções não podem produzir paz real e unidade. Visto que o mundo enfatiza sentimentos, prestígio e direitos egocêntricos, a verdadeira harmonia nunca será alcançada.

Em Efésios 4.4-6, Paulo enfatiza ainda mais a definição de unidade espiritual listando as características que são mais relevantes para a doutrina e a prática cristãs autênticas. Sem entender e aceitar esses aspectos interiores e espirituais da unidade, os crentes nunca poderão vivenciá-la na prática. Essas características cruciais são ressaltadas de maneira simples na unidade perfeita expressa pela Trindade.

Unidade no Espírito Santo

A verdadeira igreja é composta de cada crente que já confiou ou ainda confiará em Jesus Cristo para salvação. É um corpo de santos sem divisões sectárias, étnicas ou geográficas. Merece apenas o nome de “corpo de Cristo”, e nenhum outro rótulo que os homens possam querer atribuir-lhe.

Cada crente é habitado pelo único e uno Espírito Santo de Deus que mantém a igreja unida. Cada um é um templo individual do Espírito (1Co 3.16-17), “todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, [...] estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.21-22). O Espírito Santo é um “penhor” [garantia] divino (Ef 1.14) de que todo cristão estará na ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.9).

Se você é um crente, também está unido aos demais crentes porque “fostes chamados numa só esperança” (Ef 4.4). O Espírito Santo o chama para salvação,

mas ele também o chama para a maturidade da semelhança a Cristo (Rm 8.29; Ef 1.4), que inclui um compromisso com a unidade. Há diferentes dons espirituais, vários ministérios e muitos lugares onde podemos servir a Deus, mas apenas um chamado.

Unidade em Cristo e sua doutrina

Também é claro que temos apenas “um Senhor” (Ef 4.5), nosso Salvador, Jesus Cristo. O apóstolo Pedro também enfatizou isso num de seus primeiros sermões: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12). Paulo não apenas reiterou essa verdade aos Efésios (4.5), mas também assegurou a igreja romana disso: “Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12).

Em razão de haver um só Senhor e Salvador, há também apenas um verdadeiro corpo de doutrina revelado por ele no Novo Testamento. É a isso que Judas se refere quando, no intuito de evitar a discórdia e desunião dentro da igreja, ele nos insta “a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3). Se, com a ajuda do Senhor, estudarmos sua Palavra de maneira fiel e cuidadosa, sem as influências prejudiciais do mundo, da tradição cega ou de tendências pessoais, poderemos evitar que o corpo da doutrina seja fragmentado em ideias concorrentes e contraditórias que, inevitavelmente, levam à desarmonia na igreja. A Escritura contém muitas verdades individuais, mas elas são facetas harmoniosas da verdade única de Cristo, a qual é a nossa “uma só fé” (Ef 4.5).

Quando entendermos que somos unidos por “um só Senhor” em “uma só fé”, testificaremos dessa unidade por meio de “um só batismo”. Sem dúvida há somente um verdadeiro batismo espiritual, implícito em Efésios 4.4, por meio do qual todos os crentes são introduzidos no Corpo de Cristo. Mas há também um batismo com água (Ef 4.5), o modo comum, no Novo Testamento, de professar publicamente a fé em Jesus Cristo e solidarizar-se com ele. Os crentes não devem ser batizados em nome de uma igreja local, de um presbítero influente, de um famoso evangelista, ou mesmo do maior apóstolo, mas somente em nome de Cristo (1Co 1.13-17).

Unidade em Deus Pai

A doutrina fundamental monoteísta do judaísmo é “O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4), e essa unicidade é também básica para o cristianismo, segundo 1Coríntios 8.4-6 e Tiago 2.19. A declaração abrangente de Paulo em Efésios 4.6, “um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” refere-se à magnificente e eterna unidade que Deus dá aos cristãos pelo seu Espírito por meio do Filho. O objetivo do apóstolo em Efésios 4 é referir-se às funções específicas de cada membro da Trindade e, no entanto,

ênfatizar a unidade deles dentro da divindade e o fato de que a unidade deles é que mantém, de maneira soberana, amorosa e poderosa, a igreja unificada como um só povo.

Unidade na pureza da verdade

A implicação de tudo o que Paulo diz em Efésios 4.3-6, além da verdade essencial de que a igreja deve manter sua unidade, é que os crentes devem se unir em torno da verdade, e nunca em detrimento da pureza ou clareza doutrinária. Eles devem lutar por uma unidade baseada num entendimento comum de quem Deus é e qual é sua vontade, que é derivada de uma compreensão comum da Escritura.

No entanto, hoje há duas grandes tendências dentro da corrente principal da igreja evangélica que comprometem o conceito de unidade baseada na pureza. Uma delas é o ecumenismo que diz que todo aquele que *afirma* seguir a Cristo é parte do único corpo, não importando o quanto alguns deles ignorem a sã doutrina e conservem certos erros e heresias. Esse raciocínio diz que devemos ir além das diferenças doutrinárias “irrelevantes” e apenas desfrutar uns dos outros e trabalhar juntos em todas as oportunidades. No entanto, se isso não estiver baseado numa fé verdadeira e salvadora no Senhor Jesus Cristo, torna-se uma falsa união por não estar baseada na verdade.

A outra tendência prejudicial é fazer vista grossa a comportamentos e atitudes pecaminosos e aceitar todos sob a sombra da igreja, não importando o quanto sejam desobedientes à Palavra de Deus. Porém, o apóstolo Paulo, em várias ocasiões, ensinou que a unidade cristã não acolhe tais pessoas. Tito 3.9-11 diz, “Evita discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis. Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada”. Um herege que não se arrepende perde, pelos seus erros, qualquer direito de ser aceito dentro da unidade da comunhão da igreja. Além disso, Paulo disse aos tessalonicenses: “Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes” (2Ts 3.6). A “tradição” aqui mencionada não era regra de algum rabino ou outras regras humanas, mas o conjunto de fé e prática revelado a Paulo pelo Espírito de Deus.

A questão aqui é que a verdadeira unidade do Espírito pertence somente àqueles que afirmam a verdade de Deus e como resultado vivem vidas piedosas. Se há pessoas em nossas igrejas locais que persistem em ensinar erros ou que se recusam a se arrepender de seu estilo de vida pecaminoso, nós, que estamos caminhando com o Senhor, não podemos ter comunhão com elas.

A PREOCUPAÇÃO DE CRISTO COM A UNIDADE

Apesar do que a Escritura ensina com relação à base genuína da unidade na pureza doutrinária e moral, muitos na igreja atual ainda não entendem a definição bíblica de unidade. Elas prontamente apontarão para João 17.21 – “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também

sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” – como dizendo, “Jesus estava interessado que os cristãos fossem unificados a todo custo”. No entanto, essa é uma interpretação imprecisa desse versículo.

João 17.21 é parte da oração sacerdotal de nosso Senhor, que abrange todo o capítulo 17. Quando Jesus ora, “a fim de todos sejam um”, ele não está rogando que todo aquele que se tornar cristão se relacione bem com todos os que professem uma fé semelhante. Não é como se desejasse meramente algum tipo de unidade na igreja, que ele então pede a Deus para realizar, apenas para se desapontar, porque ao longo dos séculos, sua oração não foi atendida. Pelo contrário, se Jesus orou por união, podemos estar certos de que ela foi atendida. A oração de Jesus não é sobre como devemos nos relacionar externamente, mas que nós na igreja, nos tornaremos um interiormente.

Marcus Rainsford, um pastor britânico que ajudou a promover em Londres várias campanhas evangelísticas dos norte-americanos D. L. Moody e Ira Sankey, no final dos anos 1800, faz o seguinte esclarecimento adicional sobre os propósitos da grande oração de Jesus:

Precisamos ser lembrados de que a oração de nosso Senhor não é a origem da união sobre a qual ele fala, ou a sua causa, mas é o fruto e seu resultado. Ele não está orando para que a união possa ser estabelecida entre ele mesmo e seu povo, a qual até então não havia existido, mas que a união que sempre esteve na mente, no propósito e no coração de Deus, e com base na qual Cristo desceu para ser o Salvador, e o Santo Espírito para ser o Consolador, *pudesse ser desfrutada* e manifesta pelo seu povo fiel. Ele iria, por suas palavras, espalhar a luz celestial ao redor e dentro deles, de modo que pudessem caminhar na luz como ele próprio estava na luz, e como o apóstolo amado nos ensina em sua primeira epístola que assim nós teríamos “comunhão [...] com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1.3). (*Our Lord prays for his own* [1895; Chicago: Moody Press, 1950, 1978], 386-387; itálicos no original.)

A oração de Jesus pela unidade dos crentes, que ele reiterou em João 17.23, é, portanto, para que, a todos aqueles que forem a ele, seja concedida a mesma vida eterna, para se tornarem participantes da natureza divina e terem o Espírito de Deus habitando neles. Qualquer pessoa que vá a Cristo torna-se um com ele, e porque compartilha sua vida, ele compartilha a mesma vida espiritual com todos os outros crentes. Essa realidade também é claramente explicada pelo apóstolo Paulo:

Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente. Porque, assim como o corpo tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. [...] O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. (1Co 12.11-13, 20)

O RESULTADO PRÁTICO DA UNIDADE

A oração de Jesus em João 17 foi atendida no fato de que todos os verdadeiros crentes são um nele. E essa unidade espiritualmente orgânica – nossa “fé igualmente preciosa” (2Pe 1.1) – torna-se a base de nossa prática e comunhão. Desse modo, a unidade verdadeira e dada por Deus já está presente na igreja. Não é uma união para a qual nós, que compomos a igreja, necessitamos gastar muito tempo e energia tentando produzir. Porém, ela é uma coluna da verdade, que

devemos sustentar firmemente e preservar com toda a diligência.

Se mantivermos adequadamente a preciosa unidade que é nossa, o mundo verá suas manifestações práticas. E, desse modo os incrédulos dificilmente poderiam receber um testemunho mais confiável da verdade do evangelho. As instruções do apóstolo Paulo à igreja de Corinto sobre como demonstrar a unidade de maneira prática são claríssimas: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (1Co 1.10).

Unidade doutrinária

A declaração de Paulo em 1Coríntios, em contraste com o que vimos em Efésios 4.3-6 e sua ênfase na unidade mística do corpo universal de Cristo, enfatiza a unidade da igreja local, que hoje assoma como um padrão aparentemente impossível para muitas igrejas. No entanto, Deus, por meio do seu Espírito, dá-nos poder para cumprir mandamentos que são humanamente impossíveis – por exemplo, a ordem de Cristo a todos os crentes “sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Esse alto nível de maturidade e santificação é atingível, e, igualmente, o objetivo de que os membros de uma igreja local estejam de acordo sobre as coisas de Deus.

A ordem do apóstolo em 1Coríntios 1.10 “que todos vós concordeis” é mais bem traduzida pela versão literal King James por “que faleis todos a mesma coisa” [assim também na versão ARA]. É potencialmente confuso e espiritualmente prejudicial para os incrédulos curiosos bem como para os novos crentes ouvir cristãos supostamente maduros e experientes ensinarem coisas conflitantes sobre o evangelho, a Escritura, ou princípios do viver cristão. É também prejudicial que cada um fale suas próprias opiniões sobre certas doutrinas. Isso pode resultar no surgimento de facções, cada uma expressando em alta voz o seu próprio ponto de vista e criticando todos os demais.

Se uma igreja local deseja ter um ministério vibrante e efetivo, deve falar a uma só voz sobre as questões doutrinárias *essenciais*. E suas instruções não devem ser oferecidas como itens num cardápio, dos quais os membros escolhem os que os agradam e ignoram ou criticam os que os desagradam. Infelizmente, muitas igrejas, universidades cristãs e seminários e ministérios evangélicos adotam esse tipo de seletividade doutrinária e ética. Podem apresentar uma fachada de unidade social e organizacional, mas quando começam a ensinar doutrinas e convicções bíblicas, vacilam e transmitem sinais contraditórios. É claro que manter os absolutos e ser dogmático sobre teologia ou ética não é popular hoje. A maioria das pessoas, incluindo mais e mais cristãos professos, é avessa a tais padrões definidos. Por essa razão, muitos desejam evitar a aplicação específica e a obediência que uma solidariedade e convicção definidas quanto à doutrina exige.

Com relação à verdade de Deus, simplesmente não pode haver visões conflitantes. Com certeza, não podemos e não devemos ser dogmáticos sobre o

que não é total ou claramente revelado (Dt 29.29). Porém, Deus não discorda dele mesmo, e partes da Escritura não discordam de outras partes. Assim, Paulo diz aos coríntios, e para todos os cristãos, que devem ter unidade doutrinária – uma unidade que é baseada clara, completa e somente na inspirada Palavra de Deus.

O apelo do apóstolo por concordância doutrinária, portanto, tem certos distintivos. Ele é baseado na Escritura, a qual foi dada e cumprida em Jesus Cristo (“pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”) e completada por meio dos ensinamentos dos apóstolos. O chamado de Paulo é por um padrão que se aplica a todos os grupos de crentes: “Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos” (Fp 3.15-16). O seu padrão era a doutrina apostólica que ele pessoalmente ensinou e exemplificou para as igrejas (p. ex., v. 17; 1Co 2.4).

Evitando divisões

Paulo também recomendou insistentemente à igreja de Corinto e às demais que evitassem divisões; caso contrário, nada da unidade e concordância que ele desejava ocorreria. O grego *schismata*, que nos deu a palavra *cisma*, é a palavra traduzida por “divisões” em 1Coríntios 1.10 e significa literalmente “despedaçar ou rasgar”. No seu significado mais amplo quer dizer um julgamento dividido, uma diferença de opinião, ou uma dissensão. O Evangelho de João a usa para descrever as avaliações divergentes das pessoas que, em certa ocasião, tinham sobre Jesus: “Assim, houve uma dissensão [*schisma*] entre o povo por causa dele” (7.43).

Em consonância com a nossa discussão dessas implicações práticas da unidade, as divisões mais sérias são as que ocorrem sobre doutrina e assim destroem a unidade da igreja em Cristo. Não há absolutamente lugar numa igreja para ensino e atividade que dividam as pessoas a respeito de uma questão que é claramente ensinada na Palavra. As pessoas que se envolvem nesse tipo de divisões sérias, na verdade estão servindo a si mesmas e devem ser identificadas e afastadas, como Paulo advertiu a igreja em Roma: “Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles” (Rm 16.17).

Um meio importante que uma igreja pode usar para prevenir divisões importantes é ter uma liderança piedosa, que é bem instruída na Palavra, guiada pelo Espírito e unida naquilo que é da vontade de Deus para a igreja. Tais homens conhecem a sã doutrina e concordam com ela e terão discernimento para reconhecer quando sementes de discórdia e erro estão sendo semeadas, e terão a habilidade para frear esse tipo de atividade destrutiva. Líderes piedosos conduzirão consistentemente a igreja na unidade bíblica da fé e prática (cf. Hb 13.7), e devem ser seguidos e apoiados (1Ts 5.12-13; Hb 13.17).

Unidade completa

Paulo conclui 1Coríntios 1.10 com este mandamento: “[...] sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer”. “Inteiramente” se refere a recolocar uma parte no conjunto tornando-o uma só peça – consertar alguma coisa que estava quebrada ou separada. Os verdadeiros crentes que são uma parte de uma igreja devem ser “perfeitamente unidos” (como a versão King James mostra a palavra traduzida como “tornado completo” na NASB), tanto interiormente (“na mesma disposição mental”) como exteriormente (“no mesmo parecer”).

Ter essas atitudes exclui uma forma de unidade relutante ou falsa. A verdadeira unidade não diz uma coisa em público enquanto em privado abriga discordâncias e objeções. Esse tipo de hipocrisia pode não impedir que uma igreja cresça, mas pode diminuir sua eficiência. Qualquer pessoa que assuma essa postura e discorde fortemente da doutrina e direção local de sua congregação não vivenciará muito crescimento espiritual e não será de grande utilidade para sua igreja.

No entanto, não estamos dizendo que os crentes devem ser fotocópias uns dos outros. Deus criou cada um de nós como indivíduos únicos com diferentes personalidades, interesses, habilidades e dons espirituais. Nenhuma igreja, não importa o quanto seja íntegra, verá todos os seus membros concordando em cada questão particular que os líderes sugeriram ou implementem. Não há unanimidade absoluta na congregação da minha igreja sobre cada pequenina coisa que acontece, mas isso não vem ao caso. A prioridade é que todos sacrifiquem carinhosamente as suas opiniões pessoais naquilo que não é essencial ou questões menos importantes para o bem da unidade geral. Como dissemos, o elemento crucial para demonstrar uma unidade cristã prática para os que nos rodeiam é que tenhamos a mesma mente com referência à doutrina, estilo de vida e plano de ação básicos da igreja.

A união espiritual expressa biblicamente sempre foi a vontade de Deus para seu povo, e sempre será uma bênção para ele e um testemunho potencialmente eficaz para os que estão fora da igreja. A verdadeira unidade para os crentes era a vontade de Deus no Antigo Testamento: “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133.1). E vimos em várias passagens do Novo Testamento a grande preocupação do Senhor Jesus e do apóstolo Paulo no sentido de que os crentes entendessem e vivessem a unidade que o Espírito de Deus lhes deu. A unicidade entre os cristãos foi novamente a preocupação de Paulo na conclusão do seu ensino sobre liberdade de consciência aos romanos:

[...] o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus. (Rm 15.5-7)

Essa passagem contém outra referência à “mente”, a qual confirma a verdade de que o resultado da nossa unidade espiritual orgânica, a demonstração da habitação do Espírito de Deus na nossa vida, começa com a mente. A fé cristã é

uma fé cognitiva; portanto, para manter a unidade não precisamos induzir algum tipo de histeria emocional ou sentimentalismo mediante os quais nos reagrupemos em torno de uma causa comum e hipnoticamente nos fundimos num só grupo. Em vez disso, Deus quer que expressemos racionalmente a unidade, centralizados num entendimento comum de sua verdade revelada.

Os cristãos poderiam passar a vida inteira tentando se unificar, e tudo seria inútil se não confiassem num padrão comum. Como pastor e escritor cristão A. W. Tozer usava para ilustrar, que, se uma pessoa tivesse quatro mil pianos e tentasse afiná-los um com o outro, ela não conseguiria. No entanto, se a mesma pessoa usasse um diapásão, poderia com sucesso afinar todos os pianos com ele. E o diapásão pelo qual todos os crentes são afinados é a fé, a verdade do evangelho. Quando estamos todos sintonizados com a fé, estamos todos mutuamente em sintonia. Sem um entendimento da verdade recebida do Espírito, acompanhado por uma busca da santidade que regular e continuamente trata com o pecado, não entenderemos a coluna do caráter cristão da unidade em nossa comunhão. Mas se nos unirmos na busca da verdade e santidade (Rm 15.6; 1Co 1.10; Fp 1.27), ministraremos um ao outro em harmonia, glorificaremos ao Senhor a uma voz e daremos um testemunho uniforme e consistente àqueles que não conhecem a Deus.

CRESCIMENTO: SEM ELE NÃO HÁ VIDA REAL

Pela sua própria definição, a vida é um processo de crescimento. Tudo o que está vivo está crescendo. Por exemplo, as mudas crescem para se tornarem árvores, em alguns casos com vários metros de altura. Mesmo quando atingem sua altura total, exibem crescimento regular por meio da produção de novas folhas, galhos ou frutos.

O princípio do crescimento também é verdadeiro no campo espiritual. Uma característica essencial e inerente de cada pessoa no corpo de Cristo é o crescimento espiritual individual. O pastor John R. W. Stott classifica o crescimento espiritual como responsabilidade do crente:

O grande privilégio do filho de Deus é o relacionamento; sua grande responsabilidade é o crescimento. Todos amam crianças, mas ninguém em juízo perfeito deseja que elas permaneçam no berçário. A tragédia, no entanto, é que muitos cristãos, nascidos de novo em Cristo, nunca crescem. Outros até mesmo sofrem de regressão espiritual infantil. O propósito do nosso Pai celestial, pelo contrário, é que todos os “bebês em Cristo” se tornem “maduros em Cristo”. Nosso nascimento deve ser seguido pelo crescimento. A crise da justificação (nossa aceitação perante Deus), deve nos levar ao processo de santificação (nosso crescimento em santificação, que Pedro chama de “crescimento para salvação” [1Pe 2.2]). (*Basic Christianity* [Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1958], 136)

O CRESCIMENTO ESPIRITUAL É MANDATÓRIO

É desencorajante e desapontador conhecer crentes que não se desenvolveram ou não cresceram na fé. Em primeiro lugar, a falta de crescimento espiritual não deveria ocorrer, porque Deus forneceu a cada cristão, por meio de sua Palavra, todos os recursos espirituais necessários para o crescimento. O crescimento espiritual é essencial e possível. Além do mais, é uma ordem, não uma opção, como demonstra a Palavra de Deus.

Em 2Pedro 3.18, o apóstolo ordena a todos que somos crentes: “antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Devemos crescer na esfera da graça de Deus, tanto no conhecimento bíblico como no vivencial, à medida que o Senhor opera a sua vontade por meio de todos os desafios da vida, tanto os fáceis como os difíceis.

No entanto, não somos deixados unicamente com nossos próprios recursos. O apóstolo Paulo escreve estas palavras de encorajamento: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). A Escritura é o espelho, e ao abirmos a Palavra, a glória de Deus reflete dela e se manifesta a nós através de suas páginas. Quando isso ocorre, o crescimento espiritual genuíno acontece e nós “somos transformados,

de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Ao olharmos fielmente para sua Palavra, Deus, por meio do Espírito Santo, produz em nós crescimento em níveis sempre superiores de maturidade à semelhança de Cristo.

Mais tarde, Paulo orou pelos coríntios para que eles fossem aperfeiçoados (ver 2Co 13.9). Ele queria com veemência que eles avançassem até o cume da completa maturidade espiritual. O apóstolo desejava seriamente esse crescimento para todos os crentes. Em Gálatas 4.19, ele escreve, “meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós [...]”. Em Efésios era seu desejo que todos os crentes crescessem “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13).

Quando escreveu aos filipenses, Paulo já era convertido há trinta anos, e assim sabia que ele e todos os outros crentes estavam continuamente sendo chamados à maturidade espiritual: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.13-14). E essa ordem contínua não tem meio-termo, não há lugar para neutralidade – ou crescemos espiritualmente, ou regredimos. O preço por regredir é que inevitavelmente teremos de recuperar o fundamento espiritual – fundamento uma vez ganho, mas agora perdido. Consequentemente o ideal é que obedeçamos às palavras de Paulo a Timóteo “segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11).

NÍVEIS DE MATURIDADE ESPIRITUAL

A ordem para que todos os crentes cresçam espiritualmente é direta na Escritura, como 1João 2.12-14 demonstra:

Filhinhos, escrevo-vos, porque pelo seu nome vos são perdoados os pecados. Pais, escrevo-vos, porque conhecestes aquele que é desde o princípio. Mancebos, escrevo-vos, porque vencestes o maligno. Eu vos escrevi, filhos, porque conhecestes o Pai. Eu vos escrevi, pais, porque já conhecestes aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevi, mancebos, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o Maligno. (ARC)

O apóstolo João claramente chama a todos cujos pecados foram perdoados de “filhinhos” (v. 12). Visto que todos os crentes verdadeiros – porque se arrependeram do pecado e confiaram na obra de Cristo na cruz – foram perdoados de seus pecados, é lógico concluir que todos eles podem ser chamados pela cativante expressão “filhinhos”.

Essa passagem também revela três estágios básicos do crescimento espiritual. Primeiro há “filhos” (v. 13), que são diferentes dos “filhinhos” no versículo 12. João se refere a uma subcategoria de crentes usando uma palavra que significa “bebês espirituais”. Menciona então dois níveis mais avançados de desenvolvimento “mancebos [jovens]” e “pais”.

Bebês espirituais

Como qualquer pai poderia atestar, uma coisa evidente em bebês e crianças é a sua falta de discernimento sobre o que é bom para eles. Quando meus netos pequenos visitam nossa casa, eles não pedem cenoura ou algum outro lanche nutritivo – eles preferem uma barra de chocolate. Os pequeninos têm falta de discernimento do que lhes é benéfico. Enquanto se movimentam pela casa, eles colocarão na boca quaisquer coisas que conseguirem pegar ou tentarão explorar qualquer área, não importando quão perigosa seja. Eles são absolutamente sem discernimento e ainda não treinados o suficiente para reconhecer os perigos da vida.

Os bebês espirituais, tanto crentes novos como cristãos imaturos, também têm falta de discernimento. Efésios 4.13-14 nos conclama à maturidade e ao discernimento:

[...] até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.

Quando alguém ainda lutando em sua infância espiritual começa a aprofundar o seu conhecimento de Jesus Cristo (v. 13), acabará progredindo do seu nível infantil de entendimento para um nível maior de maturidade. E como é definido esse nível infantil? Paulo diz que isso se dá quando o indivíduo é “agitado de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (v. 14) Isso resume o problema da infância espiritual – uma falta de discernimento e uma vulnerabilidade ao erro doutrinário. Falsos mestres acham fácil seduzir bebês espirituais pervertendo a verdade. Portanto, é essencial que os novos cristãos sejam integrados na vida de uma igreja forte onde serão bem alimentados com a Palavra e completamente protegidos de todos os potenciais danos espirituais.

Assim, a característica negativa predominante da criança espiritual é a falta de discernimento. No entanto, 1João 2.14 identifica uma característica positiva: “Eu vos escrevi, filhos, porque conhecestes o Pai” (ARC). A primeira coisa que os pais normalmente ouvem, e esperam ouvir, da boca de seu filhinho é alguma palavra que soe pelo menos remotamente semelhante a “Mamãe” ou “Papai”. Embora haja muitas coisas que as crianças ainda não saibam ou não entendam, elas sabem quem são seus pais e os reconhecem, e, deles, elas esperam alimento, carinho, amor e proteção.

Do mesmo modo, o novo crente sabe que o Senhor é sua fonte de alegria e bênção na sua nova vida. Porém, novamente, a menos que seja protegido contra influências doutrinárias nocivas e destrutivas, sua alegria logo desaparecerá. Regozijar-se num conhecimento básico do amor de Cristo é um ponto de partida maravilhoso para as crianças em Cristo, mas todas elas precisam prosseguir no objetivo de se tornarem ainda mais semelhantes a Cristo.

Juventude espiritual

Como crentes maduros além da infância espiritual, eles atingem um segundo nível de maturidade, que o apóstolo João chama de “mancebos” [jovens], porque “vencestes o Maligno” (1Jo 2.13). O grego para “vencestes” está no tempo perfeito, o que significa que podemos atingir um ponto no nosso desenvolvimento espiritual em que já sobrepujamos o Maligno, Satanás. Essa vitória terá resultados contínuos em nossa vida.

Vencer Satanás, não é, no entanto, a mesma coisa que livrar-se do pecado. Satanás pode nos tentar e, por meio do sistema centralizado no mundo, colocar muitas tentações no nosso caminho, mas ele não está diretamente nos fazendo cometer atos perversos. Em vez disso, o diabo está muito mais envolvido no desenvolvimento de ideologias antibíblicas enganadoras, ímpias. Ele foi um mentiroso desde o princípio (Jo 8.44; cf. Gn 3.4) e está ocupado desenvolvendo todos os tipos de mentiras – várias ideologias, filosofias, religiões e todos os tipos de esquemas enganosos, (cf. 2Co 10.3-5; 11.14) para cegar pessoas não regeneradas e tornar ineficientes as crianças espirituais. Satanás não pode roubar a salvação dos jovens crentes, mas pode com certeza mantê-los na infância espiritual e impedi-los de exercer qualquer impacto positivo para o reino de Deus.

A única maneira de vencer Satanás é ser forte no conhecimento da Escritura: “Eu vos escrevi, mancebos, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o Maligno” (1Jo 2.14; ARC). Se você atingir esse nível de maturidade, ainda terá pecado e tentação em sua vida, mas conhecerá também a sã doutrina suficientemente bem para reconhecer o erro, resistir aos seus atrativos, e enfrentá-lo vigorosamente quando ele se confrontar com você ou com outros.

Como cristãos maduros, eles se tornam capazes de entender e interpretar corretamente a Palavra de Deus. Como resultado, sua teologia começa a tomar forma à medida que eles adquirem discernimento ao fazer as perguntas certas. Com seu conhecimento doutrinário ampliado, vem um desejo de discutir a Escritura e teologia com crentes mais preparados de modo que possam ser mais operantes em rejeitar os cultos e todas as formas de erro doutrinário.

Desenvolver-se até chegar a ser um jovem espiritual eficaz é simplesmente uma questão de conhecer a verdade (2Pe 3.18). Aumentamos nossa compreensão e ganhamos músculos espirituais ao estudarmos as Escrituras, do mesmo modo que indo a uma academia de ginástica e fazer os exercícios nos tornará mais fortes e nos dará aparentemente uma quantidade ilimitada de força física e energia.

À medida que você amadurece como um jovem espiritual, adquirirá uma propensão vigorosa e apaixonada pela verdade, porque sua teologia está entrando em foco. Você pode usar a Palavra para discernir os tempos e as tendências na nossa sociedade e assim, lidar com as questões importantes da vida ao nosso redor. Você crerá no que a Bíblia ensina sobre as grandes verdades redentoras que dominam a Palavra de Deus, conhecerá essas verdades e as entenderá. Nesse

sentido você permanecerá em solo firme e será forte.

Pais espirituais

Por mais que a vida cristã possa ser edificante durante o nível anterior de crescimento, esse não é o ponto onde nosso amadurecimento deve terminar. João identifica duas vezes uma terceira categoria de desenvolvimento em 1João 2.13-14; “Pais, eu vos escrevo [...] Pais, eu vos escrevi [...]”. Há uma diferença clara entre esse último nível de maturidade e o anterior. Enquanto a juventude espiritual está animada extraíndo seu conhecimento bíblico e doutrinário conjuntamente e aplicando-o vigorosamente em cada problema, o pai espiritual (homem ou mulher) tem certa sensação de descanso, tranquilidade e profundidade de caráter. A razão para essa paz é repetida por João nos versículos 13 e 14: “porque conheceis aquele que existe desde o princípio”.

O apóstolo está dizendo que a maioria dos crentes maduros começará a ter um conhecimento mais profundo de Deus. Isso não é nenhum tipo de experiência mística, mas um entendimento da Escritura que se torna mais profundo e mais rico à medida que progredem a partir do conhecimento de fatos e princípios para conhecer o Deus que se revelou por meio das palavras da Escritura. Conhecer o Pai mais intimamente envolve coisas como ter vivenciado suficientes orações atendidas de que não há nenhuma dúvida que ele ouve e atende, bem como ter vivenciado o suficiente dos sofrimentos e provações da vida para reconhecer que Deus está sempre ali para sustentar e consolar.

Aqueles que atingiram o nível de pais espirituais exibirão as características que A. W. Tozer descreveu:

Um cristão é espiritual [maduro] quando vê todas as coisas do ponto de vista de Deus. A habilidade de pesar todas as coisas pela escala divina e atribuir-lhes o mesmo valor que Deus, é a marca de uma vida cheia do Espírito.

Deus olha *para e através* ao mesmo tempo. Seu olhar fixo não repousa na superfície, mas penetra no verdadeiro significado das coisas. O cristão carnal [imaturo] olha para um objeto ou situação, mas como ele não vê através deles, fica exultante ou abatido pelo que vê. O homem espiritual é capaz de ver através das coisas como Deus vê e pensar sobre elas como Deus pensa. Ele insiste em ver todas as coisas como Deus as vê, ainda que elas o humilhem e exponham sua ignorância até o ponto de verdadeiro sofrimento. (*That incredible Christian*, “Marks of the spiritual man” em *The best of A. W. Tozer*, compilado por Warren W. Wiersbe [Grand Rapids, Mich.: Baker, 1978], 113, ênfases no original)

Aqueles que realmente conhecem o seu Deus têm sagacidade e o caráter estabelecido. E a Bíblia diz que eles farão grandes coisas por Deus (Dn 11.32). É nesse ponto que todos os crentes, em última análise, deveriam desejar chegar.

A chave para atingir esse nível máximo de maturidade é reconhecer e lembrar o papel crucial que a obediência exerce. Os vários níveis de maturidade não são garantias absolutas; eles estão ligados à obediência. Em qualquer fase do nosso desenvolvimento espiritual podemos estar ou obedecendo a Deus ou à carne. Isso significa que, quer sejamos crianças, jovens ou pais espirituais, podemos tanto estar progredindo como regredindo quanto à maturidade espiritual. Não podemos e não devemos descansar no nosso nível de crescimento aparente,

pensando que estamos automaticamente maduros quando, na verdade, nossa maturidade está baseada em se estamos ou não obedecendo a Deus. A maturidade espiritual, então, é o processo que move os crentes da infância espiritual para a juventude espiritual e para pais espirituais durante, e somente durante aquelas experiências em suas vidas em que andam no Espírito e obedecem à Palavra de Deus.

A ESCRITURA: A CHAVE PARA O CRESCIMENTO

Uma das tristes realidades na igreja contemporânea é que com uma frequência cada vez maior, a cuidadosa, atenciosa e precisa interpretação da Palavra de Deus está sendo depreciada em favor de “experiências espirituais” subjetivas e místicas. Como resultado, muitos crentes professos não estão crescendo de modo algum. É como se um grupo de pessoas não comesse nada além de alimentos não nutritivos. Aqueles que estão envolvidos em experiências vazias e superficiais estão seguindo um caminho que leva ao erro e que não pode produzir a verdadeira mudança espiritual e o crescimento. De fato, eles perderam o caminho autêntico para a maturidade, o qual vem por meio da Palavra de Deus. Contentam-se em permanecer num nível básico de imaturidade, acompanhado por toda sorte de problemas e decepções, em vez de progredirem nos níveis da maturidade.

A passagem clássica sobre o poder, valor e importância da Palavra no processo de amadurecimento do crente é 2Timóteo 3.15-17, que diz,

[...] e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Essa passagem, mais sucintamente do que qualquer outra no Novo Testamento delinea o poder espiritualmente transformador da Palavra.

O papel da Escritura na salvação

Timóteo foi privilegiado por ter ouvido a Palavra numa idade ainda precoce (2Tm 3.15), porque “desde a infância” sua avó Loide e sua mãe Eunice ensinaram a ele “as sagradas letras” – o Antigo Testamento (veja 2Tm 1.5). Elas haviam edificado a própria fé e devoção sobre aqueles escritos e ajudaram Timóteo a fazer o mesmo. À medida que eram expostas às verdades do Novo Testamento, a antecipação da salvação do Antigo Testamento transformou-se em firme realização. Elas se arrependeram sob a graça e a misericórdia do Deus de Abraão, Isaque e Jacó; e quando ouviram o evangelho de Jesus Cristo, souberam que a promessa de Deus do Messias Redentor havia sido cumprida, e confiaram nele como Senhor e Salvador.

Paulo exortou Timóteo, que era mais facilmente intimidado e desanimado do que o apóstolo, a guardar o que ele havia aprendido e a permanecer firme nisso. Tanto na sua família como sob a liderança de Paulo, Timóteo tornou-se bem fundamentado no seu conhecimento da Escritura. Paulo não precisou admoestá-

lo sobre doutrinas incorretas ou pecado, mas instou-o a perseverar na verdade e na sã doutrina que ele já conhecia.

Paulo, do mesmo modo que o Senhor antes dele (Jo 5.39), esclarece o fato que as palavras da Escritura por si mesmas – ou um conhecimento intelectual delas – não garantem salvação, mas antes “a sabedoria” que elas transmitem “conduz à salvação por meio da fé que está em Jesus Cristo”.

Assim, o primeiro trabalho que a Palavra faz é levar os crentes à salvação (cf. Sl.19.7; Mc 4.14-20; Jo 5.24, 39; Tg 1.18; 1Pe 1.23). A verdade da Escritura quando mesclada com a fé em Cristo e energizada pelo Espírito Santo, leva à vida espiritual. O apóstolo Paulo perguntou aos romanos, “como ouvirão (os descrentes), se não há quem pregue?” (Rm 10.14) e mais à frente explicou que “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (v. 17).

O papel da Escritura no ensino

A passagem de 2Timóteo 3.16 delineia como a Palavra opera no amadurecimento dos crentes, começando com seu papel no ensino. Paulo diz que ela é “útil para o ensino”. “Útil” (a palavra grega pode ser traduzida por “benéfica” ou “produtiva”) focaliza a suficiência da Escritura. Isso significa que a Escritura é ampla, totalmente capaz de suprir todas as necessidades espirituais dos crentes (cf. Js 1.8, Sl 119).

“Ensinar” significa simplesmente que a Palavra transmite doutrina, não dogmatismo, pela qual os crentes passam a compreender a mente de Deus, que engloba sua verdade, seus princípios, sua lei, suas exigências e seus mandamentos. Todos são fundamentais para cada aspecto da vida cristã.

O ponto importante com relação ao papel essencial da Escritura no ensino é que, sem ela, nunca saberíamos certas verdades sobre Deus. Todos podem saber algo sobre Deus por meio de sua revelação geral, pela qual revela sua sabedoria e poder, a diversidade e magnificência em sua criação e que é um Deus pessoal. Mas o amor salvífico de Deus não pode ser conhecido sem uma revelação especial. Paulo explica isso da seguinte maneira:

[...] como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus [...] Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém, o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo. (1Co 2.9-10, 14-16)

As verdades que dizem respeito à genuína vida espiritual e maturidade cristã estão simplesmente indisponíveis e não podem ser entendidas pelos incrédulos. Essas questões não podem ser captadas de maneira empírica ou filosófica; não estão acessíveis interior ou exteriormente pela sabedoria humana. A única maneira de alguém conhecer as coisas de Deus é pela instrução do Espírito Santo por meio da Palavra revelada (Jo 14.16-17, 16.13, 1Jo 2.20, 24, 27). Ela é o que Jesus disse que santifica todos os crentes: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é

a verdade” (Jo 17.17).

O papel da Escritura na repreensão

Uma vez que a Palavra de Deus começa a ensinar a verdade aos crentes, ela reprovará certas ideias e comportamentos em algum momento. A palavra “repreensão” em 2Timóteo 3.16 significa “repreender, refutar ou condenar” mau comportamento ou doutrina falsa. A Escritura confronta duas áreas: ela expõe o pecado e refuta o erro.

A Palavra de Deus tem o ministério negativo de destruir e eliminar tudo o que é pecaminoso e falso, do mesmo modo que tem um ministério positivo de edificar e realçar tudo o que é justo e verdadeiro. Esse ministério de reprovção é como Paulo continuamente faz uso da Palavra: “Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos [...] Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um” (At 20.26, 31).

Os crentes maduros que pregam ou ensinam a Palavra a usarão para reprovar o que está errado bem como para enfatizar o que está certo. Jesus se referiu a esse processo quando ele disse aos discípulos, “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda” (Jo 15.2).

O crescimento espiritual pode florescer ao permitirmos que a Palavra confronte nosso pecado e erro e nos leve a andar no Espírito. É por isso que a repreensão da Escritura é tão proveitosa. E também é a razão pela qual deveríamos ser gratos por sua disciplina, assim como o escritor de Provérbios: “Porque o mandamento é lâmpada, e a instrução, luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida” (6.23).

O papel da Escritura na correção

Quando eu estava na escola, apreciava os professores que marcavam as respostas erradas nas minhas folhas e então escreviam as respostas corretas. Mas aqueles que somente marcavam as respostas erradas sem indicar quais eram as corretas me desapontavam. A Escritura não se assemelha a esses professores de escola que meramente assinalam as repostas erradas. Ela realmente nos corrige. A palavra grega para “correção” em 2Timóteo 3.16 significa literalmente “endireitar”. A Palavra de Deus não somente repreende, convence e refuta. Ela vai mais além e nos leva de volta ao que é correto, reparando, reconstruindo e consertando o que está quebrado.

Não muito diferente da relação que os pais têm com seus filhos, os pais e mães espirituais reprovam seus filhos com relação a pecados e áreas em que necessitam melhorar. Se forem bons pais, eles então colocarão seus filhos no caminho correto, ensinando a eles os comportamentos e atitudes apropriados.

Portanto, a correção da Escritura é a provisão positiva para os crentes que

aceitam a repreensão negativa da Palavra. O processo algumas vezes “no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12.11).

O papel da Escritura em treinar para a justiça

Se permitirmos que Palavra de Deus exerça um papel autêntico no nosso crescimento espiritual, ela não nos deixará apenas com os elementos básicos da verdade. Ao contrário, a Palavra aplicará na nossa vida o que nos foi ensinado, de modo que ela continuamente nos edificará na justiça. Em 2Timóteo 3.16 esse processo é indicado pela palavra grega *paideia*, que é traduzida por “instrução” e originalmente significava educar uma criança (*paidion*), mas veio a ter um significado muito mais amplo do que qualquer tipo de instrução, como acontece nesse versículo.

Mas como o treinamento na justiça se expressa praticamente? O processo começa quando ouvimos a Escritura pregada durante o culto de adoração ou ensinada numa classe de Escola Dominical ou Estudo Bíblico. É nessas ocasiões que guardamos a verdade doutrinária e bíblica no nosso coração e mente.

A fase prática seguinte do nosso treinamento na justiça vem na nossa vida diária ao interagirmos com pessoas e ideias do mundo e ocasionalmente na necessidade de confrontar um erro. Você pode se encontrar num grupo de discussão quando alguém intervém com um erro doutrinário óbvio. Nesse ponto, você pode utilizar a Escritura para refutá-lo e permitir que a verdade forme o pensamento das outras pessoas do grupo. Desse modo você estará obedecendo à ordem do apóstolo Paulo para apresentar a si mesmo “a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15; cf. Ef 6.14-17).

Num nível mais pessoal, você pode ser treinado na justiça quando encontra uma tentação. Quando achar que está à beira de perder uma batalha contra a tentação, você pode recorrer ao seu conhecimento da Escritura para ajudá-lo a responder de uma maneira justa e piedosa. Do mesmo modo, você pode enfrentar um teste maior no qual seu entendimento da Palavra o sustentará, guiará através das crises e assim o treinará ainda mais na justiça. Seguindo o exemplo do Senhor Jesus (veja Mt 4.3-10) precisamos usar a Escritura de modo cuidadoso e exato para tratar com cada e toda tentação ou provação proveniente do mundo (cf. Sl 119.9-11; Cl 3.16).

Não importa quão profundo seja o nosso entendimento da Escritura, Deus ainda nos treina por vias que nem sempre compreendemos. No entanto, isso não deve nos impedir de afirmar com o salmista: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (Sl 42.1).

DESEJANDO A ESCRITURA

Se queremos vivenciar o crescimento verdadeiro, ele deve ocorrer de acordo com

o modelo de 1Pedro 2.1-2:

Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação.

O versículo 1 simplesmente significa que devemos tratar de todo pecado em nossa vida confessando-o constantemente e abandonando-o. Então podemos chegar ao âmago da questão no versículo 2 e ter um desejo ilimitado pela riqueza e pureza da Escritura. Como Davi escreveu no salmo 19.10, a Palavra é “mais desejá[vel] do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e [é] mais doce do que o mel e o destilar dos favos”. Davi também escreveu no salmo 1.2 que a pessoa justa tem “o seu prazer [...] na lei [Palavra] do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite”. No salmo 119, ele declarou repetidas vezes que se deleitava na Palavra. Tão forte e prazeroso anelo pela Escritura também é nossa chave fundamental para crescer mais e mais à semelhança de Cristo.

A analogia em 1Pedro 2.2 é muito clara. O apóstolo Pedro está simplesmente dizendo que os crentes devem desejar a Palavra do mesmo modo que um bebê deseja o leite. No grego, o termo traduzido por “desejar ardentemente” significa um desejo intenso e repetitivo, tal como os bebês expressam seu desejo por leite. Eles não se importam se ele vem de uma mamadeira ou diretamente da mãe, qual é a cor do seu quarto, ou até mesmo em que hora do dia estão – eles querem leite, e se não o receberem rapidamente, gritam e choram. Os crentes deveriam ter o mesmo tipo de desejo obstinado pela Palavra de Deus.

Pedro não diz para ler a Bíblia, ou para estudá-la, ou para meditar nela – ele diz, *deseje-a*. É o que Paulo chama “o amor da verdade” (2Ts 2.10). Na prática, isso produz uma atitude no coração do crente que diz, “Eu desejo a Palavra mais do que quero qualquer outra coisa”.

Precisamos dessa espécie de desejo ardente se quisermos conhecer a Escritura suficientemente e assim podermos ser treinados na justiça. Considere a paixão pela verdade que escritor de Provérbios descreve:

Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento. (2.1-6)

Se buscarmos a verdade divina tão seriamente quanto algumas pessoas procuram riquezas materiais, nós a encontraremos, porque Deus a tornou disponível (cf. Jó 28).

Conta-se que um jovem certa vez procurou o filósofo e professor grego Sócrates e perguntou-lhe: “Ó mestre Sócrates, o senhor seria meu professor?”

Sócrates respondeu, “Siga-me” e, virando-se, entrou no mar. Ele prosseguiu caminhando, e o jovem persistia em segui-lo. Ele desejava muito ter o mestre

Sócrates como seu mentor.

Finalmente, chegaram a uma profundidade na qual a água já estava tocando seus lábios. Sócrates então se virou e colocou ambas as mãos na cabeça do jovem e o empurrou para baixo. O homem, querendo ser um aluno obediente, permaneceu embaixo d'água por algum tempo.

Mas logo o jovem começou a cuspir e engasgar e se debater, enquanto tentava respirar. Durante todo o tempo, Sócrates, que devia ser muito forte, manteve-o sob a água. Logo o homem começou a soltar grandes bolhas e a se debater mais loucamente. Finalmente, Sócrates tirou suas mãos do seu aspirante a aluno, que subiu à superfície da água.

Ansiando por ar e vomitando água, o jovem freneticamente perguntou ao filósofo, “Por que o senhor fez isso? Por quê?”

Sócrates respondeu-lhe, “Quando você desejar aprender tanto quanto desejou respirar, eu serei seu professor”.

Quando os crentes desejam encontrar e conhecer a verdade da mesma maneira que algumas pessoas procuram por tesouros naturais, quando os crentes ansiarem pela Palavra tão apaixonadamente como uma criança anseia por leite, eles crescerão e amadurecerão e se tornarão como Jesus Cristo.

Josué 1.8 fornece um resumo adequado para nosso estudo de crescimento espiritual: “Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás [espiritualmente] bem-sucedido”. A chave é absorver a palavra de Deus e vivê-la.

PERDOAR E SER ABENÇOADO

Uma coluna essencial do caráter cristão, que pode facilmente ser negligenciada com grandes prejuízos para igreja, é a atitude de perdão. Ela deve acompanhar nossa unidade e busca da santidade (crescimento espiritual); caso contrário, o corpo de Cristo pode tornar-se realmente desarmonioso, rígido e amargo, o que leva a abrigar ressentimentos e elevar o orgulho.

O perdão é absolutamente essencial, porque por mais que gostaríamos de trazer a perfeição do céu para dentro do trabalho da igreja, isso não acontecerá nesta vida. Em vez disso, haverá pecados, imperfeições, erros, equívocos e atitudes erradas, e elas ocorrerão tanto entre a liderança da igreja como na congregação.

Mesmo o apóstolo Paulo, no auge de sua vida e já no final de sua carreira como um intrépido líder cristão e fundador de igrejas, identificou a si mesmo como o principal dos pecadores (1Tm 1.15). Os pecados sempre nos importunarão, e estaremos constantemente concordando com as palavras de Paulo, “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). De fato, quanto mais seguirmos o modelo de crescimento espiritual delineado no último capítulo e mais maduros nos tornamos, mais seremos sensíveis ao pecado e mais conscientes das nossas falhas. Assim, os crentes mais maduros deveriam sempre sentir a necessidade de ter uma atitude de perdão na vida da igreja. As atitudes não perdoadoras, se não arrependidas, levarão invariavelmente a uma falta de unidade e comunhão entre os crentes, uma utilidade limitada no ministério e a uma perda da alegria e da paz que todos os cristãos deveriam vivenciar por meio do Espírito Santo.

É claro que a cultura secular de hoje, psicologicamente sedutora, que se inclina para o exercício e a glorificação do pecado e da autoestima, zomba do perdão. As pessoas se apegam tenazmente ao seu “direito” pessoal sentindo-se ofendidas a cada suposto erro que vivenciam. Elas também têm muita satisfação em exercer vingança sobre outros. Tudo isso é contrário ao que a Escritura nos ensina e é a maior razão de os cristãos necessariamente serem caracterizados como perdoadores.

A ATITUDE QUE MAIS SE ASSEMELHA A DEUS

Samuel Davies, um evangelista e organizador do presbiterianismo nas colônias da América do Norte, expressou maravilhosamente nas seguintes estrofes de um hino a atitude perdoadora de Deus e qual deveria ser nossa resposta:

Perdão de um Deus ofendido!

Perdão dos pecados da pior espécie!

Perdão concedido por meio do sangue de Jesus!

Perdão que traz para perto o rebelde!

Quem é um Deus perdoador semelhante a ti?

Ou quem tem graça tão rica e gratuita?

Oh, possa este glorioso, incomparável amor,

Este milagre divino da graça,

Ensinar às línguas mortais, como as acima,

A entoar esta canção de louvor sublime:

Quem é Deus perdoador semelhante a ti?

Ou quem tem graça tão rica e gratuita?

Como esses versos sugerem, o perdão de Deus é maravilhoso. Este é o seu amor imerecido, indevido que não mantém o pecador culpado, mas ignora totalmente a transgressão. Quando manifestamos perdão, estamos dizendo essencialmente que, não obstante o que alguém tenha feito, não permaneceremos irados ou desejosos de vingança. Não culparemos a outra pessoa ou sentiremos autopiedade porque fomos ofendidos. Ao contrário, estamos preparados para não dar importância a esse pecado e estender completamente o amor a essa pessoa.

Isso é perdão, e é um traço característico da semelhança com Deus. Estou convencido de que o perdão é o favor mais divino que podemos conceder a alguém. Se nosso sincero desejo é ser semelhante a Cristo, devemos então possuir e demonstrar a atitude de perdão. Nunca somos tão semelhantes ao nosso Pai Celestial do que quando perdoamos alguém.

Deus perdoa por natureza

A Escritura está repleta de evidências de que Deus é um Deus perdoador. Êxodo 34.6-7 diz, “E, passando o SENHOR por diante dele [Moisés], clamou: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado”. Moisés havia pedido para ver a glória de Deus, então o Senhor revelou uma pequena parte dela ao passar e identificar algo da sua natureza básica.

Os salmos também testificam a verdade da natureza perdoadora de Deus. Eis três passagens representativas:

Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo. (32.1-2)

Perdoaste a iniquidade de teu povo, encobriste os seus pecados todos. A tua indignação, reprimiste-a toda, do furor da tua ira te desviaste. (85.2-3)

Se observares, SENHOR, iniquidades, quem, SENHOR, subsistirá? Contigo, porém, está o perdão, para que te temam. (130.3-4)

Os profetas do Antigo Testamento também proclamaram a verdade da natureza perdoadora de Deus. Deus falou por meio de Isaías e disse, “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro” (Is 43.25). Deus simplesmente diz que exhibirá seu caráter como um Deus perdoador e assim receberá adoração de todos aqueles que

são agradecidos pelo seu perdão.

Em Isaías 55.6-7, o profeta reiterou o princípio de perdão com a exortação, “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”.

Em Jeremias 33.8, Deus estabelece por três vezes o significado dos pecados das pessoas e por duas vezes revela sua atitude de perdão: “Purificá-los-ei de toda a sua iniquidade com que pecaram contra mim; e perdorei todas as suas iniquidades com que pecaram e transgrediram contra mim”.

Ilustrações do perdão no Novo Testamento

A natureza essencialmente perdoadora de Deus talvez não seja em nenhum outro lugar mais bem retratada do que na bem conhecida parábola do filho pródigo (que poderia mais apropriadamente ser chamada de a parábola do pai perdoador) contada por Jesus. Lucas 15.11-24 registra as relações do pai com seu filho desobediente:

Continuou: Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se.

O filho dessa parábola é semelhante a muitos filhos hoje – tolo, ganancioso, egocêntrico, excessivamente indulgente, ansioso para colocar as mãos sobre a riqueza que ele não ganhou, e esbanjador na maneira como gasta o dinheiro na companhia de pessoas irresponsáveis e indiferentes que o deixaram na miséria quando os recursos se foram. Ao cair em si num chiqueiro, sua condição espelha sua vida. Chegando à conclusão que os empregados do seu pai tinham muito mais do que ele, resolve voltar para casa.

A última coisa que o filho espera é ser perdoado. Ele apenas quer a oportunidade de voltar para casa, reconhecer quão terrível e negligente filho havia sido, e tornar-se um escravo. Assim, pelo menos, teria um lugar para morar e alimento decente para comer. Ao descrever a chegada do filho à casa de seu pai, Jesus nos ensina o que significa perdoar, baseado em como Deus perdoa. Logo que o pai vê o filho à distância, corre para encontrá-lo, amorosa e sinceramente abraça seu filho, e pede uma celebração extravagante para celebrar o seu retorno.

Isso ilustra o caráter generoso do perdão de Deus. Quando vê o pecador se movendo em sua direção com um coração arrependido e pronto para confessar seus pecados, Deus o abraça e imediatamente derrama sobre ele o seu amor perdoador.

O pai da parábola não se parece em nada com as pessoas da igreja que mantêm a atitude ímpia e antibíblica da amargura. O caráter dessas pessoas, que acham que têm de retaliar cada erro cometido contra elas e reagir para preservar seu orgulho, é muito diferente do caráter de Jesus Cristo.

Pessoas amargas não se dispõem a perdoar, e suas ações cheias de rancor enfraquecem o trabalho da igreja, bem como da vida e do ministério de servos e líderes fiéis. Que contraste com o pai que se regozija perante o filho arrependido e não poupa despesas para expressar seu perdão. E o pai não faz nada disso para ganho pessoal, mas simplesmente pelo puro prazer da reconciliação. A parábola retrata a maneira divina do perdão, a qual é a razão de podermos novamente dizer que o perdão é ação mais própria de Deus que alguém pode desempenhar (cf. Mt 5.43-45).

O perdão também é um ponto destacado pelo apóstolo Paulo em Efésios 4.32: “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou”. Uma atitude de perdão é o ingrediente-chave para tratar os outros de maneira bondosa e terna. Já vimos que Deus nos ama e nos perdoa, não porque somos merecedores, mas meramente porque ele é extraordinariamente misericordioso. Por essa razão, do mesmo modo os crentes – no meio de um mundo extremamente irado, impiedoso e cruel – devem estender incondicional bondade e ternura a outros crentes, perdoando pecados, erros e fraquezas e ignorando seus próprios programas egoístas e expectativas pessoais.

Em Colossenses 3.13, Paulo revela outra verdade marcante sobre o perdão cristão: “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós”. Devemos perdoar com o mesmo tipo de magnanimidade e generosidade com que Deus nos perdoou.

O IMPERATIVO DO PERDÃO

Outra parábola de Jesus que destaca vividamente a importância do perdão na vida cristã é a parábola do credor incompassivo. Nessa passagem, o ensino de Jesus ressalta não apenas a necessidade de perdoar, mas também o imperativo de que se Deus, que recebeu a maior ofensa, pode nos perdoar, então os crentes, que foram muito menos ofendidos, devem perdoar seus companheiros crentes.

Em resposta à pergunta de Pedro com referência a quantas vezes um crente deve perdoar os pecados de um irmão, nosso Senhor contou a seguinte parábola a todos os discípulos:

... o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que

pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão. (Mt 18.23-35)

Nos reinos antigos todos os cidadãos eram escravos no sentido amplo de que eram súditos do monarca. Isso significa que os nobres eram tão escravos do governante como o eram os funcionários de baixo escalão. Essa parábola sugere tais extremos, o que indica que sua verdade se aplica a todo crente no reino de Deus. O primeiro escravo na parábola tinha uma abundante riqueza pessoal, mas o segundo escravo, em comparação, era provavelmente pobre. O primeiro homem era como um governador no reino, e sua responsabilidade primária era recolher impostos para o rei.

O sentido da parábola com relação a dinheiro é que o servo devia uma quantia extremamente grande, um débito impagável ao rei. O tremendo débito simboliza a enorme dívida do pecado que todo ser humano tem para com Deus. Quando o Espírito de Deus convence uma pessoa do seu pecado (Jo 16.8), ela descobre que o débito do pecado está além da compreensão e é humanamente impossível de ser pago (cf. Jo 42.6; Ed 9.6; Rm 7.13).

Deus quer que vejamos a vida como uma mordomia a ser vivida para sua glória. No entanto, os incrédulos tomam a vida que lhes foi dada por Deus e a desperdiçam consigo mesmos em vez de investi-la nele. Como o filho pródigo ou o servo que enterrou o seu talento, desperdiçam todos os privilégios do evangelho que o Senhor lhes concede.

Na parábola, o primeiro escravo representa o incrédulo a quem Deus deu vida (At 17.25), tem a oportunidade de dar a Deus o que lhe é devido (cf. Rm 11.36), mas desperdiça os recursos de Deus no pecado. Como representante de qualquer pecador falido, o homem provavelmente desfalcou o que legitimamente pertencia ao rei e consumiu tudo em benefício próprio. Isso resultou na punição do escravo quando “ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga” (Mt 18.25).

Quando confrontado com seu pecado e suas consequências, o escravo se prostrou diante do rei, significando sua completa submissão à misericórdia do governante. O homem estava inteiramente condenado pelo seu pecado e genuinamente arrependido. Todo pecador deveria sentir-se tão sobrepujado pelo seu pecado quanto aquele escravo sentia-se pela sua dívida (veja Mt 5.3-12; Lc 18.13).

Embora a probabilidade de corrigir as coisas fosse praticamente inexistente, o

homem em seu desespero pediu por uma oportunidade de fazê-lo: “Sê paciente comigo, e tudo te pagarei” (Mt 18.26). O gesto subsequente do rei, de bondade indulgente, retrata o grande amor perdoador de Deus pelo pecador verdadeiramente arrependido que sabe que deve confiar na misericórdia do Senhor. Ele libera o pecador do débito impossível do pecado e o declara uma nova pessoa em Cristo. (Obviamente, a mensagem do evangelho está implícita, não completamente delineada nessa parábola, porque o ponto principal que Jesus queria ilustrar era o tema do perdão entre os crentes.)

A atitude e o comportamento do escravo perdoado com relação a um dos seus companheiros escravos, na segunda parte da parábola, são verdadeiramente inacreditáveis e inaceitáveis considerando o gesto magnânimo do rei. Embora a dívida do segundo escravo fosse infinitamente menor do que a do primeiro, o servo que havia acabado de ser perdoado estava totalmente intransigente quanto a imitar o rei e perdoar o outro servo. Não é que a dívida do segundo homem para com o primeiro não fosse legítima. Ela era real e necessitava de perdão, o que o primeiro homem se recusou a conceder. Em vez disso, ele agiu de maneira orgulhosa, presunçosa, ingrata e sem misericórdia com relação ao escravo inferior.

O fato de o escravo perdoado exigir o reembolso do outro escravo, e fazê-lo de maneira irada e abusiva, foi grosseiramente insensível e irracional, e, nas palavras de um comentarista, uma “monstruosidade moral”. E o escravo não perdoado foi punido pelo seu pecado quando outros escravos (representando outros crentes) ficaram justamente entristecidos e relataram o incidente ao rei.

O monarca, assim como nosso Deus santo e justo se sentiria, ficou indignado (v. 34) com o pecado inconcebível do homem. O pior aspecto do pecado não foi a exigência do pagamento de uma dívida relativamente pequena, mas a obstinada recusa em perdoar um servo companheiro, no mesmo espírito no qual o primeiro servo havia encontrado misericórdia. O servo perdoado definitivamente não estava seguindo o princípio posteriormente expresso pelo apóstolo Paulo em Efésios 4.32.

Quando Deus precisa castigar os crentes por algum pecado grave, ele é perfeitamente imparcial, mais do que a punição de qualquer rei possa ser. O Senhor, conquanto sempre fique irado com o pecado, disciplina os seus porque os ama (Hb 12.6. 10-11). Se eles se esquecem do perdão que receberam (como fez o primeiro escravo) e se recusam a perdoar companheiros crentes, Deus faz com que suportem “torturadores” tais como *stress*, dificuldades, problemas de consciência e outras provações até que lidem com o pecado. Tiago diz: “Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia” (Tg 2.13).

Acredito que a lição da parábola é clara: qualquer crente que ofende um companheiro crente ofendeu muito mais a Deus, e Deus o perdoou; por essa razão, o crente ofendido deve estar sempre disposto a perdoar o irmão ou irmã

que pecou contra ele ou ela e pede para ser perdoado. Os cristãos devem sempre refletir o perdão de Deus porque já experimentaram esse mesmo perdão.

O perdão verdadeiro, no entanto, não justifica os erros dos outros. A compaixão e a misericórdia não descaracterizarão uma ofensa, mas sempre a chamarão pelo que ela é. No entanto, ao confrontar um pecado, o crente perdoador eliminará a amargura e todos os outros sentimentos negativos que apenas podem aumentar o pecado em vez de eliminá-lo. Então, ele ou ela podem confiante e sinceramente orar a bem conhecida oração: “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12).

AS BÊNÇÃOS DO PERDÃO

“Bem-aventurados os misericordiosos”, disse nosso Senhor, “porque alcançarão misericórdia” (Mt 5.7). Se desejarmos desfrutar dos benefícios do perdão de Deus com relação a nós, devemos estar desejosos de perdoar outros crentes, até mesmo aqueles que repetidamente pecam contra nós. Ou podemos expressar esse princípio final mais diretamente, isto é, que Deus não perdoa aqueles que não perdoam aos outros (Mt 6.15).

Isso não quer dizer que uma atitude não perdoadora anula a salvação do crente. No âmbito das coisas eternas, Deus perdoa todos os pecados daqueles que estão em Jesus Cristo. No entanto, uma atitude que se recusa a perdoar companheiros crentes roubará do cristão sua alegria, paz, comunhão e utilidade na igreja. Esse é o princípio a que João 13.9-10 se refere: “Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos”. Não é uma questão de estar limpo ou salvo, mas de remover a sujeira do pecado persistente de modo que possamos ter a comunhão adequada.

Se já somos justificados possuímos o perdão eterno, e isso esclarece a questão da bênção futura. Mas o perdão temporal, dado e recebido, é uma parte necessária do processo da nossa santificação e determina se teremos ou não a bênção presente. Se não perdoarmos outros crentes regular e consistentemente, Deus não nos dará o perdão temporal. Como resultado, perderemos nossa bênção atual e sofreremos a correção de Deus. Como vimos na parábola do credor incompassivo em Mateus 18, Deus castiga crentes que não perdoam outros crentes, algumas vezes até com a morte.

Nos muitos anos de minha experiência pastoral, encontrei crentes que tinham falta de alegria, poder e utilidade em seu caminhar sempre demonstrando uma atitude não perdoadora. Deus retém a bênção sobre eles, por causa do espírito cheio de rancor, teimoso e amargo.

Pessoas não perdoadoras me procuraram para aconselhamento, expressando sua raiva, frustração e confusão com as dificuldades que estavam vivenciando. Nesses casos, eu geralmente lhes perguntava: O que você pensa que o Senhor está pretendendo fazer em sua vida? Haveria alguma razão para você estar passando

por esses problemas? A intenção das minhas perguntas é que essas pessoas precisavam examinar o próprio coração, porque essa é a fonte da raiva e amargura que sentiam. Eu as desafiava a ver se suas atitudes não perdoadoras estavam causando suas provações. Eu as lembrava de que os crentes devem perdoar porque é nisso que mais refletem o coração do seu Pai celestial.

Em Mateus 5.23-24, Jesus ensina, “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta”.

O significado do ensino do nosso Senhor não poderia ser mais claro. Um rancor não resolvido precisa ser decidido e a reconciliação deve ocorrer antes de prestarmos verdadeira adoração a Deus. Devemos fazer tudo o que pudermos para solucionar qualquer raiva, amargura e falta de perdão que tivermos contra um irmão ou irmã em Cristo, ou que ele ou ela tenha contra nós. Caso contrário, não estaremos aptos para apresentar-se diante de Deus ou participar da mesa de sua comunhão. Esse é o motivo da atitude de perdão ser tão crucial na vida da igreja.

Para ajudar a proteger seu coração da tendência de não perdoar outros crentes, lembre-se desta oração:

Oh Deus, dá-me um coração perdoador, para que eu possa então comungar contigo na plenitude da comunhão e alegria e não vivenciar a correção que vem quando tu não me perdoas, porque eu não perdoarei um irmão ou uma irmã em Cristo. Que eu possa me lembrar de que, para cada pessoa que peca contra mim, eu tenho pecado múltiplas vezes contra ti, e tu me tens perdoado sempre. Em nenhum momento, meus pecados me fizeram perder a vida eterna, então, o pecado de ninguém mais deveria lhes causar a perda do meu amor e misericórdia para com eles. Amém.

RAZÃO SUFICIENTE PARA ALEGRAR-SE

Toda pessoa tem um desejo básico por alegria, e parece que todos os demais desejos fluem dele e direta ou indiretamente atendem a essa necessidade mais básica. As pessoas consomem certos alimentos e bebidas porque obtêm prazer deles. Elas procuram ganhar dinheiro e bens materiais porque acreditam que essas coisas poderão lhes trazer alegria. A maioria das pessoas busca prestígio, poder e sucesso porque pensa que esses desejos lhes proporcionarão alegria. No entanto, esse tipo de prazer é temporário e decepcionante. A alegria real e duradoura vem apenas quando, como crentes, pela fé por meio da graça, confiamos em Jesus Cristo como Senhor e Salvador e nos apropriamos das verdades do seu reino.

A natureza da verdadeira alegria vem de maneira clara quando comparamos as definições da palavra. Seu significado primário, de acordo com o dicionário Webster's, é “uma emoção evocada pelo bem-estar, sucesso ou sorte ou pela expectativa de possuir o que se deseja”. Estão implícitos nessa definição todos os prazeres temporais centrados no homem, e as recompensas em última análise insatisfatórias às quais acabamos de nos referir.

Agora considere a definição bíblica de alegria. O termo grego (*chara*) é usado aproximadamente setenta vezes no Novo Testamento e sempre representa um sentimento de felicidade que está baseado em realidades espirituais. A alegria nesses contextos não é meramente algo vivenciado como resultado de circunstâncias favoráveis. Não é nem mesmo semelhante a uma emoção humana divinamente estimulada. Pelo contrário, a alegria é um dom sobrenatural de Deus para os crentes. Foi a isso que Neemias se referiu quando disse, “a alegria do SENHOR é a vossa força” (Ne 8.10).

A alegria bíblica não é apenas um dom de Deus, também é ordenada a todos aqueles que o conhecem: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4.; cf. 1Ts 5.16). Como outras características vitais da vida cristã (ser cheio do Espírito Santo, realizar nossa união espiritual, etc.), os crentes não necessitam fabricar alegria ou utilizar todos os tipos de truques para encontrá-la. Eles precisam simplesmente agradecer ao Senhor pelo dom e regozijo nas bênçãos maravilhosas que a alegria já lhes confere (veja Rm 14.17).

ALEGRIA: UMA ORDEM REPETIDA

Porque Deus ordena aos crentes que tenham alegria, depreende-se facilmente que ela é outra coluna ou atitude fundamental do caráter cristão. O mundo mau em

que vivemos nos oferece suficientes razões para sermos ansiosos, perturbados, preocupados, temerosos, mas nenhum desses fatores negativos deveria afetar seriamente os crentes. A razão é porque o Novo Testamento está repleto de exortações e instruções a respeito da alegria. Só em Filipenses, ela é mencionada dezessete vezes. Já ressaltamos a ordem básica do apóstolo Paulo em Filipenses 4.4, mas ele também fala da alegria nestes versículos-chave (itálicos meus):

E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé. (1.25)

Completai a minha *alegria*, de modo que penseis a mesma coisa. (2.2)

Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, *alegro-me* e, com todos vós, me congratulo. Assim, vós também, pela mesma razão, *alegrai-vos e congratulai-vos* comigo. (2.17-18)

Quanto ao mais, irmãos meus, *alegrai-vos* no Senhor. (3.1)

Alegrei-me, sobremaneira, no Senhor. (4.10)

À luz de tal ênfase na alegria, é seguro afirmar que nenhuma circunstância ou acontecimento jamais deveria diminuir a alegria na vida de um crente. Isso pode soar ridículo ou impossível, especialmente em decorrência das realidades da vida diária. Porém, está baseado na verdade da Escritura. A passagem de 1 Tessalonicenses 5.16 é mais concisa, direta e inescapável: “Regozijai-vos sempre”. E o próprio Paulo praticou essa ordem, reconhecendo que embora ele enfrentasse muitas adversidades, estava sempre se regozijando (2Co 6.10). As palavras do apóstolo Pedro também afirmam esta premissa: “pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.13).

Muitas outras passagens no Novo Testamento reforçam a verdade de que nenhuma quantidade de adversidades ou dificuldades deveria afetar a atitude cheia de alegria do crente. O próprio Senhor Jesus ressaltou a importância da alegria quando ensinou os discípulos no cenáculo, pouco antes dos seus próprios sofrimentos e morte. A alegria era um componente essencial do legado que ele nos deixou (ênfase acrescentada):

Tenho-vos dito estas coisas para que o meu *gozo* esteja em vós, e o vosso gozo seja completo. (Jo 15.11)

Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se *alegrará*, e a vossa *alegria* ninguém poderá tirar. (Jo 16.22)

Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa *alegria* seja completa. (Jo 16.24)

Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu *gozo* completo em si mesmo. (Jo 17.13)

Se você ler todo o contexto de João 13–17, verá que no meio das circunstâncias assustadoras da morte iminente do Senhor, os doze seriam logo deixados no mundo para enfrentar perseguição, sofrimento e finalmente a morte. No entanto, o Senhor nunca hesitou em dizer-lhes que deveriam alegrar-se constantemente.

As palavras de Jesus na mensagem do cenáculo, no entanto, não deveriam nos

surpreender, porque no início do seu ministério ele ensinou que as provas e adversidades não diminuiriam necessariamente o sentimento de alegria do crente. Mateus 5.11-12 diz, “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós”. Lucas registra a mesma mensagem:

Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas. (Lc 6.22-23)

Mas isso ainda deixa sem resposta a pergunta sobre como é possível reagir a qualquer situação difícil com alegria. O apóstolo Tiago é esclarecedor quanto a isso quando diz, “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tg 1.2-3).

Devemos ser mais felizes por nossos momentos de provações do que pelos bons, porque as lutas são sempre mais produtivas e purificadoras espiritualmente. Elas são mais apropriadas para nos despojar do nosso egocentrismo e orgulho e nos convencer de que não temos o controle de todas as coisas. Nós nos tornamos mais dependentes do Senhor durante os períodos de provas, e isso intensifica nossa vida de oração e nos faz ter mais compaixão pelos sofrimentos de Cristo e bem como pelos de todas as outras pessoas. Tiago classifica esses tipos de consequências como “resultado perfeito” de persistência, o que nos faz “perfeitos [maduros] e íntegros, em nada deficientes” (1.4).

O chamado para alegrar-se em todo o tempo ou em todas as circunstâncias não significa, no entanto, que não haja momentos em que é correto se abster de demonstrações exteriores de alegria. É legítimo que em momentos apropriados nos identifiquemos com as emoções humanas normais, assim como Paulo nos encoraja em Romanos 12.15: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram”. Há algo bom e benéfico para nós e para aqueles a quem ministramos quando legitimamente derramamos lágrimas e demonstramos compaixão quando eles estão passando por dor e sofrimento. No entanto, isso não deveria interromper ou diminuir a intrínseca e permanente sensação de alegria do cristão.

Paulo expressa o equilíbrio apropriado quando diz, “entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10). Há um lugar para a simpatia e tristeza humana normal, mas isso deveria ser sempre acompanhado por um coração que está se regozijando. Debaixo das emoções exteriores de choro e tristeza e dos gestos de simpatia, o crente sempre terá um genuíno regozijo espiritual, uma atitude que somente Deus pode dar.

A SUPERIORIDADE DA VERDADEIRA ALEGRIA

Como afirmamos no início deste capítulo, a alegria do mundo é inferior à

verdadeira alegria que Deus tão graciosamente dá aos crentes e ordena que manifestem. Muito simplesmente a alegria do mundo deriva de prazeres terrenos passageiros. A Escritura é cuidadosa em identificar a alegria mundana e advertir quanto aos seus perigos e inadequações.

A inferioridade da alegria do mundo

O escritor de Eclesiastes fala sobre sua própria loucura ao ser apanhado pela alegria terrena:

Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas. Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade [futilidade] e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol. (Ec 2.10-11)

Então, em Eclesiastes 11.9, o Pregador declara o desagrado de Deus com tais autoindulgências: “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas” (cf. 7.6; Is. 16.10; Tg 4.9).

Ao longo do caminho para esse julgamento, a alegria terrena pode ser muito decepcionante e ilusória: “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte. Até no riso tem dor o coração, e o fim da alegria é tristeza” (Pv 14.12-13). As pessoas constantemente querem coisas, e correm impulsivamente para preencher esses desejos apenas para descobrir que logo sua alegria se transformará em tristeza. A alegria deste mundo não perdura além dos prazeres de curta duração. É por essa razão que Jó 20.4-5 pergunta incisivamente: “Porventura, não sabes tu que desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra, o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea?”.

Gratidão em meio à alegria verdadeira

Em contraste com a alegria deste mundo, a verdadeira alegria espiritual para o crente é sobrenatural. A alegria bíblica é muito superior à alegria deste mundo e a qualquer das suas explicações psicológicas e materialistas. O apóstolo Paulo em Gálatas 5.22 identifica a alegria como um aspecto do fruto do Espírito. A seguir, em Romanos 14.17, ele ainda define a alegria como um componente essencial do reino de Deus; é uma alegria espiritual que provém de Deus por meio de Jesus Cristo, dispensada pelo Espírito Santo. E nenhuma circunstância da vida, a não ser quando pecamos, poderia legitimamente afastar nossa alegria se conhecemos e confiamos verdadeiramente no Senhor. Mesmo quando o pecado nos rouba a alegria, essa experiência não deveria durar muito tempo, porque tão logo confessamos nosso pecado, Deus permite que nos regozijemos no seu perdão (1Jo 1.9).

Visto que a verdadeira alegria nos dá confiança de que Deus está soberanamente orquestrando todas as coisas para o nosso bem e sua glória, temos

razão abundante para nos regozijar no Senhor e agradecer a ele pelo que está fazendo na nossa vida. As seguintes são apenas algumas razões pelas quais nós, que conhecemos Cristo, devemos estar constantemente alegres.

Primeiro, devemos ser alegres porque *a alegria é um ato de resposta adequada ao caráter de Deus*. A alegria surge porque sabemos que Deus é soberano, gracioso, amoroso, misericordioso, bondoso, onipotente, onisciente e onipresente. Porque ele busca o nosso bem-estar, podemos estar confiantes em meio a tudo o que ele traz ao nosso caminho. Isso está fundamentado num profundo e sincero conhecimento de Deus que entende que quando as pessoas intentam coisas para o mal, ele as transforma para o nosso bem (Gn 50.20). Temos confiança que Deus opera todas as coisas conjuntamente para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28). Não podemos sempre regozijar-nos exclusivamente nas nossas circunstâncias, mas sempre podemos nos regozijar no Deus que controla nossas circunstâncias.

Nossa alegria no caráter de Deus é ainda mais reforçada porque seu caráter é imutável. Seria realmente assustador se Deus fosse caprichoso e não pudéssemos confiar nas suas palavras e ações. Mas Deus não é assim. Sua graça é sempre dispensada de maneira consistente. Sua justiça é sempre reta e justa. Ele sempre cumpre o que promete. Tiago 1.17 nos assegura dessas verdades: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança”.

Segundo, os cristãos devem se regozijar porque *a alegria é a resposta adequada à obra de Cristo*. Ao lembrarmos que “ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8), deveríamos imediatamente louvá-lo e agradecê-lo com o coração repleto de alegria. É importante lembrar que “não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19), que “carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (2.24), que “o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1.7), e que Deus orquestrou tudo isso “antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.4-5). Quando compreendemos tudo o que Cristo conseguiu para nós e que o céu é eternamente nosso, temos uma alegria duradoura que nenhuma circunstância trivial ou passageira deveria afetar.

Terceiro, devemos ter alegria espiritual incessante como *uma demonstração de confiança na obra do Espírito Santo*. Além de nos dar o próprio dom da alegria (Rm 14.17, Gl 5.22), o Espírito está de maneira contínua e sempre progressivamente, nos mostrando as coisas de Cristo e nos tornando mais semelhantes ao Salvador: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando,

como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). Com nossa própria força e sabedoria não poderíamos conhecer a mente de Deus, mas o Espírito que vive em nós (Rm 8.9-10) nos ajuda a entender as coisas espirituais (1Co 2.10-16). O Espírito Santo nos guia a toda verdade (Jo 16.13) e nos ensina tudo que necessitamos conhecer na vida cristã, bem como nos lembra dessas coisas (Jo 14.26). O Espírito é o adiantamento, a primeira parcela da nossa herança eterna (Ef 1.13-14). Temos também confiança de que todos os dias ele está intercedendo a nosso favor diante do trono da graça (Rm 8.26-27).

Quarto, devemos ter alegria porque isso é *uma resposta aceitável às contínuas bênçãos espirituais*. Deus nunca cessa de derramar bênçãos espirituais para os crentes, como indica Efésios 1.3: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”.

Nem sempre sentimos que nossa vida é especialmente abençoada dia após dia, mas se apenas pararmos e considerarmos algumas das maneiras nas quais o Senhor é bom para nós, não seremos capazes de deixar de nos regozijar. Por exemplo, toda vez que pecamos somos perdoados instantaneamente. Toda vez que Deus nos aperfeiçoa por meio de provas, nos expõe a ensinamentos bíblicos sólidos, e nos molda mais à imagem de Cristo, isso deveria nos motivar a louvá-lo. E quando Deus nos conduz seguramente por mais um dia, ele nos poupa de algum desastre terrível ou extrema agonia, vivenciamos a bênção da sua misericórdia. Deus também está planejando bênçãos futuras, bem como está preparando para nós um lugar no céu (Jo 14.2-3).

Todos esses intermináveis favores, vistos ou não, que Deus faz por nós ao longo da vida são evidências de que seus filhos são abundantemente abençoados. Essas bênçãos significam que deveríamos expressar verdadeira alegria espiritual todos os dias e nunca as considerar como garantidas ou questionar seus benefícios em nos ajudar a crescer.

Uma quinta razão para manifestar alegria é que ela é *uma resposta apropriada à providência de Deus*. A providência divina é simplesmente a maneira como Deus orchestra todas as circunstâncias para realizar o bem maior para os crentes. É, sem dúvida, o método mais comum que ele usa para organizar e controlar os acontecimentos humanos temporais. Quando consideramos Deus juntando milhões de detalhes e situações para realizar seu propósito perfeito, o vasto escopo da providência é um milagre muito maior do que aquelas ocorrências únicas sobrenaturais que costumeiramente chamamos de milagre.

Sentimos uma confiança firme e uma segurança profunda ao saber que o Senhor, por meio de todas as infinitas contingências, controla soberanamente todo o universo. Além do mais, ele também controla misericordiosamente todos os acontecimentos específicos da nossa vida individual, o que deveria renovar continuamente nossa fé e alegria nele.

Sexto, os cristãos devem sentir alegria, porque esta é *uma resposta adequada à promessa da glória futura*. Como indiquei na Introdução do meu livro *The glory of heaven* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1996), os crentes de hoje não estão suficientemente cativados pela alegre expectativa de que um dia entrarão no céu e habitarão em sua glória por toda a eternidade. Nós nos tornamos tão confortáveis com as alegrias temporárias desta vida, ou então tão mergulhados nas suas dificuldades, que nos esquecemos de que somos meramente peregrinos aguardando “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10; cf 13.14).

Assim que adquirimos o hábito de pensar com frequência nas glórias que estão por vir, os problemas e lutas da vida – até mesmo as questões mundanas diárias – tudo se desvanece em insignificância em comparação (cf. Rm 8.18). Quando o apóstolo Paulo nos diz “Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.2), ele pretende que isso seja um alegre exercício que libera nossa mente de todas as coisas debilitantes da terra – as quais nada representam para a eternidade. Tais preocupações temporais nunca deveriam amortecer nossa alegria espiritual.

Durante o tempo em que minha irmã estava sofrendo de câncer terminal (ela faleceu em 1997 e agora conhece a alegria do céu em primeira mão), nós conversávamos frequentemente por telefone. Durante uma dessas chamadas há vários anos, eu lhe disse, “Bem, Julie, a pior coisa que pode acontecer a você é a melhor coisa que pode acontecer a qualquer pessoa”.

Ela respondeu, “Eu sei; nunca questioneei isso”.

Então eu acrescentei, “Você sabe, você está indo para a presença do Senhor, nas glórias do céu”.

Ao que ela respondeu, “E essa é a minha confiança”.

Então me contou que o hospital naquele dia havia mandado um psiquiatra e mais alguém para dizer-lhe que queriam colocá-la num grupo especial de terapia. Eles desejavam que ela entrasse em contato com sua “criança interior”.

Minha irmã reagiu a essa ideia dizendo ao pessoal do hospital, “Não obrigado. Eu não preciso entrar em contato com minha criança interior. Eu estou em contato com o meu Senhor Jesus Cristo, e tudo está bem”.

Podemos encarar qualquer situação com esse tipo de esperança no nosso coração. Nós simplesmente não deveríamos ficar tão perturbados com qualquer coisa que nos aconteça na terra porque tudo isso também é temporário. Os acontecimentos desta vida somente fazem com que o céu se torne mais atraente e maravilhoso.

Uma sétima razão porque devemos ter alegria é que *ela demonstra gratidão pelas orações atendidas*. Jesus disse, “pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa” (Jo 16.24). O Senhor sempre atendeu aos nossos pedidos e

intercessões por meios que estavam completamente de acordo com sua vontade (1Jo 5.14-15). Ele fez isso vezes incontáveis e tanto por todas as nossas orações atendidas – como por aquelas ainda não atendidas – nossa alegria não deve ser diminuída.

Além disso, a verdadeira alegria demonstra uma *genuína gratidão e apreciação pela Palavra de Deus*. No final do Capítulo 6 discutimos o quanto a Escritura é valiosa para o nosso crescimento espiritual. Essa verdade deve nos guardar de jamais abandonarmos nossa atitude de regozijo perante o Senhor. Sua bondade e misericórdia ao nos ter dado a Palavra deveria levar-nos a imitar as palavras de Davi, “Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração” (Sl 19.8; cf. 119.14, 24, 70, 97, 103, 111, 127, 140, 162). O profeta Jeremias expressou sentimentos semelhantes, que devem encorajar ainda mais nossos agradecimentos pela verdade de Deus: “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó SENHOR, Deus dos Exércitos” (Jr 15.16).

O Novo Testamento também testifica da alegria que deve ser nossa em resposta à Palavra de Deus. O apóstolo João, na introdução à sua primeira carta, diz, “Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1.4). Ele sabia que a Escritura iria fazer surgir a mais profunda apreciação e alegria nos seus leitores quando eles agradecessem ao Senhor por tudo que ele lhes deu.

Finalmente, *a apreciação pela comunhão cristã* deveria sempre nos causar regozijo. Paulo disse aos Tessalonicenses, “pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus” (1Ts 3.9).

E SE NÃO HOVER ALEGRIA?

A despeito de todas as razões bíblicas para obedecer à ordem de Deus para nos regozijar sinceramente em todo o tempo, todos os crentes vivenciarão tempos em que a alegria faltará em suas vidas. Paulo ordena a todos os crentes “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos” (2Co 13.5). Se a alegria estiver ausente da sua vida, há uma série de testes que você pode fazer para descobrir a razão.

Primeiro, pode ser que *você não conheça o Senhor*. Você pode estar confiando numa falsa segurança de salvação. Isso é o que Jesus disse aos discípulos ao interpretar sua parábola dos solos:

O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. (Mt 13.20-21; cf. v. 5, 6)

Algumas vezes, quando uma pessoa ouve o evangelho pela primeira vez, há um sentimento imediato de alegria emocional e um estímulo psicológico, mas isso não perdura. Se uma pessoa luta constantemente para ter alegria e é incapaz de ultrapassar os desafios da vida, pode significar que ela não conheça a Cristo

verdadeiramente. Sendo assim, precisa estar atenta à ordem de Paulo em 2Coríntios 13.5 e arrepender-se e crer.

Segundo, você pode ter falta de alegria porque *está sob alguma tentação muito forte*. O apóstolo Pedro escreve: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Não há nada que Satanás mais goste do que ser capaz de roubar sua alegria durante os tempos de intensa tentação. A solução é não permitir que suas preocupações se tornem tentações: “lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1Pe 5.7).

Algumas vezes você não tem alegria *porque alimenta expectativas falsas e não realistas*. Os cristãos muitas vezes acreditam que merecem mais bênçãos do que têm, quando na realidade têm muito mais do que merecem. Antes de aceitar Cristo nós merecíamos – como todos os pecadores não regenerados – a ira de Deus e uma eternidade no inferno. “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.8-9). Nós que não merecíamos nada temos todas as razões para nos regozijar e ser agradecidos pelas muitas bênçãos que o Senhor nos concede.

As falsas expectativas estão diretamente relacionadas com o orgulho, e o *pecado do orgulho* é outra razão comum para você não sentir alegria. Refiro-me, mais especificamente, ao vil pecado da insatisfação com as suas posses. A cultura ocidental, com sua ênfase no materialismo e na ganância, incentiva essa mentalidade. Modelos glamorosas apelam em comerciais de televisão e o tornam infeliz com sua própria imagem ou com a de sua esposa. Os anunciantes promovem seus carros, eletrônicos, férias e aparelhos domésticos com a intenção de torná-lo insatisfeito com o que tem atualmente – ou não tem.

Nosso orgulho, se não controlado, pode nos levar a ceder a essas influências mundanas. E então nos impelirá a perseguir essas coisas temporais, e acabamos abdicando de nossa alegria e contentamento por frustração e insatisfação.

A *falta de oração* pode também roubar sua alegria. Se você não der atenção a 1Pedro 5.7 quando deparar com provações e dificuldades, é certo que perderá o sentimento de alegria que Deus quer que você tenha. Simplesmente você não precisa levar a carga toda sozinho:

Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. (Fp 4.6-7)

Joseph Scriven, na primeira estrofe do seu conhecido hino “O grande amigo”, expressa adequadamente a importância da oração e destaca o que acontece quando ela está faltando:

Em Jesus amigo temos,
Mais chegado que um irmão;

Ele manda que levemos
Tudo a Deus em oração!
Oh, que paz perdemos sempre,
Oh, que dor no coração,
Só porque nós não levamos
Tudo a Deus em oração!*

Finalmente, o que mais contribui para falta de alegria é a *ignorância*. Se você está verdadeiramente crescendo em Cristo, terá verdadeira alegria espiritual. Se, por outro lado, você vive com sentimentos impulsivos e subjetivos, terá grande dificuldade em manter a alegria. É imperativo que você controle suas emoções, e isso só vai acontecer quando você encher a sua mente com a sã doutrina, crer nela incondicionalmente e caminhar pelo Espírito Santo.

O mundo ama funcionar com base naquilo que faz com que as pessoas se sintam bem. Porém, o Senhor tem um padrão superior para os crentes, como o apóstolo Paulo indica: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Quando isso é verdade, responderemos alegre e inteligentemente a tudo o que o Senhor tem para nós.

Se nossa mente está completa e consistentemente informada pela verdade de Deus e se adotamos um modesto, mas significativo hábito da igreja primitiva, indubitavelmente seremos mais cônscios da importância da alegria. A saudação comum entre pessoas crentes na igreja primitiva era o termo grego *Chairete*, que literalmente significa “Alegrai-vos”. Jesus deu origem a essa saudação na manhã da ressurreição, quando encontrou algumas das mulheres que haviam acabado de ouvir que ele havia ressuscitado de entre os mortos: “E indo elas contar aos discípulos, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Alegrai-vos. E elas, aproximando-se dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram” (Mt 28.9, NKJV). Essa foi certamente a saudação apropriada com que nosso Senhor procurou consolar e encorajar seus seguidores com sua presença, o que era uma evidência clara e irrefutável da sua ressurreição.

“Alegrai-vos”, que entre os crentes é uma saudação muito mais significativa do que o rotineiro “Oi” ou “Bom dia”, tornou-se a maneira comum de saudação dos primeiros cristãos. Eles entendiam que a alegria era uma ordem, e havia sempre razão para se regozijarem à medida que a igreja crescia e amadurecia. Com todas as riquezas que são nossas em Cristo, temos também todas as razões para nos regozijarmos. Talvez se fizéssemos uso regular da saudação “Alegrai-vos”, isso nos lembrasse, mais vezes, da ordem bíblica de que nossa alegria deve ser grande e estar sempre evidente.

* Hino 155 do *Cantor cristão* (Casa Publicadora Batista: Rio de Janeiro – RJ, s/d). (N. da R.)

HÁ SEMPRE UM LUGAR PARA A GRATIDÃO

A ingratidão é uma das piores atitudes que alguém pode demonstrar. O Evangelho de Lucas destaca essa característica numa passagem fascinante que está vividamente gravada na minha mente desde que a li pela primeira vez há muitos anos. É a história dos dez leprosos:

De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galileia. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que ficaram de longe e lhe gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós! Ao vê-los, disse-lhes Jesus: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. Aconteceu que, indo eles, foram purificados. Um dos dez, vendo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta voz, e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe; e este era samaritano. Então, Jesus lhe perguntou: Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove? Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou. (17.11-19)

Naqueles dias os leprosos eram mantidos separados em colônias, a alguma distância das vilas e cidades porque essa temida doença era muito contagiosa. É por isso que, no relato de Lucas, o grupo dos dez permaneceu a alguma distância quando Jesus e os demais entraram na aldeia.

A ordem aparentemente estranha de Jesus para que os homens se mostrassem ao sacerdote era parte de um processo normal, como prescrito na Lei de Moisés, para lidar com a lepra e ajudar na recuperação dela. Quando uma pessoa tinha confiança de que ela estava curada da doença, deveria ser submetida a uma cerimônia de purificação pelo sacerdote para assegurar – tanto quanto possível naquela época – que ela estava de fato curada e podia voltar para a sociedade. Nesse notável relato, a cura ocorreu de maneira miraculosa e incontestável quando os homens exercitaram sua fé e foram ver o sacerdote.

É quase inconcebível que alguém pudesse ser curado de uma doença assustadora como a lepra, que isolava o homem ou mulher da família e dos amigos e o excluía dos acontecimentos normais da sociedade e da sinagoga, e não se sentisse abundante e permanentemente grato. Mas isso foi exatamente o que aconteceu com nove dos dez leprosos que Jesus curou. Além disso, o agradecido era um samaritano, o que significava que era de um grupo étnico mestiço que era produto do casamento inter-racial de judeus com cananeus e assírios. Os samaritanos eram desprezados pelos judeus devotos, e, como resultado, um ódio mútuo desenvolveu-se entre os dois povos. Por isso, foi realmente notável que um samaritano fosse o único a prostrar-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, um judeu, e agradecer a ele.

A história dos dez leprosos é uma ilustração poderosa de quão feio é o pecado

da ingratidão. Mas a atitude ingrata demonstrada pelos nove leprosos não é tão inesperada partindo daqueles que não têm um relacionamento de salvação com Cristo. Na acusação do apóstolo Paulo da humanidade descrente e sua sociedade pecadora em Romanos 1.18-32, sua denúncia é muito específica. O versículo 21 começa com a frase, “porquanto, tendo conhecimento de Deus”, o que significa que todos que vieram ao mundo sabem sobre Deus, ainda que não tenham uma fé pessoal salvadora nele. Mas então Paulo diz, “não o glorificaram como Deus, nem *lhe deram graças*” (itálicos meus). A pessoa ingrata menospreza a verdadeira noção da graça, a imerecida bondade demonstrada por Deus. Assim, a ingratidão é um pecado que caracteriza o não regenerado, e aparece logo no topo da lista de Deus dos pecados condenatórios no primeiro capítulo de Romanos.

Mais tarde, Paulo reforçou essa verdade quando disse a Timóteo, “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, *ingratos*, irreverentes” (2Tm 3.1-2, itálicos meus). No final dos tempos, a ingratidão ainda caracterizará as pessoas – até mesmo mais do que nos dias atuais. Quanto mais nos aproximarmos da volta de Cristo, mais as pessoas se tornarão perversas e menos gratas. Por exemplo, hoje, a pessoa não regenerada parece estar constantemente amarga ou reclamando das suas condições, esperando por algum “golpe de sorte” que transforme sua posição na vida. Ou pode aceitar de maneira relutante e fatalista o que vier, alegando que, de qualquer modo, ela não pode mudar as coisas. Ou pode egoisticamente agradecer a si mesma por quem é e pelo que tem, pensando que tudo na vida resulta somente dos seus próprios esforços. Não importa como se manifestem, a ingratidão ou a ausência de gratidão sempre foi uma característica que Deus odeia. Portanto, os crentes devem se esforçar continuamente para serem gratos em todas as circunstâncias.

A ORDEM PARA SER GRATO

Como cristãos, podemos entender que os nove leprosos que não conheciam a Cristo como Senhor e Salvador foram ingratos e que a cultura perdida que nos rodeia é caracterizada pela ingratidão. No entanto, é virtualmente impossível entender ou aceitar um crente ingrato quando consideramos tudo que o Senhor tem feito pelos seus. De fato, justamente como vimos no capítulo anterior sobre a alegria, é impossível que os crentes negligenciem uma atitude de gratidão porque o Senhor a ordena: “Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.18).

O precedente para essa ordem foi estabelecido no Antigo Testamento. As ofertas de gratidão ou ofertas de paz (Lv 3.1-17; 7.11-36) foram instituídas para lembrar ao povo de Deus de sua necessidade de ser grato a ele. Eles deviam trazer-lhe uma quantidade de grãos e um tanto de azeite e vinho como ofertas de gratidão. Estes eram símbolos de toda a provisão do Senhor e lembretes concretos de que os crentes precisam agradecer-lhe regularmente por sua graça e misericórdia em suprir tudo o que têm. A igreja de hoje tem uma ordenança com

o mesmo propósito. Na Comunhão, ou Ceia do Senhor, combinamos elementos da oferta de gratidão bem como elementos da oferta de pecados ao agradecermos a Deus por tudo o que a morte de Cristo realizou. Quando participamos dessa ordenança estamos essencialmente apresentando uma oferta de gratidão.

A ordem do apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 5.18 para ser grato em tudo, significa que para o crente a gratidão deve estar ligada a tudo o que ocorre na sua vida, não importando quão agradável ou difícil seja. E, do mesmo modo que com a alegria, a única coisa que irá refrear legitimamente nossa atitude de gratidão é o pecado não confessado. Não importa qual seja a situação ou provação, há sempre uma razão para agradecer ao Senhor.

Se conhecermos verdadeiramente a Deus, saberemos que ele está desdobrando seu programa e seu propósito para nossa vida. Ele determinou soberanamente cada parte do seu plano para nós de modo que seremos beneficiados e ele glorificado (cf. Rm 8.28). Não deveríamos ser surpreendidos ou ingratos quando vivenciamos provações porque sabemos que Deus vê perfeitamente o resultado final (cf. 1Pe 4.12-13).

Efésios 5.18-20 reitera a ordem para sermos agradecidos:

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Esse tipo de atitude abrangente e consistente de louvor e ações de graças não é possível pela nossa própria força. No entanto, se permitirmos que o Espírito de Deus que habita em nós trabalhe por nosso intermédio e nos capacite, ele nos habilitará a dar graças todos os dias não importando o que o Senhor enviar para nossa vida.

Sem a pessoa e a obra de Cristo, não poderíamos nem mesmo considerar a manifestação prática da gratidão. Mas, porque nosso Senhor significa tanto para nós, Paulo nos instrui a sermos agradecidos em maneiras consistentes com quem Jesus é e com o que ele realizou.

É claro que o objetivo final de toda nossa gratidão é Deus Pai. Não podemos ignorar a verdade crucial de que Deus deseja ofertas contínuas de gratidão (p. ex., Sl 30, 92, 95, 98, 100, 105, 118; Hb 13.15). A própria inclusão do nome de Deus em Efésios 5.20 deveria ser um lembrete de sua bondade para com seus filhos e o número infinito de bênçãos que ele fielmente lhes concede (Tg 1.17).

Além das instruções diretas em 1 Tessalonicenses 5 e Efésios 5, as demais cartas de Paulo estão repletas de outras referências conclusivas a respeito da importância da gratidão na vida da Igreja.

Em meio ao contexto de outras questões, 1 Coríntios 14.16-17 diz, “E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes; porque tu, de fato, das bem as graças, mas o outro não é edificado”. Aparentemente, a igreja em Corinto e

outras igrejas fundadas por Paulo, tinham um ato público de ação de graças como um segmento regular dos seus cultos de adoração.

Paulo continuou para lembrar aos crentes de Corinto sobre a importância da gratidão. Em 2Coríntios 4.15, ele diz, “Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus”. Isso realmente resume o propósito de todo o ministério de Paulo. Ele suportou todos os sofrimentos e adversidades para que o evangelho fosse amplamente proclamado e muitas ações de graças pudessem redundar para a glória de Deus.

À medida que a mensagem da graça salvadora se espalha, é como se cada conversão acrescentasse um novo membro ao coro divino no qual cada um está sempre tomado por uma atitude de agradecimento. E essa deve ser a norma para os crentes. É muito desapontador estar perto de crentes professos que sempre parecem estressados, insatisfeitos, deprimidos e geralmente infelizes com suas circunstâncias. Em vez disso, eles deveriam seguir o padrão bíblico e ser gratos diariamente pela imensa graça de Deus.

Mais adiante, em 2Coríntios, quando Paulo resume o seu ensino sobre oferta, ele também relaciona estes princípios à questão da ação de graças:

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça, enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus. Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus, visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que contribuísteis para eles e para todos, enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. Graças a Deus pelo seu dom inefável! (9.8-15)

Essa passagem conclui a seção de instruções de Paulo sobre a oferta cristã e especificamente sobre o papel dos coríntios na coleta que estava sendo feita para os santos pobres em Jerusalém. Resumindo, Paulo diz que quando os crentes investem generosamente no reino de Deus, em retorno ele derrama ricos dividendos e os crentes agradecem a ele, o que traz muita glória ao seu nome. A gratidão é realmente multiplicada, o que traz ainda maior glória a Deus. Por exemplo, aqui em 2Coríntios 9, a igreja estava coletando dinheiro dos crentes, que seria aplicado no ministério, o que levaria outros crentes – os judeus cristãos em Jerusalém – a dar graças. Os judeus estavam agradecendo a Deus porque a salvação dos coríntios era verdadeira e se refletia na generosidade da sua contribuição. Deus é digno de receber gratidão e deseja ouvir nosso agradecimento em todas as coisas.

Em resumo, ao lermos as cartas de Paulo, é evidente que, sob a orientação do Espírito Santo, ele continuamente estabelece a direção de que os crentes devem sempre manifestar gratidão. O apóstolo habitualmente relaciona essa coluna indispensável do caráter cristão a todos os aspectos do comportamento, como

claramente revelam as seguintes passagens (itálicos meus):

Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, *com ações de graças*. (Fp 4.6)

Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, *crescendo em ações de graças*. (Cl 2.6-7)

Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e *sede agradecidos*. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, *e cânticos espirituais, com gratidão*, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, *dando por ele graças a Deus Pai*. (Cl 3.15-17)

Senhores [empregadores], tratai os servos com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu. Perseverai na oração, *vigiando com ações de graças*. (Cl 4.1-2)

OBSTÁCULOS À GRATIDÃO

Quando nos encontramos sempre lutando para ter uma atitude de gratidão, precisamos considerar o que pode estar nos prejudicando.

Primeiro, uma ausência de gratidão pode muito bem demonstrar que *não somos realmente salvos*. Se não acharmos nenhuma causa em nosso coração para uma consistente ação de graças a Deus, talvez necessitemos nascer de novo (veja novamente 2Co 13.5).

Uma segunda coisa que pode impedir a atitude de gratidão é *a dúvida sobre o poder soberano de Deus*. Se não estivermos cientes ou não aceitarmos a verdade de que Deus controla todas as coisas, que ele é onisciente, que verdadeiramente nos ama como sua propriedade, que seus propósitos visam genuinamente aos nossos melhores interesses e sinceramente quer que sejamos conformes à imagem do seu Filho, então provavelmente não seremos gratos. Até mesmo se entendermos essas verdades, podemos esquecer algumas delas, e isso também nos impede de sermos gratos.

Meditar sobre uma passagem poderosa, mas muitas vezes menosprezada tal como 1Crônicas 29.10-14, pode nos ajudar a corrigir quaisquer dúvidas ou esquecimento que tenhamos com referência ao Senhor. A soberania de Deus fez parte da grande oração de ação de graças e de compromisso de Davi depois de o povo ter dado de maneira muito generosa de suas riquezas para a construção do templo:

Pelo que Davi louvou ao SENHOR perante a congregação toda e disse: Bendito és tu, SENHOR, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade. Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força. Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos e louvamos o teu glorioso nome. Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos.

O *egoísmo* e o *mundanismo* também podem ser grandes obstáculos a uma atitude de gratidão. Esses pecados podem impedir a nossa gratidão, exatamente da mesma maneira que as falsas expectativas e orgulho nos privam do regozijo. O egoísmo nunca está satisfeito com o que Deus dá. Essa atitude coloca nossa vontade perante Deus e exige que ele cumpra todos os nossos desejos.

Na maioria das vezes, o egoísmo é motivado pela cultura mundana, que afirma que seus prazeres, posses, lugares, atividades, prestígio e pessoas são a verdadeira chave para a felicidade. Se formos movidos pela cobiça e materialismo, teremos grande dificuldade em ser gratos, porque sempre desejaremos mais, e o que tivermos nunca será suficiente. No entanto, se nos submetermos humildemente a qualquer que seja a vontade de Deus para nós e acreditarmos que ele suprirá nossas necessidades quando precisarmos, será muito mais fácil darmos graças em todo o tempo.

Expectativas egoístas e irreais levam a outra atitude que impede a gratidão – *um espírito crítico*. Tornamo-nos críticos quando pensamos que devemos controlar tudo. No entanto, quando não podemos sempre manipular os resultados que desejamos (cf. Tg 4.13-16), começamos a ver tudo negativamente e encontramos erros em todos os demais. Se nada for feito, essa atitude se tornará um hábito horivelmente corrosivo que destrói nossa gratidão e corrói todos os outros aspectos da nossa espiritualidade.

A *impaciência* é outro obstáculo para a gratidão. A preocupação aqui não é com o que nós queremos ou não, mas impaciência com o tempo de Deus. Precisamos deixar Deus desdobrar seus propósitos de acordo com o seu cronograma e ser agradecidos pelo seu plano (veja Sl 37.7; 40.1; Ec 7.8; Lc 8.15; 1Ts 5.14; Tt 2.2; Hb 12.1; 2Pe 1.6; Ap 2.2-3).

Ser espiritualmente morno é outra maneira de refrear a gratidão. Se nos falta zelo para com Deus, diligência em sua Palavra, paixão pela oração, interesse pela adoração e uma mordomia disciplinada quanto ao uso de nosso tempo, rapidamente perderemos a razão e a motivação para dar graças a Deus. E, se não nos arrependermos desse pecado, as consequências da atitude morna podem ser mais sérias do que a perda da gratidão. O Senhor Jesus, em sua carta à igreja de Laodiceia, nos faz esta soberana advertência: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Ap 3.15-16).

Finalmente, a atitude mais forte que milita contra a gratidão é a *rebelião*. Há vários anos recebi uma carta de uma mulher que queria que eu escrevesse para seu marido, que mantinha uma atitude de rebeldia contra Deus há quatorze anos. Numa certa ocasião, ele havia suposto que Deus queria que se tornasse um pregador. Porém, depois de ter se comprometido com uma pequena igreja, e algo não ter transcorrido da maneira que ele queria, tornou-se rancoroso para com Deus. Como resultado, ele estava tão irado que nunca mais havia entrado naquela igreja nem em nenhuma outra durante esses quatorze anos. Em vez de ceder ao pecado da amargura e rebelião, ele deveria ter procurado o Senhor em espírito de oração, com perguntas como estas, “Senhor, o que o senhor está me dizendo por meio dessa provação? O que o Senhor está tentando me mostrar? O que posso aprender e como posso ser grato por isso?” Mas ele permitiu que o seu pecado o

tornasse um ministro inútil que prejudicou sua esposa e a outros, e fez com que parasse de agradecer a Deus (cf. Ef 4.31; Hb 12.15).

O EXEMPLO DE CONTENTAMENTO DE PAULO

Todos esses obstáculos à gratidão podem afetar o relacionamento do cristão com Deus, arruinar sua comunhão com outros crentes e em última instância destruir uma igreja. Por isso é tão crucial que permaneçamos espiritualmente vigilantes e protegidos contra qualquer atitude que nos impeça de ser gratos a Deus por tudo que ele nos tem dado na nossa vida.

A melhor maneira de manter uma atitude de gratidão é sentir-se contente, o que basicamente significa estar satisfeito com quem somos em Cristo, com o que Deus nos dá e com as circunstâncias nas quais ele nos colocou. Em primeiro lugar, o contentamento significa obedecer à autoridade da Escritura com relação a isso: “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13.5).

O contentamento também pode ser aprendido seguindo-se o exemplo do apóstolo Paulo, que instruiu Timóteo a tê-lo (1Tm 6.6-8) e praticou na sua própria vida:

Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez. (Fp 4.11-12)

Essa é a perfeita descrição do homem contente. Todavia, o contentamento de Paulo não era resultado de circunstâncias perfeitas. Ao escrever aos filipenses, Paulo estava preso em Roma. Sua pregação do evangelho, que gerou tantos problemas entre os judeus e os gentios, o deixou preso numa sala especial na qual ficava continuamente acorrentado a um soldado romano. O apóstolo estava em condições extremamente restringidas, com acesso somente às necessidades básicas. Estar acorrentado a um soldado era, provavelmente até pior do que estar na sua própria cela ou numa cela com outros prisioneiros. Paulo não tinha nenhuma liberdade, mobilidade ou privacidade, e no seu isolamento dos amigos e companheiros, era constantemente lembrado da sua situação. Como escreveu em Filipenses 4.11-12, todos os movimentos de sua mão faziam tinir as cadeias que o ligavam a um soldado.

A despeito da adversidade do seu encarceramento, Paulo era capaz de dizer, “aprendi a viver contente”. Isso faz dele um exemplo de contentamento.

Em Filipenses 4.11, Paulo usa uma palavra grega simples para “contente” que significa ter o bastante ou ser suficiente. Também se aplica a alguém que não precisa de nenhum tipo de ajuda. Aparentemente, parece ridículo que Paulo, que nada tinha, pudesse confiantemente afirmar que não precisava de nada. No entanto, pela graça de Deus, ele havia aprendido a estar contente.

Além disso, no versículo 12, Paulo acrescentou, “já tenho experiência”. No

grego, essa expressão significa ser iniciado nos segredos interiores de uma religião. Nos dias de Paulo, referia-se a aprender os segredos de uma das várias religiões misteriosas. Em resumo, Paulo aprendera o segredo do contentamento. Esse segredo escapa à maioria das pessoas, o que não ocorre conosco, crentes, se tão somente mantivermos a atitude de gratidão.

O segredo de como estar contente não nos escapará se entendermos alguns dos princípios que o apóstolo Paulo seguiu (veja também Hb 13.5). Primeiramente, ele não se preocupava em atribuir significado a toda situação difícil, porque sabia que a providência de Deus estava agindo: “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13). Paulo também estava firmemente comprometido com o que o escritor de Provérbios disse séculos antes: “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (16.9); “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (19.21).

Paulo sabia que as narrativas inspiradas do Antigo Testamento demonstraram repetidas vezes a soberania de Deus em meio a todas as circunstâncias. Deus usou a escravidão de José no Egito para elevá-lo a primeiro ministro para que assim pudesse preservar Israel. Deus operou por intermédio de Rute para produzir a linhagem de Davi, o que, por último, levou ao nascimento do Messias. E Deus colocou Ester no palácio de um rei pagão para impedir uma conspiração que teria destruído o povo judeu. E agora Paulo sabia por experiência própria que Deus estava no controle de tudo, o que resultou no seu total contentamento e gratidão.

O sentimento de contentamento de Paulo foi também desenvolvido por outras importantes diretrizes, notadamente sua disposição e habilidade de satisfazer-se com muito pouco (1Tm 6.6-8), de viver acima das circunstâncias da vida (2Co 12.10), confiar somente no poder e na provisão de Deus (Gl 2.20; Ef 3.16; Fp 4.13), e estar totalmente preocupado com o bem-estar dos outros (Fp 2.3-4; 4.17). (Para uma discussão mais completa sobre contentamento, veja meu livro *Anxiety attacked* [Wheaton, Ill.: Victor Books, 1993], 107-120.)

Esses aspectos do contentamento ajudam a reforçar a atitude da gratidão cristã. Era suficiente para o apóstolo Paulo, que Deus tivesse planejado tudo em sua vida e lhe houvesse dado todas as bênçãos espirituais e que ele estava se mostrando fiel e vitorioso nas circunstâncias da vida. Paulo podia facilmente concordar com as palavras do salmista, “Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.26). E conclui seu ensino aos Filipenses com estas declarações de promessa e louvor: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades. Ora, a nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém” (4.19-20). Há razão idêntica, hoje, para cada cristão estar contente e sempre cheio de ações de graças e louvor a Deus.

CORAGEM PARA SER FORTE

Hoje, na sociedade ocidental, há uma grande ênfase na força e na boa forma física. Muitos fazem exercícios regularmente e se esforçam para comer uma dieta saudável. E aqueles que não fazem isso são regularmente lembrados pelos anunciantes de que nunca é tarde para mudarem para um estilo de vida mais saudável. Até mesmo muitas pessoas que não se exercitam regularmente estão preocupadas com sua saúde. Desse modo, fazem o possível para minimizar o consumo de alimentos calóricos e de se assegurar de que seus alimentos e bebidas não estejam contaminados. Eles também evitam expor-se a doenças infecciosas.

Se a força é uma preocupação primordial com relação à nossa saúde física, deveria ser uma preocupação ainda maior quando se refere à nossa saúde espiritual. Se o corpo de Cristo deve funcionar como Deus quer, precisamos saber o que constitui a força cristã e como ela é quando em atividade.

O QUE É FORÇA ESPIRITUAL?

A força espiritual para os crentes é essencialmente uma postura de coragem, e inclui virtudes como coragem de convicção, coragem para resistir a fazer concessões, coragem para confrontar o erro e a falsa doutrina, e coragem para enfrentar intimidação e perseguição e ainda assim permanecer fiel ao que é certo.

Um cristão forte é aquele que vive por princípios em vez de por caprichos ou opiniões. Ele não procura sempre o caminho fácil ou lugar seguro, mas enfrenta vários desafios, assume sérios riscos quando necessário, e permanece firme contra a oposição à verdade. Ele é decisivo e tem propósitos e objetivos fixos, e segue em frente ainda que essa seja ocasionalmente uma batalha dolorosa.

A força é uma virtude extremamente necessária na igreja de hoje, nesta época de indecisões, concessões e fraquezas. Vivemos num tempo em que muitos na igreja não desejam manter fortes convicções doutrinárias porque pensam que se tornarão antipáticos. Mas isso não é o que os profetas, apóstolos e reformadores teriam feito porque não é bíblico. A igreja não precisa de pastores fracos pregando mensagens fracas para congregações fracas – ela precisa de força de caráter derivada de uma base bíblica.

A passagem de 1Coríntios 16.13-14 é uma simples exortação, mas é um excelente resumo de força espiritual: “Sede vigilantes, permanecei firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos. Todos os vossos atos sejam feitos com amor”.

A tradução “portai-vos varonilmente” no versículo 13 é um tanto ambígua e não transmite o significado original como poderia. O verbo grego significa mais

literalmente: “Conduza-se de uma maneira corajosa”. No entanto, “portai-vos varonilmente” é como o verbo é traduzido, provavelmente porque vários tradutores sabiam que ser corajoso nos tempos antigos era sinônimo de ser homem. Desde os tempos do Antigo Testamento até o início da era industrial, ser homem significava conquistar a vida num ambiente hostil. Isso envolvia limpar a terra deserta, construir casas com as mãos, arar os campos manualmente e proteger constantemente sua família de ataques de outras tribos. Tudo isso significava que os homens tinham que ser fisicamente fortes todos os dias.

É difícil nos identificarmos com essa imagem de empenho rigoroso e esforço físico diário em quase todos os aspectos da vida. Na cultura atual, a maioria dos homens está acostumada a trabalhar em profissões e serviços relacionados a ocupações que requerem mais esforço mental do que físico. Num sentido, redefinimos o papel do homem para uma forma muito diferente do que era nos dias de Paulo. Portanto, é útil ter-se ilustrações adicionais ao verbo “portai-vos varonilmente”. Embora não haja outro uso da palavra no Novo Testamento, a tradução grega do Antigo Testamento fornece muitos exemplos.

A expressão aparece duas vezes em Deuteronômio 31.6:

Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos atemorizeis diante deles, porque o SENHOR, vosso Deus, é quem vai convosco; não vos deixará, nem vos desampará. Chamou Moisés a Josué e lhe disse na presença de todo o Israel: Sê forte e corajoso; porque, com este povo, entrarás na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais; e tu os farás herdá-la.

Primeiro Moisés, ao preparar-se para transmitir a liderança de Israel para Josué, instruiu o povo a ter força e coragem a caminho da Terra Prometida, porque Deus iria liderá-los. Então ele deu especificamente a mesma incumbência a Josué.

Pouco antes de sua morte, Davi exortou seu filho Salomão de modo semelhante:

Eu vou pelo caminho de todos os mortais. Coragem, pois, e sê homem! Guarda os preceitos do SENHOR, teu Deus, para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na Lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres e por onde quer que fores. (1Rs 2.2-3)

Observe que o versículo 3 descreve como alguém pode ser forte e corajoso: sendo uma pessoa da Palavra e obedecendo a tudo o que Deus revelou em sua lei.

Outras passagens provam que a ordem para ser forte e corajoso é uma expressão muito comum no Antigo Testamento (veja Dt 31.23; 2Sm 10.9-13; 1Cr 22.11-13; 2Cr 32.6-8; Sl 27.14). A passagem que capta ricamente a essência disso melhor do que qualquer outra é Josué 1.5-9:

Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais. Tão somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares. Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. Não to mandei

eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.

Resumindo, ser forte e corajoso significa viver de acordo com suas convicções, as quais se encontram na Palavra revelada de Deus. O Senhor preparou o caminho para nós – ele está conosco (v. 5). Nossa causa é justa (v. 6) – só precisamos ser fiéis tendo força e coragem (v. 6-7, 9).

Os cristãos certamente precisam ser inspirados e motivados a seguir os vários exemplos do Antigo Testamento com relação à força e à coragem. Mas algo muito mais profundo está envolvido no cumprimento dessas ordens, como exposto na oração do apóstolo Paulo pelos crentes de Éfeso: “Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior” (Ef 3.14-16). Assim, conquanto o chamado para ser forte e corajoso seja uma ordem, ela só pode ser obedecida pelo maravilhoso e misterioso poder do Espírito Santo que habita em nós. Isso significa que devemos ser cheios do Espírito Santo e controlados por ele à medida que procuramos viver consistentemente pelas convicções que surgem do nosso entendimento bíblico guiado pelo Espírito.

RETRATOS DE UM CRISTÃO FORTE

A Palavra de Deus nos fornece uma definição sólida de força espiritual e crentes maduros sabem quase intuitivamente o que ela engloba. Mas a pergunta permanece –como aplicamos as verdades sobre a força? Como analisar as inúmeras exortações da Escritura e transformá-las numa atitude espiritual eficaz que resulte numa vida de retidão?

O apóstolo Paulo nos ajuda a obter a aplicação prática do conceito de força, em suas instruções a Timóteo:

Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou. Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas. O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas. (2Tm 2.1-7)

Timóteo era o afilhado de Paulo na fé, um discípulo verdadeiro que conhecia o coração do apóstolo melhor do que ninguém. Paulo havia designado Timóteo para assumir o seu ministério depois que ele partisse. Mas, nesse ínterim, imediatamente depois da primeira prisão de Paulo, ele pede a Timóteo para encontrá-lo em Éfeso, o local de uma das mais fortes e influentes igrejas que ele havia fundado.

Enquanto estava na prisão, Paulo soube que a liderança da igreja em Éfeso havia se tornado corrupta, que os membros estavam abandonando seus deveres e que a impiedade havia se infiltrado na comunhão. Por isso, Paulo solicitou a ajuda de Timóteo para conduzir a igreja de volta ao caminho certo (cf. 1Tm 1.3).

Depois que Paulo tratou de alguns dos problemas mais difíceis de Éfeso, tais como a excomunhão dos pastores heréticos Himeneu e Alexandre, partiu para ministrar na Macedônia e deixou o jovem Timóteo para corrigir vários outros problemas. Depois que saiu, Paulo enviou uma carta a Timóteo detalhando as mais importantes correções que deveriam ser feitas (a carta que conhecemos como 1Timóteo).

Assim que iniciou a execução das instruções de Paulo, Timóteo encontrou resistência hostil dentro da igreja e perseguição intensa fora dela. Muitos diziam que ele era jovem demais e sem experiência. E ele lutava consigo mesmo com as tentações dos desejos da mocidade. Soma-se a tudo isso o temperamento agressivo e questionador de Timóteo, que provavelmente o teria levado a perder terreno em seus esforços e começar a duvidar seriamente do seu papel como um exemplo piedoso aos efésios.

Como resultado, Timóteo acabou ficando enredado na espiral descendente da igreja em Éfeso. Começou a abandonar seu ministério e tornou-se espiritualmente fraco – a tal ponto que Paulo teve de lembrar Timóteo da validade de sua fé e encorajá-lo a não deixar que os seus dons de pregação, evangelização e liderança da igreja caíssem em desuso (2Tm 1.5-7). Timóteo pode ter se tornado tão fraco que ele estava hesitando em se identificar com Cristo e estava indeciso em sua doutrina. Aparentemente, ele queria evitar a perseguição dos descrentes e sentiu-se mais confortável em retroceder na batalha com os oponentes de dentro da igreja (veja v. 8, 13-14).

Por essa razão, Paulo inicia 2Timóteo 2 chamando seu jovem parceiro de ministério a exercer uma forte liderança espiritual. Visto que logo o apóstolo sairia de cena, ele sabia que era crucial para Timóteo dar um passo à frente e ser um modelo para os outros. E para demonstrar isso na prática, em termos concretos, Paulo presenteia a Timóteo (e a nós) com uma série de imagens ou analogias para descrever o cristão forte.

O cristão como professor

Paulo começa sua sequência descritiva incitando Timóteo a ser um professor: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2.2). Ensinar a outros melhora nosso entendimento da Escritura, e também fortalece e expande a base das nossas convicções. Há quatro razões básicas para que esses benefícios tragam crescimento ao professor fiel.

Primeiro, *se desejamos ensinar a palavra com eficácia, teremos que estudá-la*. O ensino então fornece um incentivo real para nos aprofundarmos na Escritura com dedicação total. Como regra, não a estudamos com o mesmo esmero e dedicação quando não temos de ensiná-la. E essa é a questão – o ensino nos motivará a manter bons hábitos de estudo da Bíblia.

A necessidade de estudar do professor também ajudará em sua autodisciplina.

Ela o forçará a preparar-se com bastante antecedência para que esteja pronto na hora de ensinar. Há alguns anos, vários estudantes de uma classe do seminário onde eu lecionava aprenderam uma lição dolorosa sobre o valor da preparação.

No início do semestre, eu pedi à classe um trabalho e disse que deveria ser entregue dentro de um mês. Quando essa data chegou e era hora de entregar o trabalho, três ou quatro homens da classe imploraram-me por uma breve extensão no prazo de entrega, citando circunstâncias atenuantes para ainda não terem seus trabalhos prontos.

Quando eu lhes disse que o prazo final não seria estendido e que por consequência seriam reprovados na tarefa, ficaram naturalmente consternados e decepcionados. No entanto, cada um deles admitiu ter se lembrado do prazo original, mas simplesmente presumiram que eu daria um prazo adicional para a entrega dos seus trabalhos com atraso.

Disse-lhes que se não aprendessem nada mais sobre a aula, eu esperava que, pelo menos, aprendessem que um pastor tem de ter seu sermão pronto aos domingos, não na terça-feira seguinte. E alguns deles, mais recentemente, me contaram que essa experiência foi a melhor lição que já aprenderam.

A segunda razão pela qual nos beneficiamos ao ensinar a outros é que *nossa preparação esclarece a verdade no nosso coração e mente*. Ela nos obriga a ir além de uma simples leitura devocional da Escritura, para um nível no qual entendemos o texto e explicamos suas verdades para outros. Se estudarmos bem durante a preparação para o ensino, ganharemos uma precisão de entendimento que nos permitirá esclarecer a verdade aos nossos alunos.

Terceiro, preparar-se para ensinar é benéfico porque nos *força a chegar a conclusões sobre o que é importante*. À medida que estudamos, temos de identificar os pontos-chave relativos à matéria e decidir qual será o enfoque principal e qual a melhor maneira de expressá-lo.

Finalmente, ser professor é benéfico porque *isso nos coloca numa posição de prestação de contas*. Quando ensinamos aos outros, mesmo que seja uma só pessoa, declaramos publicamente a importância do que estamos dizendo e demonstramos que queremos que nossos alunos adotem as mesmas verdades. Estamos fazendo com que eles sejam responsáveis pelo que ouviram e ao mesmo tempo tornando-nos responsáveis por eles nos ajudarem a praticar o que ensinamos.

Se quisermos ser cristãos fortes, devemos ensinar aos outros, quer seja alguém da nossa família, um companheiro crente imaturo, ou um crente novo. Transmitir a sã doutrina e a prática é parte integrante da preparação da próxima geração de cristãos fiéis.

No decurso do meu pastorado, fui grandemente beneficiado na função normal como professor. Eu me lembro do que ensinei da Palavra de Deus e sei no que tenho crido por ter sido refinado e reforçado no cadinho do estudo consistente.

Isso gera um domínio pleno sobre o material que apresento de tal maneira que o ensino se torna a estrutura da minha vida e a substância da minha força espiritual. E eu sempre me torno responsável. Qualquer inexatidão ou divergência, real ou aparente, que leve as pessoas a pensar que estou sendo inconsistente com meus ensinamentos anteriores resulta em cartas, telefonemas, faxes e mensagens de e-mail para meu escritório.

Ser um professor da Palavra de Deus num contexto informal não requer que tenhamos o dom de ensinar. Simplesmente significa reconhecer a responsabilidade que temos em transmitir a verdade para outros, para que eles também possam entendê-la. É assim que formamos nossas convicções e adquirimos força espiritual.

O cristão como soldado

A imagem seguinte que Paulo apresenta a Timóteo de um cristão forte é a do soldado: “Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou” (2Tm 2.3-4). Precisamos ter consciência desde o início da vida cristã que estamos envolvidos numa séria batalha espiritual e numa grande luta ideológica. Trataremos com pessoas deste mundo que não conhecem a Cristo: “nos quais o deus deste século [Satanás] cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4). O poder do sistema mundial pressiona os incrédulos com um apelo à sua luxúria, avareza e orgulho (1Jo 2.16). Esse sistema também erigiu fortalezas ideológicas descomuns, atrás das quais as pessoas podem esconder todas as espécies de religiões falsas, falsas filosofias e visões de mundo antibíblicas.

Portanto, a responsabilidade do crente é atacar o reino das trevas, e com a ajuda do Senhor, resgatar as almas perdidas nas trevas e trazê-las para o reino da luz. Como diz o apóstolo Judas, e é nossa obrigação, salvá-los “arrebatando-os do fogo” (Jd 23).

A exortação de Paulo a Timóteo sobre ser um soldado de Cristo segue o paradigma da batalha espiritual e descreve como os crentes podem ser soldados eficientes e assim, cristãos fortes. Porque somos soldados, não deveríamos nos surpreender se o esforço é árduo e as tarefas desafiadoras. Nem deveríamos nos assustar e recuar quando encontrarmos conflitos. Essas coisas refletem a natureza da batalha, e todos os crentes verdadeiros estão envolvidos numa guerra.

Esses aspectos difíceis da batalha espiritual constituem o primeiro aspecto da milícia cristã: *devemos sofrer dificuldades*. Isso significa que grandes riscos estão envolvidos, e temos de alinhar nossas prioridades e colocar nossa vida em risco pela causa de Jesus Cristo. Isso requer que exercitemos outras características, tais como ser vigilantes (Lc 12.35-40), entender os esquemas de Satanás (Ef 6.11; 1Pe 5.8-9) e exercer o discernimento (1Ts 5.20-21; 1Jo 4.1; cf. At 17.11). Tudo exige a vigilância e a energia de um verdadeiro soldado em reconhecimento das tropas

inimigas.

Um segundo componente do estilo de vida do bom soldado de Cristo é que *ele não está enredado com as questões da vida diária*. No campo secular, quando alguém é convocado para o serviço militar na ativa, tem de mudar todos os seus relacionamentos anteriores e ser um militar em tempo integral. Ele não tem vida pessoal ou privada para comentar, veste um uniforme, vive num ambiente especial e está sob a autoridade e controle dos seus superiores por todo o tempo do seu serviço militar.

Ser um soldado do reino espiritual é muito semelhante. Fomos chamados para servir ao supremo comandante, o próprio Senhor, sendo esse um compromisso de tempo integral, para a vida inteira. Isso pode nos levar a sérios níveis de sofrimento, como no caso de Paulo, ou a um nível muito mais leve de dificuldades, como ocorre com a maioria de nós.

Não é que os cristãos não trabalhem ou não frequentem a escola, mas, mesmo quando estão no trabalho, na sala de aula, ou na vizinhança, são soldados de Jesus Cristo. Sua maior preocupação é a batalha espiritual, quer os problemas que enfrentem sejam as falsas ideologias, que prendem as pessoas ao pecado e ao erro, ou os pecados e as falsas doutrinas que levam os crentes a ficarem sob a influência de Satanás. Onde quer que os crentes estejam e qualquer que seja a questão, eles não podem deixar de lado o dever de ser um soldado cristão.

Finalmente, o verdadeiro soldado de Jesus Cristo *se esforça para agradar seu comandante, aquele que o alistou para ser um soldado*. Se estivermos envolvidos na guerra espiritual, está claro que há somente uma pessoa a quem devemos prestar contas, que é Deus, nosso comandante. O apóstolo Paulo, os outros apóstolos, os profetas, e todos os servos fiéis do Senhor aguardaram com expectativa o dia em que verão a face do Senhor e ouvirão as palavras, “Muito bem, servo [escravo, soldado] bom e fiel” (Mt 25.21-23; cf. v. 34). Esse deveria ser também nosso incentivo, bem como o desejo de reiterar as palavras de Paulo, “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.7-8).

O cristão como atleta

A terceira imagem dada por Paulo a Timóteo de um cristão vigoroso é a do atleta: “Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas” (2Tm 2.5). O substantivo “atleta” no original grego, na realidade vem do verbo *athleo*, que significa engajar-se numa disputa ou competir em jogos públicos. (Na versão King James, essa expressão é traduzida como “lutar pela proficiência”.)

O significado de *athleo* assinala a primeira característica do atleta, a qual é *que ele ou ela compete para vencer*. Jogar para vencer é um elemento indispensável em todos os esportes e atletismo. Qualquer coisa a menos é na melhor das hipóteses um desapontamento ou na pior, vergonha e desonra.

O apóstolo Paulo estava interessado em ajudar outros crentes a entender o que ele sabia – que esforçar-se por um objetivo final é necessário para o cristão forte. Ele ou ela corre para receber o prêmio, como vimos em Mateus 25.21-23 e 2Timóteo 4.7-8. A seguir, Paulo justifica a razão e o modo de *lutar* enquanto corremos a competição da vida cristã: “Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcancem. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível” (1Co 9.24-25).

Os cristãos fortes trabalharão arduamente na arena espiritual quando entenderem que estão em jogo objetivos espirituais e eternos. Anteriormente, em sua primeira carta a Timóteo, Paulo dá esta excelente instrução:

Exercita-te, pessoalmente, na piedade. Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser. Fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação. Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis. (4.7-10)

Cristãos vigorosos têm seus anseios fixados no céu, não na terra, e esse objetivo celestial é que nos faz trabalhar com persistência.

O atleta honesto e diligente terá outra virtude de caráter: *ele competirá de acordo com as regras*. Ele não será como alguns dos atletas nos jogos olímpicos recentes que trapacearam e desonraram terrivelmente, não somente a si mesmos, mas aos países que representavam.

Por exemplo, agora sabemos que no decorrer de quatro ou cinco Olimpíadas, durante os últimos 25 anos, atletas femininas, notavelmente nadadoras, da antiga Alemanha Oriental usavam esteroides e provavelmente outras drogas para aumentar o rendimento desportivo, ganhando tremendas vantagens de força na competição. A Olimpíada de Atlanta, em 1996, revelou que muitos atletas da China Continental se envolveram em violações semelhantes das regras. Houve ainda o famoso caso do grande velocista canadense Ben Johnson, que violou as regras na Olimpíada de Seul em 1988. Depois do desempenho brilhante, com Medalha de Ouro nos 100 metros rasos, seu teste acusou a presença de substâncias ilegais e ele foi despojado de sua medalha.

Sempre respeitei aqueles golfistas profissionais que relatam toda pequena violação que cometem durante um torneio. Se registrarem seu cartão de pontuação incorretamente ou moverem indevidamente a bola durante o percurso, podem ser penalizados em uma ou mais tacadas. Esse tipo de penalidade frequentemente leva a uma classificação final mais baixa e custa a eles dezenas de milhares de dólares de prejuízo no prêmio em dinheiro. No entanto, eles ouvem sua consciência e são honestos a esse respeito. Seria maravilhoso se o povo de Deus, especialmente sua liderança, sempre demonstrasse tal integridade e corresse as provas de acordo com as regras que ele estabeleceu.

Os cristãos devem atentar para as palavras do apóstolo Paulo em 1Coríntios

9.26-27: “Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”. Esse tipo de autodisciplina é parte necessária do atletismo espiritual. Devemos ter o nosso corpo em sujeição, como também a nossa carne, com seus desejos malignos, para que não nos domine e nos leve a algum pecado que nos desviará, e a outros, do verdadeiro objetivo da guerra espiritual. Mas quando honramos o Senhor Jesus Cristo e nos concentramos na recompensa eterna que aguarda todos os que são fiéis, isso ressaltará apenas nossos melhores esforços no serviço espiritual.

O cristão como um lavrador

A imagem final que Paulo dá a Timóteo é a de um lavrador incansável (2Tm 2.6). Sua primeira tarefa espiritual é permanecer ocupado *semeando a semente da Palavra de Deus*, como fez o semeador na parábola dos solos (Mt 13.3-23)

A parábola de Jesus ilustra quatro tipos de solos (pessoas) e seus vários níveis de receptividade à semente (Palavra de Deus). Três solos eram ruins e produziram respostas negativas, e um único solo era bom e respondeu positivamente. Alguns solos são difíceis e de imediato rejeitam a verdade. Alguns são pedregosos e pouco profundos; recebem a Palavra com alegria temporária, mas deixam-na escapar sob o calor da tribulação. Outros solos são fracos, e eles também recebem a semente temporariamente, mas a sedução das riquezas e as ervas daninhas do materialismo mundano logo predominam e sufocam o fruto da Palavra.

O solo bom é produtivo, mas em três diferentes níveis, a cem, a sessenta e a trinta por um.

A coisa mais fascinante sobre essa parábola é que não diz nada sobre a habilidade do semeador. Ela ignora completamente a noção contemporânea que, para ser eficiente em evangelismo, os cristãos têm que usar a fórmula correta ou implementar um certo programa que emprega a técnica adequada “ao gosto do freguês”. Ao contrário, a ênfase está na condição dos solos. Esse ponto pode ser ressaltado por uma ilustração adicional. Imagine um lavrador experiente semeando com grande habilidade e destreza. Cada vez que ele espalha a semente, ela cai quase perfeitamente nos sulcos da terra. Ao mesmo tempo, seu filho de 5 ou 6 anos de idade segue atrás dele e desajeitadamente tenta imitar a habilidade do seu pai. Mas sua mão gorducha e seus dedos curtos lançam a esmo as sementes sobre a cabeça de seu pai e por suas costas abaixo, com outras pequenas porções caindo por terra aqui e ali, fora dos sulcos. Mas algumas das sementes lançadas pelo filho caem em solo bom e dão fruto.

Essa história ilustra o princípio de que sempre que a semente encontra um bom solo, produz frutos, seja a semente lançada por um semeador qualificado ou não. A lição espiritual da parábola de Jesus é que o Senhor prepara o solo dos corações das pessoas, e nós distribuímos a semente da sua Palavra; quanto mais sementes distribuirmos, certamente mais atingirão o solo preparado.

Portanto, o cristão zeloso, que é um lavrador espiritual, nunca perderá a oportunidade de difundir o evangelho. Ele ou ela trabalharão arduamente para isso, quer o solo pareça duro ou receptivo. A Palavra de Deus tem seu próprio poder, e os crentes precisam simplesmente direcionar pessoas a ela e deixá-la fazer seu trabalho. O semeador não tem como intrometer-se ou alterar a semente, seu papel é simplesmente espalhá-la.

O lavrador espiritual diligente não somente espalhará a semente da Palavra – ele trabalhará diligentemente na irrigação e no desenvolvimento da semente semeada por outro. Em outras palavras, ele será um *ceifeiro*. Como diz 2Timóteo 2.6, ele “O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos”. Uma das razões principais porque devemos amar a semeadura é a alegria contagiante da colheita. Da mesma maneira que o lavrador se regozija quando obtém uma boa colheita, o semeador da Palavra de Deus louva o Senhor quando sua Palavra se enraíza na vida de alguém e produz o fruto da vida eterna.

Dentro da quádrupla descrição do cristão forte, o professor é frequentemente reanimado pelas mentes ansiosas de seus alunos, o soldado é estimulado com as visões e sons da batalha, e o atleta é motivado pelo desafio da competição. No entanto, o lavrador habitualmente trabalha sozinho e não tem ninguém para estimulá-lo.

A maior parte da nossa vida como crentes assemelha-se mais com a de lavradores do que com as demais imagens do cristão forte. Pode haver certas épocas em que as coisas pareçam especialmente interessantes, excitantes ou recompensadoras, mas a maioria dos dias não envolve nada de extraordinário. Sejam quais forem nossas responsabilidades diárias, no entanto, temos a promessa das bênçãos e recompensas de Deus se formos fiéis. Nosso trabalho e nosso ministério podem ser mal remunerados, mal interpretados ou não apreciados pelos colegas de trabalho – e até por companheiros cristãos – mas essa não é a resposta de Deus: “[...] meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58; cf. 13-14; Ap 2.10).

AUTODISCIPLINA: A CHAVE PARA A VITÓRIA

Na nossa sociedade, a paixão da vida de muitas pessoas é praticar esportes e assistir a competições esportivas. Elas seguem avidamente seus times favoritos e torcem por eles, até mesmo indo aos estádios vestindo trajes que mais parecem fantasias. Esses homens e mulheres adultos assistem a eventos esportivos com a face (e algumas vezes o corpo) pintada com as cores do seu time ou usam máscaras ou chapéus de aparência estranha. Isso nos lembra de que o termo *fã* deriva da palavra *fanático*.

O fanatismo com que muitas pessoas veem competições esportivas faz com que idolatrem os atletas que se destacam. O que leva os atletas de sucesso a serem bem-sucedidos? Habilidade natural, ótimo treinamento, bem como fazer parte de um time cujos participantes e estilo de jogo complementem suas habilidades, são fatores importantes. Mas há outro, muitas vezes esquecido, mas que talvez seja o mais importante de todos – a autodisciplina. A história dos esportes está cheia de exemplos de atletas cujos esforços diligentes, extenuantes e abnegados superaram sua falta de habilidade física.

Nos tempos bíblicos, as pessoas entendiam a relação entre os esportes e a autodisciplina porque o atletismo era também muito popular naquela época. Os Jogos Olímpicos e os Jogos Ístmicos (realizados em Corinto) eram ansiosamente aguardados. Muitas cidades menores sediavam eventos atléticos dos quais os atletas locais participavam. Por isso, o Novo Testamento sempre usa a competição atlética como uma metáfora para a vida cristã. Paulo disse aos presbíteros da igreja de Éfeso, “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que *complete a minha carreira* e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (At 20.24, *itálicos meus*). Em Gálatas 2.2, o apóstolo expressou seu temor de “não correr ou ter corrido em vão”. Mais à frente, na mesma epístola repreendeu aos gálatas dizendo: “Vós corríeis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?” (5.7). O apóstolo exortou os filipenses a estarem constantemente “preservando a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente” (Fp 2.16). “Igualmente, o atleta não é coroado”, Paulo lembrou a Timóteo, seu jovem protegido, “se não lutar segundo as normas” (2Tm 2.5). No próprio epitáfio de Paulo, escrito pouco antes do seu martírio, lê-se: “*Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé*” (2Tm 4.7, *itálicos meus*). O nobre apóstolo completou sua carreira triunfantemente.

O escritor da Carta aos Hebreus também comparou a vida cristã a uma corrida, exortando seus leitores, “Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta” (Hb 12.1).

No entanto, o retrato mais detalhado da vida cristã como uma competição atlética vem da primeira carta de Paulo aos coríntios:

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado. (9.24-27)

A única razão para participar de uma competição é ser aquele que “recebe o prêmio”; nenhum competidor deseja terminar em segundo lugar. É por isso que Paulo exorta os cristãos “Correi de tal maneira que o alcanceis” (v. 24). Como fazemos isso? Exercitando-nos como o atleta que “em tudo se domina” (v. 25). Na vida cristã, como numa competição atlética, a vitória vai para o que domina a si próprio. Os atletas de nível internacional gastam um tempo impressionante em treinamento. Eles devem treinar muitas horas por dia durante muitos anos de suas vidas, obrigando-se a ignorar a dor para dominar seu esporte. Agem dessa maneira para receber o equivalente atual a uma “coroa corruptível”; os crentes exercitam a autodisciplina pela imperecível “coroa da justiça” (2Tm 4.8).

O treino rigoroso de um atleta, no entanto, será desperdiçado se ele violar as regras da competição. Todos vimos a frustração dos esquiadores olímpicos que acidentalmente perderam uma entrada nas pistas em zigue-zague e foram desclassificados. Outros atletas trapacearam deliberadamente, trazendo vergonha e desonra tanto para si como para seus países. “Assim”, escreve Paulo no versículo 26, “corro também eu, não sem meta.” Ele deixou claro que se manteve no caminho correto, sabendo que, como mais tarde escreveu a Timóteo, “o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas” (2Tm 2.5). Paulo temia que, tendo “pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (v. 27). Ele não queria que a falta de autodisciplina ocasionasse a perda da vitória espiritual.

A autodisciplina pode ser definida como a habilidade de controlar a própria conduta por princípio e julgamento bem fundado em vez de por impulso, desejo ou costume social. O famoso poema de Rudyard Kipling “Se”, capta a essência da autodisciplina de uma perspectiva puramente humana:

Se você é capaz de manter sua cabeça no lugar quando todos estão perdendo as deles, e o culpam por isso;
Se você é capaz de confiar em si mesmo quando todos duvidam de você e, no entanto, permite que duvidem;
Se você é capaz de esperar sem perder a esperança;
Ou sendo enganado, não se utilizar de mentiras;
Ou sendo odiado, não se render ao ódio
E ainda não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se você é capaz de sonhar – sem fazer dos sonhos seus senhores;
Se você é capaz de pensar – sem fazer dos pensamentos seu objetivo;
Se você é capaz de lidar com o triunfo e com o desastre
E tratar esses dois impostores da mesma maneira;
Se você é capaz de aguentar ouvir a verdade que dissesse ser distorcida por pessoas sem princípios em armadilhas para tolos;
Ou, assistir as coisas pelas quais você deu sua vida, estraçalhadas,
e reconstruí-las com o pouco que lhe reste;
Se você é capaz de arriscar numa única tentativa tudo o que ganhou em toda a sua vida,
E ao perder, retornar ao ponto de partida,
sem resmungar uma palavra sobre sua perda;
Se você é capaz de forçar seu coração e nervos e músculos,
e dar o máximo depois que se esgotarem,
e ainda aguentar quando não há nada mais em você,
Exceto aquela vontade que diz para eles: “Aguentem firme!”;
Se você é capaz de falar com a plebe sem se vulgarizar,
e andar com reis – sem perder a naturalidade;
Se nem inimigos nem amigos queridos podem machucar você;
Se todos os homens contam com você, mas não demasiadamente;
Se é capaz de preencher o impiedoso minuto
com sessenta segundos valiosos como os de uma corrida a distância,
Sua é a Terra e tudo o que há nela, e – mais do que isso –
você será um Homem, meu filho!*

Biblicamente, a autodisciplina pode ser resumida numa só palavra: obediência. Exercitar a autodisciplina nas coisas espirituais é evitar o mal permanecendo nos limites da lei de Deus.

A autodisciplina é importante em qualquer empreendimento da vida. Sou grato aos meus pais, treinadores, professores e outras pessoas que me ajudaram a desenvolver a autodisciplina na minha própria vida. As pessoas que têm a habilidade de se concentrar, focalizar nos seus objetivos e permanecer consistentemente dentro de suas prioridades tendem a ser bem-sucedidas. Seja em termos acadêmicos, nas artes ou no atletismo, o sucesso sempre vem para o autodisciplinado.

Por muitos anos tive o privilégio de conhecer o renomado violonista clássico Christopher Parkening. Quando ele tinha 30 anos, tornou-se um mestre no seu instrumento. Mas essa maestria não veio de maneira fácil ou barata. Enquanto as outras crianças brincavam e participavam dos esportes, ele passava várias horas por dia praticando o violão. O resultado desse comprometimento com a autodisciplina trouxe uma proficiência no seu instrumento que poucos conseguem igualar.

COMO DESENVOLVER A AUTODISCIPLINA

Desde que a autodisciplina é tão importante, como pode alguém desenvolvê-la? Eis algumas sugestões práticas que descobri serem úteis:

Comece com pequenas coisas. Arrume seu quarto em casa ou sua mesa no

trabalho. Treine-se para colocar as coisas no seu devido lugar quando estiverem fora dele. Faça do velho ditado: “Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar”, o seu moto. Depois de arrumar seu quarto ou escrivaninha, estenda essa disciplina de arrumação ao restante de sua casa e do seu local de trabalho. Atinja um nível em que a ordem seja valorizada. Aprenda como manter seu ambiente arrumado, limpo e claro para que você possa produzir sem uma infinidade de distrações. Esse esmero continuará a desenvolver a autodisciplina forçando-o a tomar decisões sobre o que é ou não importante.

Aprender a autodisciplina nas pequenas coisas da vida prepara o caminho para grandes sucessos. Por outro lado, os indisciplinados em questões de pouca relevância, também o serão nas questões mais importantes. Nas palavras de Salomão, são as raposinhas que arruinam as vinhas (Ct 2.15). Para as pessoas que são íntegras e têm credibilidade, não há questões irrelevantes.

Uma famosa rima, baseada na derrota do rei Ricardo III da Inglaterra, na batalha de Bosworth Field em 1485, ilustra a importância de se concentrar nos pequenos detalhes:

Por falta de um cravo, uma ferradura foi perdida,
Por falta de uma ferradura, um cavalo foi perdido,
Por falta de um cavalo, a batalha foi perdida,
Por falta de uma batalha, o reino foi perdido,
E tudo por faltar um cravo numa ferradura.

Mantenha-se organizado. Faça uma programação, detalhada ou geral, com a qual se sinta confortável, e cumpra-a. Tenha uma lista das tarefas que você deve executar. Seria útil usar um livro de planejamento diário ou um programa de gerenciamento de informações pessoais no seu computador. De qualquer forma que o fizer, seja organizado, ainda que tudo que você faça seja anotar compromissos e itens a serem feitos num pedaço de papel. A simples realidade é que se você não controlar seu tempo, tudo e todos os demais o farão.

Não busque divertimento constantemente. Quando tiver tempo livre, faça coisas produtivas em vez de ficar meramente se distraindo. Leia um bom livro, ou ouça música clássica, faça uma caminhada, ou converse com alguém. Em outras palavras, aprenda a se divertir com coisas desafiadoras, estimulantes e criativas. Coisas sem nenhum valor a não ser para seu entretenimento, fornecem uma contribuição muito pequena para o seu bem-estar.

Seja pontual. Se você deve estar em algum lugar numa hora determinada, esteja lá a tempo. “Amas tu a vida?”, escreveu Benjamin Franklin em *Poor Richard’s almanac*, “Então não desperdice tempo, pois é desse material que a vida é feita.” O apóstolo Paulo listou o uso adequado do tempo como uma marca da verdadeira sabedoria espiritual: “[...] vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Ef 5.15-16). Ser pontual indica uma vida organizada. Revela uma pessoa cujos desejos, atividades e responsabilidades estão sob controle, o que permitirá que ela

chegue onde precisa estar, no prazo estipulado. Ser pontual também demonstra a importância das outras pessoas e o valor do tempo delas.

Mantenha sua palavra. “Não prometa o que não puder fazer”, o jovem George Washington exortou a si mesmo, “mas seja cuidadoso em manter sua promessa”. Se você disser que vai fazer alguma coisa, faça-a – *quando* e *como* disse que a faria. Quando você assume compromissos, visualize como irá realizá-los. Isso exige disciplina para avaliar adequadamente se você tem o tempo e a capacidade para fazer algo. E, uma vez que você assumiu o compromisso, a autodisciplina o capacitará a mantê-lo.

Execute primeiro as tarefas mais difíceis. A maioria das pessoas faz justamente o contrário, usa seu tempo fazendo o mais fácil, as tarefas não prioritárias. Mas quando ficam sem tempo (e energia), as tarefas difíceis e de alta prioridade não são feitas.

Termine o que começou. A vida de algumas pessoas é uma litania triste de projetos inacabados. Nas palavras do poeta John Greenleaf Whittier:

De todas as palavras tristes da língua ou da pena,

As mais tristes são estas: “Poderia ter sido!”.

Se você começar algo, termine-o. Aí reside uma importante chave para o desenvolvimento da autodisciplina.

Aceite a correção. A correção o ajuda a desenvolver a autodisciplina mostrando-lhe o que você deve evitar. Consequentemente, ela não deveria ser rejeitada, mas aceita de bom grado. Salomão escreveu, “Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir” (Pv 19.20); e “Os ouvidos que atendem à repreensão salutar no meio dos sábios têm a sua morada. O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma, porém o que atende à repreensão adquire entendimento” (Pv 15.31-32).

Pratique a abnegação. Aprenda a dizer não aos seus sentimentos e impulsos. Algumas vezes, negue a si mesmo prazeres que são perfeitamente legítimos de serem desfrutados. Recuse a sobremesa depois de uma refeição. Beba um copo de chá gelado em vez de saborear aquele bolo com sorvete que você ama. Não coma aquela rosquinha doce que chamou sua atenção. Abster-se dessas coisas lembrará ao seu corpo quem está no comando.

Acolha a responsabilidade. Ofereça-se voluntariamente para fazer coisas que devem ser feitas. Isso o obrigará a ter sua vida suficientemente organizada para ter tempo para tais projetos.

Essas sugestões práticas parecem não envolver nenhum princípio espiritual profundo. Contudo, não podemos dividir nossa vida entre secular e espiritual. Pelo contrário, devemos viver cada aspecto da nossa vida para a glória de Deus (1Co 10.31). E a autodisciplina cultivada nas coisas aparentemente mundanas da vida repercutirá no campo espiritual.

A MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVER A AUTODISCIPLINA

A autodisciplina é essencial para a vitória e o crescimento espiritual; só isso já deveria motivar os cristãos a buscá-la diligentemente. Em 1Pedro 1.13, ele escreveu: “Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios”. A imagem de Pedro é a de um soldado romano preparando-se para a batalha. Para evitar que sua túnica o atrapalhasse, o soldado prendia suas pontas soltas no seu cinturão. A vitória espiritual começa com um compromisso de juntar todas as pontas soltas do nosso pensamento.

Os crentes fazem isso sendo “sóbrios”. Nesse contexto, “sóbrios” não se refere a não estar embriagado; ao contrário, fala de se ter uma mente clara e entendimento das prioridades. Priorizar nosso pensamento significa pensar nas coisas sobre as quais devemos pensar – tudo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável, de boa reputação, excelente e digno de louvor (Fp 4.8).

A mente disciplinada evita as tentações inebriantes do mundo. Ela é clara, com prioridades fixas e equilibradas, que resultam em firmeza moral. As pessoas que possuem uma mente disciplinada não andam caprichosamente pela vida numa autotolerância irresponsável. Elas vivem por princípios, não por emoção. Por isso a sã doutrina é tão importante; os crentes necessitam da verdade divina firmemente fixada em suas mentes, de modo que ela controle suas prioridades.

Em Romanos 13.13-14, o apóstolo Paulo contrasta uma mente indisciplinada com outra controlada pela verdade bíblica: “Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendias e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências”. O oposto de cambalear irresponsavelmente através da vida, cedendo a cada luxúria, impulso e desejo pecaminoso, é “revesti-vos do Senhor Jesus Cristo”. Aqueles que agem assim possuem “a mente de Cristo” (1Co 2.16) e pensarão como ele pensa.

Aos tessalonicenses, Paulo escreveu, “[...] não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios [...] Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios” (1Ts 5.6, 8). Na sua primeira epístola, Pedro exortou os crentes, pela segunda vez, a serem sóbrios em seu pensamento: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Uma mente sóbria é uma excelente defesa contra os ataques de Satanás.

AS PRIORIDADES BÍBLICAS DE UMA PESSOA AUTODISCIPLINADA

Já observamos que autodisciplina é importante de uma perspectiva puramente humana, e listamos alguns princípios práticos para atingi-la. Mas há também princípios bíblicos que ajudam os cristãos a buscar autodisciplina. Eles envolvem duas coisas: pensamento correto sobre a verdade bíblica e o compromisso de obedecer a ela. Examinemos essas prioridades fundamentais de uma pessoa autodisciplinada.

Lembre-se de quem é o seu dono

Nossa sociedade narcisista, ocupada consigo mesma e egocêntrica, constantemente nos diz que somos reis dos nossos pequenos mundos, que temos o direito de ser o que desejamos ser, estabelecer nossos próprios objetivos, buscar nossos próprios sonhos, escolher nosso estilo de vida e ignorar aqueles que nos dizem o que fazer ou se interpõem no nosso caminho. As duas marcas da nossa cultura são os direitos pessoais e a liberdade individual. Porém, a Bíblia em termos claros ensina justamente o oposto. A Escritura revela Deus como o legítimo proprietário de todos os homens, porque os criou e também todos nós que somos crentes, porque ele é nosso Pai que nos comprou.

Os cristãos certamente se sentem confortados com a repetição bíblica de que Deus é seu Pai (veja Mt 5.16; 18.14; 23.9; Mc 11.25; 1Ts 1.3; 3.13; etc.). Mas o corolário muitas vezes esquecido com relação a essa verdade é que devemos obediência a Deus. A passagem de 1Pedro 1.14 exorta os crentes a serem “filhos da obediência”. Deixar de obedecer a Deus é roubar-lhe alguma coisa que é sua por direito. “Se eu sou pai”, Deus exigiu da rebelde e desobediente Israel, “onde está a minha honra?” (Ml 1.6).

Os crentes também pertencem a Deus, porque ele os comprou a um custo incalculável – a morte do seu filho amado, Jesus Cristo. “Acaso, não sabeis”, Paulo disse aos coríntios, “que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1Co 6.19; cf. 7.23). No versículo 20, o apóstolo acrescentou, “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”.

Pedro conta com detalhes o preço que Deus pagou para redimir os crentes em 1Pedro 1.18-19: “sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”. Em Atos 20.28, Paulo descreve a igreja como a aquela que “ele comprou com o seu próprio sangue”, ao passo que escreveu aos gálatas que “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)” (3.13). O preço terrível que Deus pagou para redimir os crentes foi a morte sacrificial de Cristo na cruz, onde se tornou maldição por nós. O filho de Deus, sem pecado, levou os pecados dos crentes sobre si mesmo (2Co 5.21), satisfazendo plenamente as exigências da justiça de Deus (Rm 3.26) e apaziguando a sua ira santa contra o pecado (Rm 3.25).

Compreender que não são donos de si mesmos, mas que Deus é o seu justo proprietário e mestre, motivará os crentes a tornarem-se pessoas autodisciplinadas. Os cristãos buscarão a santidade quando entenderem o preço que Jesus Cristo pagou para redimi-los.

Essa percepção estava no âmago da inabalável lealdade, dedicação e compromisso com Deus do apóstolo Paulo. Ele nunca superou a maravilha de

Deus ter escolhido salvá-lo — um homem que, selvagem e implacavelmente, havia perseguido o povo de Deus. Mesmo no final de sua vida, muitos anos depois que Deus o salvou na estrada de Damasco, ele exclamou, “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal [...] Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (1Tm 1.15, 17).

O reconhecimento de Paulo de todas as implicações de sua salvação o levou a sacrificar seu conforto, sua saúde e, no fim, sua vida pelo Deus que o redimiu. Ao contrário de muitos cristãos, o nobre apóstolo nunca esqueceu que no momento de sua salvação se tornou um filho obediente e servo fiel de Deus. E fielmente rendeu, através de todas as dificuldades de sua vida, a obediência devida a seu Pai e Senhor. Aqueles que como Paulo, reconhecem que não são os governantes soberanos de suas vidas, dão um passo importante em direção à autodisciplina.

Lembre-se da aliança da salvação

É uma verdade fundamental, clara e inequivocamente ensinada em toda a Escritura, que a salvação é uma obra inteiramente de Deus. Pecadores não regenerados, estando mortos em seu pecado (Ef 2.1), são impotentes para salvar a si mesmos (Rm 5.6). Se Deus não houvesse escolhido os crentes para a salvação antes da fundação do mundo (Ef 1.4; 2Ts 2.13), enviado Cristo para morrer pelos seus pecados (Rm 5.8-9), e os regenerado mediante o poder do Espírito Santo (Tt 3.5), ninguém seria salvo.

Há, porém, outro aspecto da salvação. A soberania divina não elimina a responsabilidade humana. Na salvação, Deus promete perdoar os pecadores arrependidos, para derramar sua graça sobre eles e levá-los para a glória. Mas os crentes também fazem uma promessa na salvação, a de obedecer a Jesus Cristo como seu Senhor. Essa promessa é um corolário inevitável para confessar e abandonar o pecado. Todos os homens ou estão em rebelião contra Deus ou em submissão a ele; não há meio-termo, não há uma terceira opção. A fé salvadora reconhece o pecado e, portanto, inclui o arrependimento e reconhece o senhorio de Cristo e, portanto, inclui submissão.

É verdade que a maioria das pessoas não entende, no momento da salvação, tudo o que a submissão ao senhorio de Cristo acarreta. Elas ainda não têm uma compreensão da Escritura ou um entendimento completo da vida cristã e de todos os seus desafios. Mas sabem que na salvação se comprometem a seguir a Jesus Cristo.

Na sua primeira epístola, Pedro ensinou que o resultado da soberana eleição dos crentes pelo Pai, e de sua regeneração pelo Espírito Santo, é “para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1Pe 1.2; cf v. 22). Ao contrário de alguns hoje, a Bíblia nunca faz diferença entre obediência e salvação. De fato, a obediência é usada como um sinônimo para a salvação em passagens como Atos 6.7, Romanos 1.5, 15.18, 16.26, e Hebreus 5.9.

A salvação não é meramente um ato inicial de obediência; ela também resulta numa *vida* de obediência. Em Efésios 2.10, Paulo descreveu os crentes como “feitura dele [Deus], criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”. As obras são tão inseparavelmente ligadas à fé genuína salvadora que Tiago podia dizer: “Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2.26). As boas obras, naturalmente, não nos salvam, mas são uma consequência inevitável da nossa salvação.

Voltando a 1Pedro 1.2, ele descreve os crentes como tendo sido aspergidos com o “sangue de Jesus Cristo”. Essa imagem é extraída da afirmação da aliança mosaica em Êxodo 24. Depois de ouvir a leitura da aliança, os israelitas prometeram obedecer a ela (v. 7). Moisés então os aspergiu com o sangue do sacrifício para selar a parte deles na aliança (v. 8). Quando Pedro fala do sangue de Cristo sendo aspergido sobre os crentes (simbolicamente, não literalmente), ele retrata a parte deles na aliança da salvação – obediência a Deus.

Um cristão autodisciplinado é aquele que lembra o voto que fez na salvação de obedecer a Deus. Esse crente tem a integridade para permanecer fiel ao compromisso. (Releia o Capítulo 2.)

Reconheça que o pecado quebra seu relacionamento com Deus

Pecar é muito mais do que violar um código. A Bíblia ensina que todo pecado é, em última instância, contra Deus e quebra nosso relacionamento com o Pai celestial. Depois dos seus pecados hediondos de adultério com Bate-Seba e consequente assassinato do marido dela, Davi clamou a Deus, “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos” (Sl 51.4). Pedro exorta os crentes, “[...] se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação” (1Pe 1.17). Em outras palavras, se você é um filho de Deus, portese como tal. Não quebre por meio do pecado a sua íntima relação com ele (cf. 1Co 6.15-17).

Paulo ilustrou esse princípio em sua epístola aos filipenses. No capítulo 2, ele dá uma série de ordens aos crentes (v. 2-4, 12-18). Mas o apóstolo prefaciou essas ordens dando aos seus leitores o motivo para obedecê-las – o encorajamento, consolação, comunhão, afeição e compaixão que desfrutavam como resultado do seu relacionamento com Deus (v. 1).

Os crentes devem obedecer aos mandamentos da Escritura porque ao quebrá-los violam seu relacionamento com Deus. Ver o pecado dessa perspectiva é uma motivação importante para desenvolver a autodisciplina para evitá-lo.

Controle sua imaginação

A imaginação é verdadeiramente algo maravilhoso. É a parte criativa do homem, na qual os artistas concebem sua arte, os músicos suas melodias e os escritores os seus livros. É onde os arranha-céus, pontes e casas primeiramente tomam forma,

antes de seus projetos surgirem no papel. A imaginação é onde as pessoas cultivam os sonhos que finalmente virão a ser concretizados em suas vidas.

Como outras dádivas de Deus ao homem, a imaginação pode ser utilizada para usos pervertidos e também pecaminosos. Pois é na imaginação que a tentação se diverte, surgem más fantasias e as paixões pecaminosas são inflamadas. Para se tornar uma pessoa autodisciplinada, você deve aprender a controlar sua imaginação; é ali que deve ser travada a batalha contra o pecado.

Tiago 1.14-15 expõe a origem do pecado, mostrando como ele progride da tentação até o ato pecaminoso: “cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”. O problema do homem não está no ambiente, embora viver num mundo caído e pecaminoso o expõe a tentações inevitáveis. O problema está dentro de nós, na nossa imaginação. Aí, as circunstâncias pecaminosas, situações, pensamentos, palavras e conceitos a que somos expostos são interiorizados. A imaginação então se torna o lugar onde a tentação é entretida e fantasias desenvolvidas, e, se não controladas, produzirão atos pecaminosos. A imaginação encena os atos pecaminosos antes mesmo de serem cometidos (veja Mt 5.21-22, 27-28).

A imaginação é o lugar onde se ganha ou se perde a batalha contra o pecado. Dois pensamentos conflitantes lutam pelo controle da imaginação quando somos tentados. Um pensamento é que esse pecado trará prazer (Hb 11.25); o outro é que esse pecado irá desonrar a Deus. É aí que reside a batalha. Que pensamento aprisionará sua imaginação, inflamará as emoções e moverá a vontade?

Como podemos lutar contra o pecado que procura ganhar nossa imaginação? O salmista sabia a resposta: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119.11). Ler a Palavra, estudar a Palavra, e, acima de tudo, meditar na Palavra (Js 1.8; Sl 19.14; Fp 4.8) enche nossas imaginações com a verdade divina, dificultando que as tentações pecaminosas se instalem.

As diretrizes da batalha espiritual estão traçadas. Podemos preencher nossas mentes com verdades bíblicas sólidas e conhecer a vitória sobre o pecado. Ou podemos permitir que as tentações pecaminosas, às quais estamos constantemente expostos, reinem incontestes na nossa imaginação. Isso nos levará a perder a batalha espiritual e às trágicas consequências do pecado. O acróstico da ciência da computação, GIGO (“Garbage In, Garbage Out” – entra lixo, sai lixo), é também aplicável à vida espiritual. Uma pessoa autodisciplinada dará atenção ao sábio conselho de Salomão: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Foco nas causas de Deus

Uma última maneira para se tornar autodisciplinado é mudar o foco de si mesmo para as causas de Deus. Até mesmo os incrédulos farão imensos, quase inacreditáveis sacrifícios pelas causas com as quais se comprometeram. Pode

aquele que serve ao Deus vivo fazer menos? É axiomático que uma pessoa cuja vida é importante para Deus não seja egoísta com relação a si mesma. Jim Elliot, missionário e mártir, escreveu, “Não é tolo quem abre mão do que não pode guardar para ganhar o que não pode perder” (Elisabeth Elliot, *Shadow of the Almighty* [San Francisco: Harper & Row, 1958], 108). Como cristãos, nos deparamos com uma tarefa assustadora como embaixadores de Deus: levar a mensagem vivificadora de reconciliação a um mundo perdido (2Co 5.19-20). A enormidade desse desafio, se o levarmos a sério, nos força a nos disciplinarmos, para então servirmos efetivamente a causa do nosso Mestre. Você começará a juntar as pontas soltas de sua vida quando não estiver mais vivendo para si mesmo.

Muitos hoje parecem pensar que o objetivo da vida cristã é que Jesus nos torne saudáveis, ricos e felizes. No entanto, se isso for verdade, alguém se esqueceu de contar ao apóstolo Paulo. Quase que desde o momento de sua conversão na estrada para Damasco, ele sofreu miséria, perseguições e dor pela causa de Cristo. As palavras proféticas de Jesus sobre ele, “pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9.16), definiram o rumo do restante da vida de Paulo.

No entanto, apesar do sofrimento que suportou, o compromisso e a dedicação de Paulo em cumprir o ministério para o qual o Senhor o chamou nunca vacilou. Em Atos 20, o apóstolo está em Mileto, uma cidade da Ásia Menor cerca de 48 quilômetros ao sul de Éfeso. Apressando-se para chegar a Jerusalém até o Dia de Pentecostes (v. 16), Paulo contornou Éfeso, onde havia ministrado por longo tempo. Mas ele não podia perder a oportunidade de dar uma última palavra de encorajamento e exortação aos presbíteros da Igreja de Éfeso (v. 17s.). No contexto dessa mensagem de despedida, Paulo abordou seus temores por sua segurança quando chegou a Jerusalém:

E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações. Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus. (v. 22-24)

Havia algo muito além de Paulo que o impulsionava – era algo tão importante que, comparado a isso sua vida não tinha nenhum valor: servir à causa de Cristo até o seu último suspiro. A dedicação de Paulo a essa causa produziu nele tremenda autodisciplina. Foi essa autodisciplina que o manteve no caminho até o final de sua vida (2Tm 4.7).

Quando você se lembrar de quem é o seu dono, reconhecer a aliança de obediência feita na salvação, reconhecer o pecado como uma violação do seu relacionamento com Deus, aprender a controlar sua imaginação e viver para o crescimento do reino de Deus, você se tornará uma pessoa autodisciplinada que agrada ao Senhor.

ADORANDO A DEUS EM ESPÍRITO E VERDADE

A nos atrás um explorador intentou uma difícil caminhada através da quase impenetrável selva da região do alto Amazonas. Procurando encurtar o tempo de jornada, deu ordem para seus carregadores de bagagem para prosseguirem incansavelmente, forçando-os a um ritmo acelerado por dois dias. Mas no terceiro dia, tendo chegado ao limite de sua resistência, os homens se sentaram ao lado de suas cargas e recusaram-se a prosseguir. Irado, o explorador ordenou-lhes que se levantassem para retomar a viagem, mas eles se recusaram a ceder. Finalmente, frustrado, exigiu uma explicação do chefe deles: “Eles estão esperando que suas almas alcancem os seus corpos”, ele respondeu.

Essa história ilustra apropriadamente a situação em que muitos cristãos se encontram. Cansados de sua frenética atividade religiosa, necessitam parar e deixar que suas almas alcancem os seus corpos. Como Marta (cf. Lc 10.40), estão agitados com seu serviço espiritual; como Maria, eles necessitam sentar-se aos pés do Senhor em reverente adoração (v. 39, 42).

A adoração, porém, não é a principal ênfase na igreja egoísta e pragmática de hoje. Ao procurar apelar para necessidades sentidas não cristãs, muitas igrejas têm transformado radicalmente seus cultos dominicais. Quase tudo é válido: música secular contemporânea, esquetes humorísticos, apresentação de elaborados *shows* de multimídia, atos de comédias, danças, *shows* de magia – parece que qualquer coisa, exceto a pregação bíblica da sã doutrina e adoração a Deus de coração.

Transformar o culto de adoração num *show* de variedades inevitavelmente resultará na minimização da adoração. A adoração não se encaixa num culto destinado ao entretenimento de não cristãos “interessados” e fazer com que se sintam confortáveis e seguros. Visto que a adoração está focalizada em Deus, ela não floresce numa atmosfera centralizada no homem.

Fazer dos incrédulos o foco central, quando a igreja se reúne, é uma inversão trágica do padrão bíblico. A igreja deve se reunir primeiramente para adoração, não para evangelismo; para louvar e adorar coletivamente a Deus, não para entreter os que não são cristãos. O objetivo da igreja não é fazer com que os incrédulos se sintam confortáveis; na realidade, é justamente o oposto. Quando um incrédulo entra numa igreja que adora a Deus, “tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós” (1Co 14.25). Assim, a

adoração não é uma opção que possa ou não ser introduzida na vida da igreja, tão inofensiva e discretamente quanto possível ou ignorada por completo: é o verdadeiro coração e alma de tudo o que somos como cristãos. De fato, minha definição favorita de um cristão vem de Filipenses 3.3, onde o apóstolo descreve os cristãos como “nós os que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus”.

Mas uma igreja só pode adorar coletivamente se for constituída por pessoas reverentes, apenas se for composta de Marias, e não somente de Martas. Observe, contudo, que ser um adorador não impede de servir a Deus. A mesma Maria que se assentou reverentemente aos pés de Jesus também desempenhou um dos mais humildes atos de serviço registrado na Escritura (Jo 12.3). O serviço é importante, mas deve fluir de um coração reverente.

A DEFINIÇÃO DE ADORAÇÃO

João 4.20-24 fornece um excelente ponto de partida para uma discussão bíblica sobre adoração:

Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

Essa passagem relata parte da conversa entre Jesus e uma mulher samaritana. Retornando à Galileia, depois de ministrar na Judeia, Jesus parou próximo da pequena vila de Sicar em Samaria. Com sede, após sua jornada, Jesus pediu à mulher para tirar água a fim de que ele pudesse beber. Surpresa, pergunta-lhe porque ele, um judeu, pede de beber a uma mulher samaritana desprezada. Jesus então mudou a conversa da água natural para a água como símbolo da vida eterna. Ela ansiosamente pediu dessa água para Jesus, mas a resposta enigmática dele foi que ela deveria primeiro ir buscar seu marido. Esse simples pedido desmascarou o seu pecado, visto que ela, tendo sido casada cinco vezes, nesse momento estava vivendo com um homem com o qual não se casara.

Embaraçada pelo pedido de Jesus, ela muda de assunto, voltando à questão calorosamente debatida sobre o lugar onde Deus devia ser adorado. Os judeus sustentavam naturalmente que Deus só poderia ser adorado adequadamente no templo em Jerusalém. Os samaritanos optaram pelo Monte Gerizim, não longe de Sicar, onde anteriormente estava localizado o templo deles, antes de ser destruído cerca de um século antes. Embora esse templo jamais tenha sido reconstruído, os samaritanos continuaram a adorar no Monte Gerizim. Portanto, o tema da conversa era a adoração; a mulher via corretamente o endireitar da sua vida como um ato de adoração.

A adoração pode ser definida como honra prestada a um ser superior. A palavra inglesa *worship* deriva da palavra do inglês antigo *weoroscope*, composta dos termos “worth [valor]” e “ship” [enviar, expedir]. Tem então, a conotação de

atribuir valor a alguém ou a alguma coisa. A palavra grega traduzida por “adoração” em João 4 é *proskune*, que literalmente significa “reverenciar beijando a mão” e assim “curvar-se perante” ou “alguém prostrar-se diante” de um ser superior.

A adoração deve ser diferenciada do ministério. O ministério vem a nós do Pai, por meio do Filho e no poder do Espírito Santo, e então flui por nosso intermédio. A adoração emana de nós, por meio do poder do Espírito no nome do Filho, e volta ao Pai. O ministério desce do Pai para nós; o louvor sobe de nós para o Pai. O ministério pode ser comparado aos profetas que falaram ao povo em nome de Deus; a adoração pode ser comparada aos sacerdotes que falavam com Deus em nome do povo.

No entanto, o ministério não deve ser entendido como não relacionado à adoração. Na realidade, o propósito do ministério é incentivar a adoração. Ouvir a Palavra ensinada aumenta nossa capacidade de adorar a Deus, e ouvir outros ministrando em canções, eleva nosso coração a Deus em louvor. Perdemos o essencial se formos à igreja buscando somente receber. Nós nos reunimos com outros crentes para ministrar a eles, e até mesmo o que recebemos nos capacita a dar. A Bíblia ensina que ações, bem como as atitudes e palavras, podem se constituir em adoração (veja Rm 15.16; Fp 1.11; 4.18; 1Tm 2.3; Hb 13.15-16).

Adoração é dar a Deus a honra que lhe é devida. Ela nasce de um coração cheio de gratidão pelo poder salvador de Deus e bondade infinita. “De boas palavras transborda o meu coração”, escreveu o salmista no salmo 45.1. A palavra hebraica traduzida por “transborda” significa borbulhar como água fervendo que se derrama de uma panela. O livro de Salmos é dividido em cinco livros, cada um dos quais termina com uma doxologia. Todas as verdades dos salmos sobre a natureza e as obras de Deus deveriam finalmente resultar numa explosão de louvor que procede de corações em adoração.

Do mesmo modo, no livro de Romanos, depois de usar onze capítulos expondo a doutrina da salvação, Paulo explode em louvor a Deus:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (11.33-36)

Ele concluiu o livro de Romanos com outra doxologia:

[...] àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações, ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém! (16.25-27)

Gálatas 1.3-5, 1Timóteo 1.13-17 e 2Timóteo 4.18 registram outras ocasiões em que o coração de Paulo irrompeu em louvor e adoração a Deus.

Em sua conversa com a mulher samaritana, Jesus estabeleceu três verdades

fundamentais sobre adoração: sua fonte, seu objeto e sua natureza. O entendimento desses princípios-chave o capacitará a adorar a Deus como ele merece.

A FONTE DA ADORAÇÃO

Onde se origina a adoração? Jesus respondeu a essa pergunta quando disse à mulher samaritana, “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.23). As pessoas se tornam verdadeiros adoradores de Deus somente porque ele as busca primeiro. Jesus disse em Lucas 19.10, “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”. Um homem caído, morto em pecado (Ef 2.1), é incapaz de buscar a Deus por si mesmo. E, como Paulo observou em Romanos 3.10-12, ninguém o faz: “como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer”. Por essa razão Jesus declarou em João 6.44, “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”. O homem está perdido, e Deus é quem o busca; então, a fonte da verdadeira adoração é o próprio Deus. Os cristãos se tornam adoradores de Deus no momento da salvação, continuam a adorá-lo por toda sua vida, e (juntamente com os santos anjos) e o adorarão por toda a eternidade.

Adoração no Antigo Testamento

O objetivo do plano redentor de Deus no Antigo Testamento era atrair adoradores para si. Cinco verdades simples, repetidas ciclicamente ao longo do Antigo Testamento, resumem seus conteúdos:

O Antigo Testamento revela o caráter de Deus. Ele apresenta a grandeza, a majestade, sabedoria e santidade de sua pessoa e suas obras.

O Antigo Testamento declara bênçãos sobre aqueles que adoram a Deus e obedecem a ele. O salmista escreveu, “Aleluia! Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e se compraz nos seus mandamentos” (Sl 112.1).

O Antigo Testamento pronuncia maldições sobre aqueles que desobedecem a Deus e deixam de adorar a ele. Deuteronômio 18.15-20 lista algumas das maldições prometidas a Israel pela sua desobediência.

O Antigo Testamento ensina a necessidade de um sacrifício final pelos pecados. Aquele que iria derrotar a Satanás, o pecado e a morte foi prometido já em Gênesis 3.15. E os incontáveis cordeiros sacrificados sob a lei mosaica prefiguravam o sacrifício final do Cordeiro de Deus (cf. Jo 1.29). Depois de sua morte, Jesus reiterou aos seus discípulos os ensinamentos do Antigo Testamento referentes a ele mesmo (Lc 24.27, 44-47).

O Antigo Testamento ensina que o Messias um dia estabelecerá seu reino glorioso na terra. Isaías 11, entre muitas outras passagens, retrata esse futuro reino.

Todas essas verdades fundamentais devem suscitar adoração. A natureza e as obras de Deus nos levam a adorá-lo. Os que adoram o Deus verdadeiro são abençoados, enquanto aqueles que não o fazem são amaldiçoados. O sacrifício de Jesus Cristo, o Messias prometido, é o meio usado por Deus para redimir os pecadores que então se tornam verdadeiros adoradores. E o reino glorioso, com o estado eterno que o segue, será um tempo de louvor sem fim e adoração ao Rei.

A adoração foi introduzida em Gênesis. Os patriarcas – Abraão, Isaque e Jacó – foram adoradores de Deus. No Pentateuco, Deus ordenou e regulamentou a adoração. A descrição detalhada do Tabernáculo – abrangendo quase 250 versículos em Levítico – enfatizou a prioridade que Deus coloca na adoração. A disposição do acampamento de Israel no deserto, divinamente estabelecido, também destacava a importância da adoração. O tabernáculo era o foco central do acampamento, com as várias tribos acampadas ao redor dele em seus quatro lados (Nm 2.2s.). O propósito da lei mosaica, incluindo todas as cerimônias prescritas, rituais e sacrifícios, era regulamentar a adoração a Deus. O livro de Salmos era o hinário de Israel, expressando louvor e adoração a Deus. E a missão dos profetas era reprovar a falsa adoração de Israel e chamar o povo de volta a uma adoração apropriada do verdadeiro Deus (veja Is 1.11-20; Os 6.4-6; Am 5.21-24; Ml 1.6-14).

Negativamente, a importância da adoração no Antigo Testamento pode ser observada nas sérias consequências da adoração incorreta. O fato de Adão e Eva não terem conseguido adorar devidamente a Deus levou a raça humana ao pecado. A adoração incorreta de Caim foi rejeitada, depois que ele assassinou seu irmão Abel numa crise de raiva ciumenta. O uso errado do incenso usado na adoração de Deus era punível com a morte (Êx 30.34-38). Nadabe e Abiú foram executados por ineficiência no cumprimento de seus deveres sacerdotais com relação à adoração na maneira prescrita (Lv 10.1-3). A intromissão de Saul nas funções sacerdotais custou a ele o seu reinado (1Sm 13.8-14). Uzá não tratou a Arca da Aliança com o devido respeito e foi morto por Deus pelo seu ato irreverente de adoração (2Sm 6.6-7).

Em Mateus 22, foi perguntado a Jesus qual era o maior dos mandamentos da lei. Sua resposta resumiu não só o propósito da lei como de todo o Antigo Testamento:

Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (v. 37-40)

A Lei e os Profetas (uma designação judaica para o Antigo Testamento) tinham como objetivo último suscitar a verdadeira adoração.

A adoração no Novo Testamento

O Novo Testamento registra o cumprimento do plano redentor prefigurado no Antigo Testamento. Enfatiza também a adoração como o objetivo final da

salvação.

Quando Jesus veio ao mundo, veio para ser adorado. Jesus recebeu adoração mesmo antes de haver nascido, da mãe e do pai de João Batista (Lc 1.41-42, 67-69). Antes e logo depois do seu nascimento Jesus foi adorado por anjos (Hb 1.6), pastores (Lc 2.8-20) e pelos magos (Mt 2.1-2, 11). Mesmo o ímpio rei Herodes demonstrou um falso desejo de adorá-lo (Mt 2.8). Durante seu ministério Jesus recebeu adoração de um leproso (Mt 8.2), de um oficial da sinagoga (Mt 9.18), de seus discípulos (Mt 14.33), de Tiago, João e da mãe deles (Mt 20.20), de um cego a quem havia curado (Jo 9.38), e mesmo de um homem endemoniado, cujos demônios atormentadores sabiam muito bem quem era Jesus (Mc 5.6). Depois de sua ressurreição, as mulheres (Mt 28.9) e seus discípulos (Mt 28.17) ofereceram a Jesus reverente adoração.

O livro do Apocalipse conclui o Novo Testamento oferecendo vários vislumbres da adoração constante que acontecerá no céu (4.10; 5.14; 7.11; 11.16; 19.4). Assim, do princípio ao fim, o Novo Testamento revela o desenrolar do plano redentor de Deus para atrair a si os verdadeiros adoradores (veja Rm 12.1; Fp 3.3; Hb 12.28).

O OBJETO DA ADORAÇÃO

Em seu diálogo com a mulher samaritana, Jesus revelou duas realidades sobre Deus que são essenciais à verdadeira adoração. Deus deve ser adorado como Pai (Jo 4.21, 23) e como Espírito (Jo 4.24).

Adorando a Deus como Espírito

Dizer que Deus é espírito é definir sua natureza essencial. Ele não deve ser concebido ou representado em termos materiais, “porque um espírito não tem carne nem ossos” (Lc 24.39). Portanto, qualquer forma de idolatria é errada e blasfema, como é qualquer visão panteísta que identifica Deus com o universo.

Como um espírito, Deus é invisível (Co 1.15; 1Tm 1.17). Ele não pode ser visto, embora tenha se revelado por meio de manifestações físicas. No Antigo Testamento Deus revelou sua presença por meio do fogo, de nuvens e da *Shekinah* (a manifestação visível da glória de Deus; veja 2Cr 7.1-2). O Novo Testamento apresenta a revelação máxima de Deus, quando ele se tornou homem na pessoa de Jesus Cristo. Mas Deus não pode ser visto em sua natureza essencial. “Ninguém jamais viu a Deus”, escreveu o apóstolo João; “o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1.18).

Como um espírito, Deus é também “eterno, imortal” (1Tm 1.17). Dizer que Deus é eterno significa que ele não foi criado e sempre existiu; dizer que ele é imortal significa que ele não é sujeito à morte e sempre existirá.

A Bíblia ressalta repetidamente a insensatez pecaminosa de reduzir Deus a uma imagem ou restringi-lo a um lugar específico. Paulo disse aos filósofos pagãos de Atenas, “não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem” (At 17.29). Em

1Reis 20.28, Deus repreendeu os sírios por imaginar tolamente que o Deus de Israel estava restringido às montanhas. Deus repreendeu o ímpio no salmo 50.21 por imaginar que ele era seu igual. Em Isaías 46.5, ele perguntou, “A quem me comparareis para que eu lhe seja igual? E que coisa semelhante confrontareis comigo?” A resposta óbvia é “Ninguém”. Nem mesmo o Tabernáculo e o Templo continham réplicas de Deus, e embora sua presença fosse visivelmente manifestada nesses lugares, eles não continham nenhum ídolo para representá-lo.

Para adorar devidamente a Deus, devemos adorá-lo como espírito, dando louvor e honra a ele pelos seus “atributos invisíveis” (Rm 1.20), tais como sua onipotência, onisciência, onipresença, imutabilidade, eternidade, amor, justiça, amabilidade, bondade, misericórdia, graça, justiça, ira e santidade. Adorar a Deus é exaltá-lo pelos seus poderosos atos na criação e redenção e reconhecer com gratidão o seu cuidado providencial para conosco.

Adorando a Deus como Pai

Os judeus dos dias de Jesus pensavam em Deus como Pai no sentido de Criador, Aquele que trouxe Israel à existência como nação. Para eles, *pai* não era um termo de intimidade, mas de criação. Mas esse não é o sentido em que Jesus cita esse termo. Quando se referiu a Deus como Pai, não se referia a Deus como o Pai da humanidade ou da nação de Israel, mas como seu próprio Pai, Jesus estava afirmando, portanto, ter a mesma natureza essencial de Deus – uma afirmação que chocou e indignou seus oponentes judeus. No capítulo seguinte do Evangelho de João, Jesus confrontou alguns desses oponentes com essa verdade vital. E declarou-lhes, “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17). Diferentemente de muitos hereges de hoje que negam a divindade de Cristo, os oponentes de Jesus entendiam perfeitamente as impressionantes implicações dessa declaração. João menciona, “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, por que [...] mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (v. 18). Eles viam a afirmação de Jesus de ser igual a Deus como blasfêmia.

Contudo, Jesus defendeu sua afirmação, afirmando que fez a mesma obra que o Pai (v. 19), até mesmo ressuscitando mortos (v. 21) e executando julgamento (v. 22). Além disso, a vontade de Jesus está em perfeita harmonia com o Pai (v. 20) e ele tem vida por si mesmo, tal como o Pai (v. 26). Porque suas palavras são as palavras do Pai, suas obras são as obras do Pai; seu julgamento, o julgamento do pai; sua vontade é a vontade do Pai e sua vida, a vida do Pai; Jesus é digno da mesma honra que o Pai (v. 23).

Em outra ocasião, João registrou que Jesus afirmou ser da mesma essência que o Pai. Em João 10.30, Jesus disse aos seus adversários judeus, “Eu e o Pai somos um”. Ele não se limitou a dizer que ele era um em propósito com o Pai; se fosse isso tudo o que pretendia dizer, ele não teria afirmado nada mais do que todos os profetas o fizeram. E uma vez mais, seus oponentes entenderam claramente as implicações da afirmação de Jesus, como demonstra sua violenta reação:

“Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: ‘Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo’ (v. 31-33).

A verdadeira adoração deve ver Deus como sendo um em essência com Jesus Cristo. Ou, para colocar de outro modo, os verdadeiros adoradores devem adorar Jesus como Deus. Não há genuína adoração a Deus separada do reconhecimento completo da divindade de Jesus Cristo (cf. Jo 5.23). Aqueles que tentam separar a divindade do Filho da adoração são blasfemadores e colocam a si mesmos sob a maldição de Deus (1Co 16.22).

A NATUREZA DA ADORAÇÃO

A verdadeira adoração não apenas vê Deus como sua fonte e objeto – ela também evita dois extremos mortais: heresia entusiasta e ortodoxia estéril e sem vida. Os samaritanos e os judeus tipificavam esses extremos.

A adoração dos samaritanos era vital, animada, ardente, quase elétrica em sua intensidade. A destruição do seu templo no Monte Gerizim um século antes não os perturbou, e continuaram a adorar nesse monte até os dias de Jesus. Na verdade, um bom número de samaritanos devotos ainda adora ali até os dias de hoje.

Porém, a despeito do seu zelo, a adoração dos samaritanos era marcada pela ignorância. Jesus disse à mulher samaritana, “Vós [samaritanos] adorais o que não conheceis” (Jo 4.22). Os samaritanos aceitavam apenas o Pentateuco (os cinco livros de Moisés – Gênesis até Deuteronômio) e rejeitavam o restante do Antigo Testamento. Certamente o Pentateuco contém muitas verdades importantes. Por exemplo, passagens tais como Gênesis 3.15 e Deuteronômio 18.15 levaram os samaritanos a antever a vinda do Messias. Depois da conversa com Jesus, a mulher voltou ao seu povoado e exclamou com entusiasmo: “Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?!” (Jo 4.29). No entanto, por possuírem apenas o Pentateuco, havia muito que eles não poderiam saber. Assim, Jesus caracterizou a adoração deles como ignorante.

Por outro lado, os judeus dos tempos de Jesus (com exceção dos saduceus) aceitavam todo o Antigo Testamento como divinamente inspirado. Jesus disse à mulher samaritana, “Nós [judeus] adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4.22). Embora baseada em tudo que Deus revelou, a adoração dos judeus deixava a desejar quanto à devoção interior a um Deus que produzia ardente adoração. Eles tendiam a ser externalistas friamente legalistas, até mesmo hipócritas. Essa foi a razão porque Jesus purificou o templo e condenou os judeus por sua hipocrisia e externalismo, em seu primeiro grande sermão, o Sermão do Monte. Observe especialmente o que ele disse em Mateus 6.1-2:

Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

Esses versículos captam a essência da religião dos judeus; era somente aparência externa, destituída de devoção íntima e amor a Deus.

Infelizmente, esses dois extremos da falsa adoração se manifestam atualmente. Alguns adoram a Deus somente com seus lábios, mas têm o coração longe dele (cf. Is 29.13). Outros, entusiasticamente, promovem heresia. Como podemos evitar a heresia entusiasta do Monte Gerizim e a ortodoxia estéril de Jerusalém? Pela adoração a Deus em espírito e em verdade. Jerusalém tinha a verdade, mas não o espírito; Monte Gerizim tinha o espírito, mas não a verdade. A verdadeira adoração deve incluir ambos. “Deus é espírito”, declarou Jesus, “e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

Adorando a Deus em espírito

O termo “espírito” no versículo 24 não se refere ao Espírito Santo, mas ao espírito humano. Ele fala da pessoa interior, o seu verdadeiro ser. A verdadeira adoração, diz Jesus, não é uma questão de aparências. Não é uma questão de adorar num certo lugar, numa certa hora, usando certos rituais, ou vestindo determinadas roupas. A verdadeira adoração é uma questão do coração. Usando uma palavra grega que se refere especialmente a adoração a Deus, Paulo escreveu em Romanos 1.9 que ele servia a Deus em “espírito”. “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR” escreveu Davi, “e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome” (Sl 103.1). A adoração de Davi a Deus também vinha das profundezas do seu ser.

Há quatro requisitos básicos para adorar a Deus em espírito.

Você deve estar espiritualmente vivo. Sem o novo nascimento, ninguém pode adorar a Deus verdadeiramente, pois “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14). Os incrédulos não podem adorar em espírito, porque eles têm o espírito morto em pecado (Ef 2.1-3). Assim, falta-lhes a capacidade de reagir à verdade espiritual. A transformação interior trazida pela salvação é, assim, um pré-requisito necessário para toda adoração genuína. Como o salmista escreveu, “vivifica-nos, e invocaremos o teu nome” (Sl 80.18).

Seu coração deve estar focado em Deus. Isso envolve a contemplação de Deus em todo o tempo, sendo capaz de dizer como Davi, “O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença” (Sl 16.8). Estabelecer a verdade de Deus no seu coração desperta seu espírito para a adoração. Para alcançar isso você deve ler a Palavra, ouvir o seu ensino, e, especialmente, meditar nela. “Não cesses de falar deste Livro da Lei”, o Senhor ordenou a Josué, “antes, medita nele dia e noite” (Js 1.8). A meditação bíblica difere radicalmente da meditação das religiões orientais. O objetivo da meditação oriental é esvaziar a mente; a meta da meditação bíblica é enchê-la com a verdade de Deus. A meditação bíblica pode ser definida como

concentrar toda a sua mente num só assunto. A igreja perdeu amplamente a habilidade pela profunda reflexão e meditação na verdade de Deus, e o resultado inevitável de um pensamento superficial é a adoração superficial.

Enquanto você lê a Bíblia, leia-a para aprender mais sobre o caráter e as obras de Deus. Leia-a para conhecer melhor e mais profundamente a Cristo. Enquanto medita profundamente nas suas verdades majestosas, seu espírito se elevará em adoração a Deus.

Seu coração deve ter dedicação integral – no salmo 86.11-12, Davi orou, “Dispõe-me o coração para só temer o teu nome. Dar-te-ei graças, SENHOR, Deus meu, de todo o coração”. A adoração surge de um coração não dividido e não distraído. Por isso, você não pode adorar a Deus enquanto alimenta o pecado em sua vida. “Se eu no coração contemplara a vaidade”, escreveu o salmista, “o SENHOR não me teria ouvido” (Sl 66.18). No sermão do monte, Jesus ensinou que lidar com pecados cometidos contra outros é um pré-requisito para adoração: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta” (Mt 5.23-24). O Senhor descreveu a rebelde Israel para Ezequiel como aqueles que “se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro” (Ez 33.31). Sua fidelidade dividida os impedia de adorar verdadeiramente a Deus, assim como a dos fariseus, a quem Jesus advertiu, “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração” (Lc 16.15).

Se você verdadeiramente adora a Deus, deve se preocupar constantemente com o pecado em sua vida.

Você deve ser controlado pelo Espírito. Filipenses 3.3 define os verdadeiros adoradores como aqueles que adoram “a Deus no Espírito”. O Espírito Santo deve energizar nossa adoração, para que ela seja aceitável. E para que ele faça isso, devemos ser pessoas controladas pelo Espírito (Ef 5.18). Ser controlado pelo Espírito significa render-se constantemente à sua vontade como revelada nas Escrituras (Cl 3.16).

O que nos impede de adorar em espírito? Numa só palavra, o ego. Alguém totalmente focalizado em si mesmo não é nem mesmo um cristão. Um cristão não pode adorar a Deus com o coração dividido entre ele mesmo e Deus. Tampouco pode ser controlado pelo Espírito se coloca somente parte de sua vida sob o controle dele. Se permitirmos, o ego sempre impedirá nossa adoração. Esse é o lugar onde deve ser travada a batalha para manter a pureza na nossa adoração.

Adorando a Deus em verdade

É autoevidente que a verdadeira adoração deve ser em resposta ao que é verdadeiro sobre Deus. É o que Jesus disse em João 17.17, “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”. Ou, nas palavras do salmista, “Cantai

louvores com entendimento” (Sl 47.7, NKJV). Deus não é honrado quando o concebemos como diferente do que ele é, quando interpretamos mal seus atributos, obras, vontade e propósito.

Por isso uma compreensão apropriada da Palavra de Deus é crucial. Somente interpretando corretamente a Palavra da verdade obtemos o conhecimento que é indispensável se quisermos adorar a Deus de um modo que o agrade.

A genuína adoração une espírito e verdade no momento em que nosso espírito se eleva em louvor como resposta às indiscutíveis realidades reveladas na Escritura. Não há nenhuma recompensa pelos êxtases ignorantes ou indiferença à fidelidade doutrinária; como não há nenhum benefício em apreender a verdade friamente e sem alegria.

PREPARANDO SEU CORAÇÃO PARA ADORAÇÃO

Hebreus 10.22 apresenta uma lista concisa da autoavaliação ao se preparar para adorar a Deus. Antes de adorá-lo, faça a si mesmo as seguintes perguntas:

Sou sincero? “aproximemo-nos, com sincero coração”, exorta o escritor da Carta aos Hebreus. Necessitamos pedir ao Senhor que nos ajude a ignorar todas as distrações mundanas e nos concentrarmos nele.

Estou vindo por fé? Devemos nos aproximar de Deus “em plena certeza de fé”, isto é, descansando completamente na suficiência do sacrifício de Cristo pelos nossos pecados, não em nossas boas ações, para termos acesso à presença de Deus.

Sou humilde? Devemos ter “o coração purificado de má consciência”. As acusações da consciência nos humilham por nos lembrar do nosso pecado, assim como faz a lembrança da graça e misericórdia de Deus para conosco.

Sou puro? O escritor de Hebreus expressou essa verdade quando escreveu sobre ter “lavado o corpo com água pura”. Devemos confessar e abandonar nossos pecados antes de ir a Deus em adoração.

Se a resposta a essas quatro perguntas for sim, podemos nos aproximar de Deus com confiança, sabendo que nossa adoração será aceitável a ele. E a verdade abençoadora é que, quando nos aproximamos de Deus conforme suas determinações, ele promete se aproximar de nós (Tg 4.8). Quando tudo isso é verdadeiro a nosso respeito, seremos conhecidos como uma pessoa que tem uma atitude verdadeira de adoração para com o Deus vivo e verdadeiro.

ESPERANÇA: NOSSO FUTURO ESTÁ GARANTIDO

O futuro da humanidade é um tópico que atualmente parece estar na mente de muitas pessoas. Basta olhar para o número de livros e filmes que abordam a aniquilação global por meio da guerra nuclear, invasão alienígena ou desastre natural e você verá o que quero dizer.

Esse tipo de preocupação leva as pessoas a pensarem na necessidade de desenvolver algum tipo de segurança quanto ao seu futuro – não apenas sua existência mortal, mas também sua imortalidade. Como resultado, muitos se voltam para as várias religiões do mundo e suas explicações sobre o futuro e promessas de vida após a morte. Hoje, um número crescente de pessoas confia nas promessas do movimento da Nova Era e suas crenças na reencarnação. Mesmo aqueles que não aderem a algum código religioso ou sistema de crença, e esperam que suas obras justas lhes garantam um lugar em alguma existência celestial.

Algumas pessoas confiam na sua engenhosidade. Elas tentam se proteger contra as realidades das tragédias inevitáveis da vida acumulando fortunas e gastando-as em pesquisas médicas, não apenas para prolongar a vida, mas para enganar a morte. Em última análise, as pessoas devem colocar sua confiança em algo que lhes dê alguma segurança com relação ao seu futuro.

Certas pessoas, no entanto, descartam por completo a esperança e acreditam que não há vida após a morte. Essa maneira de pensar lhes permite seguir uma filosofia hedonista de vida, e assim podem viver sem nenhum código moral e fazer qualquer coisa que lhes dê prazer, porque acreditam que não há nenhum julgamento da imoralidade.

Se as pessoas não regeneradas se prendem a uma visão sombria do futuro ou a uma esperança brilhante para o amanhã e eternidade, o fato é que elas estão “sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Qualquer pessoa sem Deus e sem Cristo não tem nenhuma esperança para o futuro. Sem esperança, a morte assume proporções aterrorizantes; tudo que o que resta é o inferno eterno, dor eterna e punição eterna. Por isso Jó 27.8 diz, “Porque qual será a esperança do ímpio [...] quando Deus lhe arrancar a alma?” Provérbios 10.28 acrescenta, “A esperança dos justos é alegria, mas a expectativa dos perversos perecerá”.

Há apenas dois destinos possíveis na eternidade – céu ou inferno – e Deus criou ambos. Aqueles que estão indo para o céu pela fé em Jesus Cristo têm

esperança, os demais não têm nenhuma esperança e vivenciarão a desesperança eterna do inferno. Talvez um dos maiores tormentos do inferno seja saber que a dor nunca cessará. É o epítome da desesperança.

UMA DEFINIÇÃO DE ESPERANÇA

Acho assustador até mesmo contemplar uma vida sem esperança. Felizmente, aqueles dentre nós que colocaram sua confiança em Jesus Cristo têm razões para esperar, e isso não é de modo algum o que o mundo define como esperança. A maioria das pessoas usa esperança como um sinônimo de “vontade” ou “desejo”. Elas esperam que alguém que desejam ver as visitará, esperam conseguir o emprego que estão almejando, esperam conseguir as notas de que estão necessitando, esperam que seus sonhos se realizem.

Mas na Bíblia a esperança não é um desejo, é uma realidade – um fato ainda não realizado. A esperança bíblica é um fato que Deus prometeu e cumprirá. Como tal, ele representa a última coluna do caráter cristão. A esperança é a postura espiritual que nos leva a olhar confiantemente para o futuro e nos motiva a buscar a semelhança com Cristo com o máximo esforço. Para ver como a esperança é fundamental para a vida de fé do crente, examinemos vários trechos da Escritura.

A esperança é segura

O autor de Hebreus diz, “a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós” (6.19-20). Nossa esperança é uma âncora, o que significa que ela não é móvel ou abalável. Nossa esperança está incorporada no próprio Cristo, que entrou na presença de Deus no Santo dos Santos celestial em nosso favor. Ele atua como nosso grande Sumo Sacerdote, intercedendo por nós para sempre diante de Deus.

Em sua primeira epístola, o apóstolo Pedro dá mais uma prova da segurança da nossa esperança:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações. (1.3-6)

A esperança é uma parte essencial do evangelho

“Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós, desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho” (Co 1.3-5). O evangelho inclui nossa esperança eterna. A alegria da nossa salvação é que um dia entraremos na vida eterna no céu. Isso é um fato prometido.

Todos os três aspectos da nossa salvação – passado, presente e futuro – estão ligados no evangelho. Em Tito 1.1-2, Paulo escreve, “Paulo, servo de Deus e

apóstolo de Jesus Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade, na esperança da vida eterna”. Ele pregou o evangelho para que os eleitos (“os escolhidos de Deus”) pudessem crer e ser salvos. Esse é o aspecto passado – nossa justificação. Aqueles a quem Deus escolhe ouvem o evangelho, creem, e então são justificados por ele. O aspecto presente do evangelho é “o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade”. Essa é nossa santificação. O aspecto futuro é “esperança da vida eterna”, que é a nossa glorificação.

No passado fomos salvos da penalidade do pecado – não seremos condenados. Não arcaremos com as consequências dos nossos pecados porque Deus imputou a nós a justiça de Cristo no momento em que cremos. Cristo levou toda a nossa iniquidade em seu próprio corpo na cruz. No presente estamos sendo salvos do poder do pecado, porque o Espírito Santo e a verdade das Escrituras nos dão vitória sobre o pecado. E seremos salvos da presença do pecado quando algum dia, no futuro, formos para o céu. Sem a promessa da glória futura o evangelho seria uma promessa vazia, em vez de algo seguro.

A esperança nos faz perseverar

Romanos 8 é um importante capítulo da promessa para o crente. Nele, Paulo afirma que Deus cumprirá a esperança do crente e o levará para a glória:

E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos [...]. Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. (v. 23-25, 28-30)

Nossa esperança é a glória. Queremos vivenciar a redenção do nosso corpo e finalmente nos livrarmos da batalha pecaminosa na nossa carne. Esse é o único elemento da nossa salvação que ainda temos de realizar. Embora seja no futuro, está prometido, comprometido e garantido. Assim, para nós a glória é real. É por isso que perseveramos enquanto aguardamos ansiosamente pela nossa glorificação. Não importam as provações e lutas com que nos depararemos enquanto esperamos, podemos estar seguros que Deus cumprirá seu chamado em nós e nos levará para a glória. Desde que Deus fez o esforço para nos justificar, podemos estar certos de que ele também nos glorificará, porque esse é o seu plano.

CARACTERÍSTICAS DA ESPERANÇA

A Bíblia divide nosso conceito de esperança em várias partes. Aqui estão dez características da nossa esperança que deveriam produzir alegria no nosso coração.

Nossa esperança provém de Deus

É essencial que nossa esperança seja objetiva, não subjetiva. Não se trata de uma ilusão secular que diz que você pode ser qualquer coisa que queira ser. Você não pode criar ou controlar o futuro – você não tem nem o poder nem o conhecimento para fazer isso. Você não tem que inventar algum esquema para o futuro – Deus já lhe deu um. O salmo 43.5 diz, “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”. O salmista simplesmente nos lembra de que não devemos nos desesperar, porque Deus é a fonte da nossa esperança.

Nossa esperança é um dom da graça

A passagem de 2 Tessalonicenses 2.16-17 diz, “[...] nosso Senhor Jesus Cristo mesmo e Deus, o nosso Pai, que nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança, pela graça, consolem o vosso coração e vos confirmem em toda boa obra e boa palavra”. O consolo eterno e boa esperança que Deus nos deu não é algo que merecemos. Deus o dá a quem ele quer, de acordo com seus próprios desejos soberanos.

Nossa esperança é definida pela Escritura

Romanos 15.4 diz, “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”. Quando você precisar de consolo e encorajamento, olhe para a Palavra de Deus porque ela lhe dará esperança no meio das provações da vida.

Nossa esperança é racional

Nossa esperança não é irracional; não está baseada em como as estrelas se alinham ou nas informações de uma rede de médiuns. Nossa esperança é definida pela Escritura, e isso a torna racional. O apóstolo Pedro disse, “santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Se alguém lhe perguntar o que acha que acontecerá com o mundo, você pode mostrar-lhe a Bíblia e explicar o plano de Deus para o futuro.

Nossa esperança está garantida pela ressurreição de Cristo

Pedro afirma claramente que Deus “nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1Pe 1.3). Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos. Mais de quinhentas pessoas o viram numa só ocasião (1Co 15.6). Seus próprios discípulos conviveram com ele intimamente depois de sua ressurreição (Lc 24.36-49; Jo 20.19–21.23). Eles comeram com ele e o tocaram. Eles viram as cicatrizes da crucificação nas suas mãos. Antes de ser crucificado, Jesus disse, “Porque eu vivo, vós também vivereis” (Jo 14.19). Essa é nossa esperança. Ele passou pela morte e retornou vivo do outro lado, preparando-nos o caminho.

Nossa esperança é confirmada pelo Espírito Santo

Romanos 15.13 diz, “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no

vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo”. A Bíblia explica a sua esperança, e quando você passar por alguma crise, o Espírito Santo lhe dá poder para suportar. Seu conhecimento da Escritura trabalha em combinação com o poder energizante do Espírito para sustentá-lo em sua hora mais sombria, capacitando-o a se firmar em sua esperança.

Nossa esperança é uma defesa contra os ataques de Satanás

Satanás quer que nós duvidemos de Deus e o questionemos. Ele ataca nossa mente com dúvidas sobre a realidade da nossa salvação. Mas nós usamos o “capacete” que é “a esperança da salvação” (1Ts 5.8). Assim, podemos permanecer seguros no conhecimento da Palavra de Deus e em suas muitas promessas da nossa salvação eterna (Jo 6.37-39; 10.28-29; Rm 5.10; 8.31-39; Fp 1.6; 1Pe 1.3-5). As Escrituras Sagradas nos dão a base sobre a qual devemos construir nossa esperança.

Nossa esperança é fortalecida por meio das provações

Quanto mais você for provado, mais terá a oportunidade de exercitar sua esperança. E quanto mais você exercitá-la, mais forte ela se torna, capacitando-o a enfrentar até mesmo sofrimento maior. É assim que opera a graça de Deus. Devemos aguardar ansiosamente as provações, porque elas nos aperfeiçoam em muitas áreas, inclusive em nossa esperança (Tg 1.4, 12).

Ao vivenciar mais e mais provações, você ansiará ainda mais pelo céu. Tudo que eu quero está no céu. À medida que você e eu envelhecemos, mais pessoas queridas já terão ido para lá. Assim, o céu se torna ainda mais precioso. Vivencie provações o suficiente e logo você dirá como o apóstolo Paulo, “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro [...] tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.21, 23).

Nossa esperança produz alegria

Mesmo em meio à tristeza, nossa esperança produzirá alegria. O salmo 146.5 une esperança com alegria: “Bem-aventurado [feliz] aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no SENHOR, seu Deus”. Quando você tem esperança em Deus, tem alegria.

Nossa esperança será cumprida na volta de Cristo

Você pode ter pensado que a esperança é cumprida logo após morrermos. Mas a morte simplesmente leva nosso espírito para o céu – nosso corpo ainda tem quer ser ressuscitado. Ele aguarda o Arrebatamento da igreja:

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. (1Ts 4.16-17)

Aqueles que morreram em Cristo – que já tem o espírito com o Senhor – serão unidos com seus corpos glorificados. É quando nossa esperança se torna

realidade.

A PRÁTICA DA ESPERANÇA

Uma pergunta permanece: Como nossa esperança afeta nossa vida neste momento? Precisamos considerar 1João 2.28–3.3 para ver como o apóstolo João lida com o tema da esperança e sua aplicação diária para os crentes.

Como observamos na seção anterior, o espírito do crente que morre vai diretamente para a presença do Senhor e vive em perfeita alegria e justiça. Mas os crentes ainda não estão completos porque ainda não experimentaram a conclusão total de sua esperança na ressurreição de seus corpos glorificados. João relata nossa situação atual quando diz, “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser” (3.2). Ainda não fomos glorificados, como seremos quando Cristo retornar. Naquele instante, os crentes que estiverem mortos e os que estiverem vivos serão perfeitos tanto interior como exteriormente. E por fim nossa esperança será plenamente realizada.

Para ver como devemos nos preparar para aquele dia, João nos dá cinco características da esperança do crente. Aqui está como os crentes viverão se tiverem esperança.

A esperança é garantida pela perseverança

João escreve, “Filhinhos, agora, pois, permanecei nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda” (2.28). Quando o Senhor voltar, haverá duas respostas: os santos o receberão, mas os ímpios estarão envergonhados. Apocalipse 6.15-16 diz que os ímpios se esconderão: “nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram [dirão] aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro”.

Como crentes não precisaremos nos esconder quando ele vier, poderemos ter confiança porque permanecemos nele. A noção de permanecer é mais bem definida pela figura que Jesus usou quando comparou a si mesmo com a vinha e os crentes com os ramos: “permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim” (Jo 15.4).

A palavra “permanecer” significa basicamente “persistir”. Ela evidencia a verdadeira salvação. João aludiu a isso quando se referiu aos chamados crentes que “saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos” (1Jo 2.19). As pessoas com fé genuína permanecerão na comunhão. Elas não desertarão, não negarão a Cristo ou abandonarão sua verdade. Jesus reiterou a importância de permanecer quando disse aos judeus que acreditavam nele, “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8.31).

Quando o apóstolo João conclama os crentes a permanecerem em Cristo, em

essência é um chamado para a perseverança dos santos. Ele está nos conclamando a professar o evangelho, a viver em dependência constante de Jesus Cristo e a obedecer à sua Palavra de maneira contínua e amorosa.

Isso de modo algum nega o papel de Deus em assegurar a nossa salvação. O Senhor promete que ele nunca perderá nenhum de nós e que conduzirá a todos nós para a glória. Mas tais privilégios elevados não anulam nossa obrigação de sermos filhos obedientes; eles aumentam a nossa responsabilidade. Quanto maiores os privilégios da graça, maior será nossa responsabilidade em ser obediente. Paulo diz, “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 2.11-12).

Quando permanecemos fielmente em Cristo, mantendo nossa obediência, temos garantia da nossa esperança. Você tem a responsabilidade perante Deus de perseverar na fé e na fidelidade, de expressar diariamente sua obediência amorosa à Palavra de Deus e aos seus propósitos à medida que ocorrerem na sua vida. Paulo viveu com essa atitude e pôde dizer, quando sua vida estava chegando ao fim: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.7-8). Paulo não vacilou na defesa da sã doutrina ou de sua fé em Deus. Como resultado, estava confiante no seu encontro com o Senhor. Você e eu somos obrigados a permanecer fiéis ao Senhor, assim como Paulo o fez.

A esperança produz justiça

Você garante sua esperança futura permanecendo, e permanecer é apenas outra maneira de descrever uma vida justa. João diz, “Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (1Jo 2.29). Nossa esperança deve resultar em comportamento justo. As pessoas que esperam ser justificadas quando o Senhor voltar devem manifestar a justiça hoje.

Um cristão revela seu verdadeiro caráter pelos seus frutos. Uma pessoa pode reivindicar qualquer tipo de lealdade ao cristianismo que quiser, mas qual é o padrão de sua vida? Assim como um filho biológico será como seu pai, do mesmo modo os filhos de Deus serão como seu Pai celestial. Desde que Deus é justo, seus filhos refletirão sua natureza justa. Jesus disse, “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Esse é o objetivo que buscamos.

O verbo traduzido como “pratica a justiça” em 1João 2.29 está no presente do indicativo, o que significa que ele tem ação contínua. Assim, um verdadeiro crente que tem esperança genuína e permanece em Cristo, praticará a justiça em sua vida. E, “vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.24).

É importante examinar suas obras. Para confirmar sua esperança, pergunte a si

mesmo: *No que eu creio?* E depois, pergunte *Como é a minha vida?* Se você não tem paixão e anseio pela justiça, então é duvidoso que seja um cristão.

A esperança é estabelecida no amor

João escreve, “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1Jo 3.1). Compartilhamos do assombro de João ao contemplar o espantoso amor de Deus, que confere a nós, pecadores, tal honra inacreditável, que nos torna filhos em sua família. João 1.12 diz, “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”. Ser os próprios filhos de Deus é expressão irresistível do seu grande amor.

A expressão “que grande amor” em 1João 3.1 refere-se a algo estranho. O amor que Deus nos demonstrou é estranho a qualquer coisa que possamos conceber, estranho a qualquer coisa que possamos imaginar, e estranho com relação a qualquer coisa conhecida pela raça humana. Mais à frente na epístola, João diz, “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (4.9). Esse tipo de amor transcendente, que motivou o Filho perfeito de Deus a sacrificar a si próprio para nos redimir, é a base da nossa esperança. E é “Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo” (3.1). O mundo não pode compreender o amor de Deus porque não pode entender o evangelho.

A esperança é cumprida na semelhança a Cristo

João continua, “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (v. 2). Nossa esperança ainda não está completamente realizada. Tito 2.13 reafirma que estamos “aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”. Quando Cristo voltar, nossa esperança será cumprida.

Lembre-se de que Deus “os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito [primeiro em preeminência] entre muitos irmãos” (Rm 8.29). O plano de Deus é redimir seus eleitos e torná-los como Seu Filho. Quando Jesus vier para arrebatá-la sua igreja, veremos o cumprimento desse projeto, quando nos tornarmos iguais a Jesus Cristo.

Paulo nos lembra do nosso objetivo nesta vida: “prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.14). Tanto o alvo como o prêmio é a semelhança a Cristo. O objetivo de nossa salvação é ser igual a Cristo, o cumprimento de nossa esperança é a semelhança a Cristo e a busca de nossa vida é ser cada vez mais como Cristo.

A esperança é garantida pela pureza

João conclui essa seção quando diz: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1Jo 3.3). Viver com a expectativa de encontrar Jesus Cristo face a face causará um efeito purificador na sua vida. Quando encontrá-lo, ele avaliará suas obras e então o recompensará (1Co 3.10-15). Mas é possível que você possa perder seu prêmio, por isso “Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão” (2Jo 8).

Eu sei que nosso Senhor pode retornar a qualquer momento, por isso meu alvo tem sido viver de tal maneira que, quando eu estiver perante ele, eu possa lhe oferecer minha vida pura. Essa meta teve origem quando eu era uma criança e li este poema que meu avô guardava em sua Bíblia.

*Quando eu estiver no banco do julgamento de Cristo
E ele mostrar seu plano para mim,
O plano de minha vida como ela deveria ter sido,
E vejo como o bloqueei aqui e o questionei ali,
E não cedi em minha vontade,
Haverá tristeza nos olhos de meu Salvador,
Tristeza, embora Ele ainda me ame?
Ele me teria enriquecido, mas eu permaneci ali pobre,
Despojado de tudo exceto sua graça,
Enquanto a memória corre como algo perseguido
Por um caminho que não posso refazer,
Então meu desolado coração vai quase se quebrar
Com lágrimas que não poderei derramar
Cobrirei minha face com minhas mãos vazias,
E inclinarei minha cabeça não coroada.
Ó Senhor, os anos que ainda me restam,
Eu os entrego em sua mão.
Toma-me, quebra-me e molda-me
Ao modelo que o Senhor planejou.*

As emoções que sinto agora são semelhantes ao que o poeta deve ter sentido quando escreveu essas palavras. Não quero ter nenhuma razão para me envergonhar na vinda de Cristo. Quero estar fazendo aquilo que o honra e o agrada. Quero viver uma vida pura. Se o seu foco está em Jesus Cristo, você viverá uma vida pura e será capaz de dizer com o apóstolo João: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22.20).

A igreja de Tessalônica era uma grande igreja. Quando Paulo escreveu aos seus membros, nunca os admoestou, apenas os instruiu e elogiou. Um dos seus elogios foi este: “Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar, recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança... [conhecendo vocês] e para aguardardes dos céus o seu Filho” (1Ts 1.2-3, 10). Você o aguarda desse modo? Está você vivendo de tal maneira que quando ele vier você ficará tranquilo ao vê-lo examinar sua vida? Você precisa

viver cada momento como se ele fosse chegar no momento seguinte, porque ele pode fazer justamente isso.

Essa então é a nossa esperança. Ela não deveria nos amedrontar. Ao contrário, ela deveria encher nosso coração de alegria.

Se você estiver fundamentando sua vida sobre as colunas do caráter cristão, que estudamos ao longo deste livro, você não ficará envergonhado quando Jesus voltar – estará confiante.

GUIA DE ESTUDOS

CAPÍTULO 1: O PONTO INICIAL: A FÉ GENUÍNA

Resumindo o capítulo

Para o crente, a fé tem início com a salvação e determina todas as demais coisas durante toda a existência.

Introdução (escolha um)

1. Relembre uma vez em que sua fé numa pessoa ou num produto foi realmente testada. O que mais desafiou sua confiança básica durante essa situação? Sua confiança precisou ser restaurada? Se sim, como isso ocorreu?
2. Você acredita que a maioria dos que professam ser cristãos entende verdadeiramente a definição bíblica de fé? Por que sim, ou por que não?

Responda às perguntas

1. De acordo com a *Confissão de Fé Batista*, quais são os principais elementos que constituem a fé bíblica?
2. Em que época Habacuque ministrou a Judá? Qual era a situação básica que ele enfrentou?
3. O que Habacuque provavelmente pediu a Deus que fizesse?
4. Quem eram os caldeus? Por que Habacuque estava tão aborrecido por Deus tê-los usado para punir Judá?
5. Qual a grande verdade a respeito de Deus sobre a qual Habacuque foi lembrado? Como isso o ajudou a resolver seu dilema teológico?
6. Em que resultou a descoberta de Martinho Lutero sobre Habacuque 2.4?
7. Quais versículos do Novo Testamento reiteram a verdade-chave de Habacuque 2.4?
8. Como Habacuque fez uso da terminologia agrícola para ilustrar seu ensino sobre a pessoa e os planos de Deus?
9. Quem, em última instância, provê os meios para uma vida de fé? Dê pelos menos dois versículos para fundamentar sua resposta.

Concentrando-se na oração

- Ore para que Deus aumente sua confiança e seu entendimento de quem

ele é e o que quer que você faça ao se defrontar com situações desconcertantes da vida.

- Agradeça a Deus pelos meios que ele proveu, principalmente por meio da Palavra, para você exercitar a fé genuína.

Aplicando a verdade

Leia Romanos 5.1-10 todos os dias durante a próxima semana. Medite em um ou mais versículos diferentes cada dia, e escreva como as palavras importantes e os princípios-chave são relacionados com viver pela fé diariamente.

CAPÍTULO 2: OBEDIÊNCIA: A ALIANÇA DO CRENTE

Resumindo o capítulo

Para os cristãos, fé e obediência estão inseparavelmente ligadas no relacionamento de aliança com Deus, o Pai, tornado possível pelo sangue derramado de Cristo, o Filho.

Introdução (escolha um)

1. Quais histórias básicas e imagens lhe vêm à mente quando você pensa no Antigo Testamento? Excluindo Salmos e Provérbios, quão relevante o Antigo Testamento tem sido para sua vida cristã? Com que frequência você o lê e o estuda?
2. Você já esteve numa disputa contratual com alguém? Se sim, qual a importância que você dá à concordância da outra parte com os termos do contrato? Você acredita que atualmente a maioria das pessoas leva a sério os termos dos acordos comerciais e legais como faziam as gerações anteriores? Discuta.

Responda às perguntas

1. O que é tão fundamental sobre a Grande Comissão (Mt 28.19-20)?
2. Que verdade o apóstolo João afirma pelo menos três vezes? Cite uma das referências.
3. Como a mensagem do evangelho era sempre pregada no Novo Testamento? Dê três exemplos.
4. Qual é o significado correto do termo “presciência” na Escritura? Qual é o significado incorreto que é com frequência dado a ele?
5. Quando a nossa santificação tem início e o que ela inclui (veja Jo 3.5, 1Pe 1.2)?
6. Resuma a fase futura da salvação, como especificada em Efésios 2.10.
7. Em qual atividade relevante estava Moisés envolvido pouco antes dos

acontecimentos de Êxodo 24.3-8?

8. Que promessa básica fez Deus na lei mosaica? Como resultado, com o que o povo concordou?
9. Que característica física do altar de Moisés representava a participação do povo na aliança?
10. Qual era a importância dos sacrifícios e do sangue de animais?
11. Como pode a salvação ser resumida como um pacto de obediência (veja Jr 31.33, Ez 36.26-27)?
12. O que Romanos 6.16-18 ilustra como a atitude primordial e desejo de todos os cristãos verdadeiros?
13. O que acontece com alguém que não aplica regularmente a Escritura à sua vida (veja Tg 1.22-25)?

Concentrando-se na oração

- Passe algum tempo extra em oração nesta semana agradecendo e louvando a Deus, porque ele conheceu você previamente e pela graça o tornou parte de sua família.
- Ore por uma área de sua caminhada cristã na qual você necessita maior obediência. Peça ao Senhor que lhe dê grande determinação para obedecer, como fizeram os israelitas depois de terem ouvido Moisés.

Aplicando a verdade

Memorize Mateus 29.19-20 ou Tiago 1.25. Depois de memorizar a passagem, escreva sua própria paráfrase e compartilhe-a com um amigo.

CAPÍTULO 3: BEM-AVENTURADOS OS HUMILDES

Resumindo o capítulo

A verdadeira humildade, como ensinada e exemplificada por Jesus e Paulo, é a peça central da vida cristã e, quando praticada, resultará em bênção genuína.

Introdução (escolha um)

1. Os escribas e fariseus dos dias de Jesus não eram conhecidos por sua humildade. Que grupo ou categoria de pessoas na sociedade atual você lembra mais deles? Por quê?
2. Quando é mais difícil para você demonstrar a humildade? Conte uma história de sua experiência pessoal que ilustre sua resposta.

Responda às perguntas

1. A que se refere o termo grego traduzido por “pobre” em Mateus 5.3? O quanto essas pessoas eram dependentes?
2. Com que tipo de coisas as pessoas contam para entrar no reino de Deus? Relacione pelo menos cinco.
3. Do que resultam muitos tipos de choro inadequados?
4. Quantas palavras gregas são usadas no Novo Testamento para tristeza? O que as difere daquela de Mateus 5.4?
5. O que geralmente o termo “mansidão” sugere atualmente? Por que isso é um entendimento incorreto do seu uso bíblico?
6. Como Jesus demonstrou verdadeira mansidão? Dê alguns exemplos do seu ministério.
7. Qual é o resultado prometido para a mansidão? Quais são as ramificações disso?
8. Qual a importância que o comentarista Martyn Lloyd-Jones atribui a Mateus 5.6 (veja citação do seu livro)?
9. Qual deve ser a natureza da fome e sede de justiça do crente? Por quê (veja Fp 1.9-10)?
10. De acordo com Mateus 5.6, quão abrangente será nosso desejo por justiça? O que no grego torna essa justiça especial?
11. Qual foi a verdadeira razão para Paulo compartilhar sua experiência de ter sido transportado ao céu (2Co 12-1.4)?
12. Qual era o espinho na carne de Paulo?
13. Quais são as duas marcas básicas de uma pessoa humilde (veja Fp 2.3-4)?

Concentrando-se na oração

- Peça a ajuda do Senhor à medida que trabalha numa área de sua vida na qual você precisa demonstrar mais humildade.
- Ore para que hoje o Senhor lhe dê mais fome e sede pela sua Palavra e justiça.

Aplicando a verdade

Leia o capítulo 4, 5, 6, 7 ou 8 no primeiro volume de *Studies in the sermon on the mount*^{***} (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1971, de Martyn Lloyd-Jones. Faça anotações no capítulo à medida que lê, e leia todas as referências bíblicas. Escolha uma ou duas verdades novas para meditar e pôr em prática. (Cada capítulo tem cerca de dez páginas.)

CAPÍTULO 4: A NATUREZA ALTRUÍSTA DO AMOR

Resumindo o capítulo

O único modo de a cultura egoísta e orientada para o sexo de hoje ver o amor bíblico verdadeiro é se os crentes obedecerem ao ensino de Cristo e imitarem o seu exemplo de autossacrifício de amor em João 13.

Introdução (escolha um)

1. Você consegue se lembrar da primeira vez que se “apaixonou”? Você estava realmente amando ou foi apenas uma paixão? Como a paixão é diferente de amor?
2. Onde a guerra cultural o desafia mais diretamente? Que meios práticos você encontrou para combater as influências da cultura mundana? Discuta uma delas com seu grupo.

Responda às perguntas

1. Qual palavra na nossa língua vem da palavra grega traduzida por “imitadores” (Ef 5.1)?
2. Qual deveria ser a inclinação natural se formos verdadeiros filhos de Deus?
3. Dê uma breve definição do amor *agape*.
4. O que caracteriza o amor humano condicional? Quão diferente ele é do tipo de amor de Deus?
5. Como Satanás falsifica o amor bíblico?
6. Tanto a imoralidade quanto a impureza são manifestações de qual característica pecaminosa? Quais são algumas características adicionais disso?
7. Qual é a verdadeira razão de as pessoas desejarem ter a disponibilidade do aborto?
8. Qual é o plano de seis passos de Satanás para travar uma guerra cultural contra o reino de Deus?
9. Qual é o principal instrumento do diabo para tornar mais fácil para as pessoas serem más na sociedade?
10. Qual é uma das principais distrações que desviou a atenção da sociedade ocidental dos efeitos pecaminosos da revolução sexual?
11. Quais fatores negativos tornaram os discípulos antipáticos pelos padrões humanos como mostraram os acontecimentos de João 13?
12. Por que lavar os pés era necessário no antigo Oriente Médio, e quem normalmente desempenhava essa tarefa?

13. Qual o significado da declaração de Jesus em João 13.8?
14. Como João 13.10 esclarece ainda mais o significado de Jesus ter lavado os pés dos discípulos?
15. Numa frase, como podemos aplicar a orientação de Jesus em João 13.34-35?

Concentrando-se na oração

- Nesta semana, agradeça a Deus pelo seu ato máximo de amor sacrificial ao enviar Cristo para morrer por você.
- Ore para que pessoas sejam salvas da nossa cultura pecaminosa por meio da influência amorosa dos crentes.

Aplicando a Verdade

Ore pela salvação de um amigo, vizinho, colega de trabalho ou parente incrédulo. Então, aproxime-se da pessoa com algum ato prático de amor e serviço. Se você não tem nenhuma relação próxima com uma pessoa não salva, busque uma maneira de ajudar outro cristão que esteja necessitando de encorajamento neste exato momento.

CAPÍTULO 5: UNIDADE: PERSEVERANÇA NA VERDADE

Resumo do capítulo

Visto que sempre tem sido a vontade de Deus que o corpo de Cristo seja unido por meio da habitação do Espírito, com base nas doutrinas essenciais da Escritura, é imperativo que os cristãos mantenham essa unidade perante o mundo incrédulo.

Introdução (escolha um)

1. Como a falta de unidade pode afetar o estado de espírito no local de trabalho ou numa equipe atlética? Você já testemunhou esses efeitos negativos na prática? Se sim, o que você aprendeu com a experiência?
2. A respeito de quais doutrinas básicas todos os cristãos deveriam concordar como sendo essenciais? O que as opiniões ou práticas permitem como diferenças ou preferências individuais? Justifique suas respostas.

Responda às perguntas

1. Com que seriedade os crentes devem buscar a questão da unidade (Ef 4.3)? O que o termo grego nessa passagem indica?
2. Sobre que tipo de unidade Paulo está falando, e como ela é mantida? (1Co

12.13, 20; Cl 3.14)?

3. Quem habita em todo crente? O que é garantido como resultado (Ap 19.9)?
4. Qual é “a fé” a que Judas 3 se refere?
5. Qual era a maneira comum no Novo Testamento, de alguém confessar publicamente a fé em Cristo?
6. O que Deuteronômio 6.4 ensina sobre a natureza de Deus? Quais referências no Novo Testamento sustentam essa verdade?
7. Quais as duas tendências gerais dentro da igreja atual que ameaçam minar a pureza de sua unidade?
8. Qual é o contexto mais amplo da declaração de Jesus em João 17.21? Qual foi o objetivo real da sua oração?
9. Se a unidade não é algo que os cristãos devem produzir, então como devemos entender nosso papel com relação a ela (veja 1Co 1.10; 2Pe 1.1)?
10. Como Mateus 5.48 nos ajuda a ver a possibilidade da perfeita unidade da igreja local?
11. Como a tradução segundo a versão ARA de 1Coríntios 1.10 nos ajuda a entender melhor o significado de concordância espiritual e unidade doutrinária?
12. Dê várias definições, tanto específicas quanto gerais, da palavra “divisões” no Novo Testamento (veja Jo 7.43; 1Co 1.10).
13. Qual é um dos modos mais importantes com que uma igreja local pode impedir uma divisão importante?
14. A unidade da igreja local significa unanimidade em absolutamente todas as pequenas questões? Se não, explique sua resposta mais detalhadamente.
15. O que o uso da expressão de Paulo “o mesmo sentir” em Romanos 15.5 diz sobre a natureza da nossa fé? Que impacto tem isso sobre a unidade cristã?

Concentrando-se na oração

- Ore para que os diáconos e presbíteros de sua igreja permaneçam fielmente na Palavra e tomem sábias decisões de liderança de modo a fortalecer a unidade da igreja.
- Peça ao Senhor para lhe dar a mesma preocupação diligente pela unidade que Jesus e Paulo tiveram. Ore para que em todas as situações você contribua para a autêntica unidade bíblica entre os outros crentes.

Aplicando a verdade

Leia e estude o livro de Neemias durante o próximo mês. Observe especialmente as várias maneiras e ocasiões em que Neemias promoveu a unidade e solidariedade entre as pessoas. Faça uma lista delas, e escolha uma em que você possa meditar. Então pense em como aplicá-la ao seu próprio ministério.

CAPÍTULO 6:

CRESCIMENTO: SEM ELE NÃO HÁ VIDA REAL

Resumindo o capítulo

Todo cristão verdadeiro crescerá espiritualmente, embora em níveis diferentes de maturidade. Eles saberão que a Palavra de Deus é a base para o verdadeiro crescimento e então desejaram conhecê-la cada vez melhor.

Introdução (escolha um)

1. Qual é o seu passatempo ou atividade de lazer favorito? Quanto tempo você dedica a melhorar sua eficiência e habilidade nele? É isso razoável e equilibrado? Por que sim ou por que não? O que sua esposa/seu marido pensa? E seus amigos?
2. Algumas pessoas tomarão medidas extraordinárias para tratar um animal de estimação doente ou salvar uma planta ou árvore que esteja morrendo. Você conhece alguém assim? Se sim, relate brevemente sua história ao grupo. Qual seria o limite máximo que você estaria disposto a fazer e gastar num caso assim?

Responda às perguntas

1. O que a Escritura diz sobre a necessidade de crescimento espiritual? Cite duas ou três referências.
2. *Verdadeiro ou Falso:* A Bíblia sugere que não há meio-termo no que diz respeito ao crescimento espiritual; ele está presente ou ausente na vida de um crente.
3. Que preço pagamos inevitavelmente pela regressão espiritual?
4. Que termo carinhoso em 1João 2 pode ser aplicado a todos os crentes?
5. Que traço de maturidade está faltando nos crentes que estão na infância espiritual? A que, portanto, eles estão vulneráveis?
6. Em que tipo de batalha espiritual Satanás está primordialmente envolvido (veja 2Co 10.3-5)?
7. O que deveria ser verdadeiro na sua vida ao atingir o nível de maturidade de jovem espiritual?
8. Qual é a diferença principal quanto à maturidade entre o jovem espiritual e o pai espiritual?

9. Nas nossas igrejas de hoje, que atitude está desafiando o profundo e exato entendimento da Escritura?
10. Qual é a passagem mais sucinta e mais completa sobre a importância e o poder espiritualmente transformador da Escritura?
11. Como as palavras da Escritura funcionam para levar alguém à salvação (Jo 5.24; Rm 10.17)?
12. Discorra sobre o significado da expressão “útil para o ensino” (2Tm 3.16). Quais são os seus resultados na vida do crente?
13. Por que a reprovação é tão útil (veja Pv 6.23)?
14. Que contraparte positiva a Palavra fornece para o seu papel mais negativo da reprovação? Explique.
15. Quais são as aplicações práticas da instrução bíblica quanto à justiça?
16. Como o significado grego da expressão “desejai ardentemente” (1Pe 2.2) nos ajuda a entender melhor como devemos desejar a Palavra de Deus?

Concentrando-se na oração

- Se você conhece alguém que esteja lutando com um aspecto do crescimento espiritual, ore por essa pessoa e pergunte ao Senhor como ele pode usá-lo para ajudar seu amigo.
- Peça a Deus para aumentar seu desejo de conhecer sua Palavra e crescer. Ore por duas ou três áreas específicas nas quais você precisa melhorar.

Aplicando a verdade

Uma maneira de acompanhar com cuidado seu crescimento espiritual pessoal é manter um diário espiritual. Se você ainda não o faz, inicie um nesta semana. Comece registrando as percepções obtidas em seus momentos devocionais e listando pedidos de oração e as respostas aos mesmos. (Para ajuda adicional quanto a manter um diário, veja Donald S. Whitney, *Spiritual disciplines for the Christian life* [Colorado Springs, Colo.: NavPress, 1991], 195-211.)

CAPÍTULO 7: PERDOAR E SER ABENÇOADO

Resumindo o capítulo

Nunca demonstramos uma característica mais divina do que quando obedecemos à ordem de Deus para perdoar as ofensas de outros crentes, assim como Deus tem perdoado nossas ofensas contra ele.

Introdução (escolha um)

1. Que tipo de comportamento comum em outras pessoas o deixa mais irritado ou impaciente? Por quê? Qual é sua reação normal? Como isso

poderia mudar ou melhorar?

2. À parte da sua conversão, de que época da sua vida você mais se lembra de alguém lhe concedendo muito perdão, misericórdia ou graça? Descreva o que aconteceu e por que você escolheu esse exemplo.

Responda às perguntas

1. Como Paulo identifica a si mesmo em Romanos 7.24 e 1Timóteo 1.15?
2. O que os salmos e os profetas maiores dizem sobre o perdão de Deus? Cite pelo menos quatro referências.
3. Como o filho pródigo é o exemplo de muitos jovens de hoje? O que ele esperava de seu pai?
4. Como o encontro de pai e filho na parábola do filho pródigo é semelhante ao encontro de Deus com pecadores arrependidos?
5. O que representa o enorme débito em Mateus 18.24?
6. Como os incrédulos fazem mau uso de sua mordomia de vida e a desperdiçam?
7. Por que (ou por que não) e como devem (ou não) todos os pecadores responder como o primeiro servo fez em Mateus 18.23-55?
8. Como o Senhor pode nos disciplinar se não perdoarmos? Como isso se relaciona com a lição de Mateus 18?
9. Qual combinação equilibrada de atitudes o verdadeiro perdão envolve com relação aos pecados dos outros?
10. Que tipos de bênçãos de Deus um cristão não perdoador perde?

Concentrando-se na oração

- Separe algum tempo para examinar seu coração e ver se possui a atitude correta de perdão com relação a seus companheiros crentes. Se o Senhor revelar alguns pontos fracos, peça seu perdão e ore para que possa corrigi-los.
- Agradeça a Deus pelo seu generoso e misericordioso perdão dos pecados para todos os crentes, incluindo você.

Aplicando a verdade

Dependendo do que é mais aplicável e proveitoso para sua situação atual, memorize salmo 32.1 ou Efésios 4.32.

CAPÍTULO 8: RAZÃO SUFICIENTE PARA ALEGRAR-SE

Resumo do capítulo

Os crentes são ordenados a demonstrar a verdadeira alegria a todo o tempo e em cada situação.

Introdução (escolha um)

1. Compartilhe qual é sua comida “caseira” favorita. Por que você escolheu essa? Ela é a que você come quando celebra um acontecimento especial?
2. Qual foi a ocasião mais feliz de que você consegue lembrar antes de ter se tornado um cristão? E depois de ter aceitado o Senhor? Qual foi a grande diferença em sua apreciação dos dois acontecimentos? Explique.

Responda às perguntas

1. O que está implícito na definição da palavra *alegria* no dicionário?
2. O que é sempre verdade sobre a alegria de acordo com as diversas palavras gregas que se referem a ela no Novo Testamento?
3. O que Filipenses 4.4 e 1 Tessalonicenses 5.16 dizem sobre alegria?
4. À luz de muitas passagens bíblicas sobre alegria, o que deve ser verdade sobre o cristão com relação às dificuldades da vida?
5. Por que os tempos de prova deveriam nos tornar mais felizes do que quando os tempos são tranquilos? Justifique sua resposta com passagens bíblicas.
6. Há um lugar para manifestações exteriores de dor e tristeza? Como elas deveriam se relacionar com a alegria interior?
7. Por que a alegria do mundo é tão insuficiente (Pv 14.12-13; Ec 2.10-11)?
8. Qual é a única circunstância da vida que poderia diminuir nossa verdadeira alegria?
9. Que características de Deus nos dão motivo de alegria, em primeiro lugar?
10. Dê duas referências no Novo Testamento que apresentam razões para nosso regozijo na obra redentora de Cristo.
11. Apresente três razões, com justificativas bíblicas, pelas quais podemos ter uma alegre confiança na obra do Espírito Santo.
12. Que tipo de coisas demonstram as contínuas bênçãos de Deus para os crentes?
13. Dê uma breve definição de providência divina.
14. Que característica geral da Palavra de Deus deve nos guardar de jamais abandonar nossa alegria dada pelo Senhor?
15. Como as falsas expectativas e o orgulho roubam nossa verdadeira alegria?

16. Qual é a razão principal dos crentes terem falta de alegria?
17. Qual era o significado da saudação normal entre os crentes na igreja primitiva? Como essa saudação poderia ser útil para os cristãos atuais?

Concentrando-se na oração

- Gaste algum tempo extra em oração nesta semana simplesmente se regozijando e agradecendo a Deus por todas as verdades sobre a alegria que você aprendeu nesse capítulo.
- Reveja a lista de razões para a falta de alegria. Escolha uma ou duas que se aplicam à sua vida e ore para que Deus o ajude a superar esses pecados.

Aplicando a verdade

Leia o livro de John MacArthur *The glory of heaven* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1996). Ao lê-lo, sublinhe os pensamentos-chave e faça notas marginais ou anote num caderno. Veja especialmente a percepção sobre como você pode transferir seu foco das preocupações temporárias desta vida para a alegre perspectiva da eternidade com Deus. Quando terminar a leitura, escreva o que foi mais útil para você e como isso mudará suas atitudes e ações.

CAPÍTULO 9: HÁ SEMPRE UM LUGAR PARA A GRATIDÃO

Resumindo o capítulo

Visto que a gratidão é ordenada, e quando ela está ausente isso desagrade a Deus, os cristãos devem obedecer à sua Palavra e expressar gratidão por todas as coisas, em todas as circunstâncias.

Introdução (escolha um)

1. Mencione algo que você considera fácil de agradecer (excluindo coisas óbvias como salvação, cônjuge ou filhos). Por que você escolheu isso? Em contraste, pelo que você acha difícil ser agradecido? Explique e discuta.
2. Você acha que hoje é tão fácil para as pessoas viverem satisfeitas como era há quarenta ou cinquenta anos? Por que sim ou por que não? Se você sente que elas não estão contentes, o que você ouve no seu local de trabalho ou no mercado como uma queixa frequente?

Responda às perguntas

1. Por que é tão notável que o único dos leprosos purificados (Lc 17.11-19) que agradeceu era samaritano?
2. Onde se classifica a ingratidão na lista dos pecados condenatórios em Romanos 1.18-32?

3. Quais são as três maneiras com que o crente mediano responde às circunstâncias de sua vida?
4. Quando observamos a Mesa do Senhor, que elementos das ofertas do Antigo Testamento são combinados?
5. Como aceitar a soberania de Deus nos ajuda a expressar gratidão em todas as situações?
6. Qual é a finalidade última de toda a nossa gratidão? Cite várias referências bíblicas para justificar sua resposta.
7. No contexto de 2Coríntios 9.8-15, como a gratidão dos crentes é multiplicada?
8. Quais são os sete obstáculos à gratidão listados nesse capítulo? Quais deles mais especificamente são também obstáculos à alegria?
9. O que está idealmente retratado por Paulo em Filipenses 4.11-12?
10. Como as circunstâncias desafiaram Paulo enquanto ele escrevia sua carta aos filipenses?
11. Considerando o uso grego, defina a palavra “contente” e a expressão “aprendi o segredo” (Fp 4.11-12).
12. Que verdades sobre Deus no Antigo Testamento fundamentam a atitude de contentamento de Paulo?
13. Que diretrizes adicionais Paulo expressou em seus próprios escritos que moldaram seu contentamento?

Concentrando-se na oração

- Separe um tempo de sua hora de oração para agradecer ao Senhor por algo extraespecial que fez em sua vida recentemente.
- Revise a lista de obstáculos à gratidão. Escolha um que tem sido um desafio difícil para você e ore para que Deus o capacite a superá-lo. (Você pode escolher um item relacionado que não esteja na lista.)

Aplicando a verdade

Compile uma lista de razões para ter uma atitude de gratidão. Isso pode ser aplicado a você especificamente e a todos os cristãos em geral. Reforce sua lista com o maior número de referências bíblicas que puder. Essa lista pode ser uma seção permanente do seu diário espiritual (ou, se você não começou um diário, uma lista separada que você consulte periodicamente) que ajudará regularmente a motivá-lo a ser grato.

CAPÍTULO 10: CORAGEM PARA SER FORTE

Resumindo o capítulo

Força espiritual do cristão é a coragem para viver sem comprometer suas convicções, as quais são extraídas da Palavra de Deus e são mais bem exemplificadas nas imagens do professor, soldado, atleta e fazendeiro espirituais.

Introdução (escolha um)

1. Se a escolha dependesse inteiramente de você, preferiria morar numa fazenda ou na cidade? Quais as vantagens e as desvantagens de cada uma das opções? Se você já morou numa fazenda (ou rancho) ou passou um tempo relativamente longo numa, relate para seu grupo de estudo o que mais apreciou sobre a agricultura ou a pecuária.
2. Uma pergunta interessante que tem circulado nos últimos anos é, “Você é mais produtivo pela manhã ou à tarde?” Como você responderia a isso? Você sente que sua programação diária está estruturada para maximizar sua melhor hora do dia? Como essa questão se relaciona com força espiritual (se é que ela tem alguma relação)? Discuta.

Responda às perguntas

1. Qual é a tradução mais literal de “portai-vos varonilmente” em 1Coríntios 16.13, e como isso esclarece o significado da expressão?
2. Cite quatro passagens do Antigo Testamento que ilustram o conceito de força e coragem.
3. O que deve ser verdade na nossa vida se quisermos obedecer à ordem de ser espiritualmente forte (veja Ef 3.14-16)?
4. Por que Paulo valorizou tanto a ajuda de Timóteo à igreja de Éfeso? O que estava acontecendo ali?
5. O que levou Timóteo a ser afetado pelos problemas de Éfeso? Que impacto temporário isso exerceu na eficiência do seu ministério?
6. Que benefício duplo resulta para os que ensinam a outros?
7. Dê quatro razões pelas quais a preparação beneficia pessoalmente o professor.
8. Qual é o sistema mundial implementado que justifica o envolvimento dos crentes na batalha espiritual?
9. Como ser um soldado de Cristo é equivalente a ser um soldado no campo secular?
10. Que objetivo específico deve nos motivar a competir arduamente pela vitória como atletas de Cristo?
11. Dê alguns exemplos baseados nos esportes seculares do por que

necessitamos competir de acordo com as regras. O que Paulo diz?

12. Qual é a mais fascinante e talvez mais importante coisa não dita na parábola dos solos (Mt 13.3-23)?
13. Qual é a moral da parábola dos solos, e como isso se relaciona com ser um lavrador espiritual?
14. Quais das quatro imagens do cristão forte se adapta melhor maioria dos cristãos na maior parte do tempo?

Concentrando-se na oração

- Ore por sua igreja local e pela igreja em todo o mundo, para que os membros e líderes mantenham fortes convicções doutrinárias e vivam pelos princípios bíblicos em todas as áreas.
- Olhe mais uma vez para as quatro imagens do cristão forte e identifique duas ou três de suas características nas quais você está fraco. Peça a Deus para ajudá-lo a fortalecer sua vida de maneira específica nessas áreas.

Aplicando a verdade

Memorize 1Reis 2.2-3 ou 1Coríntios 15.58. Como uma tarefa mais desafiadora, você deve memorizar Josué 1.5-9 ao longo das próximas semanas. Qualquer que seja a passagem escolhida, revise-a com outro crente, para manter-se responsável.

CAPÍTULO 11: AUTODISCIPLINA: A CHAVE PARA A VITÓRIA

Resumindo o capítulo

A autodisciplina é uma chave essencial para o crescimento espiritual; portanto, os cristãos devem buscá-la com diligência.

Introdução (escolha um)

1. Pense numa época em que você praticou um esporte. Quais sacrifícios foram exigidos de você? O que o motivou a fazê-los? Como o nível da sua autodisciplina afetou o seu desempenho?
2. Nomeie uma pessoa cujo compromisso com Deus tem sido um exemplo para você. (Pode ser tanto alguém que você conheça pessoalmente ou alguém da história da igreja.) Discuta brevemente porque você o (a) escolheu.

Responda às perguntas

1. Por que a Bíblia usa metáforas esportivas para retratar a vida cristã?
2. Dê uma definição prática e bíblica de autodisciplina.

3. Explique por que a autodisciplina é necessária para dominar todos os esforços na vida.
4. Por que a autodisciplina é importante nas questões aparentemente insignificantes da vida? Por que não há questões menos importantes quando se trata da integridade de uma pessoa?
5. Explique a relação entre correção e autodisciplina.
6. Liste algumas diretrizes do pensamento bíblico que o ajudarão a ser sóbrio em espírito.
7. Quais dois elementos são comuns a todos os princípios bíblicos da autodisciplina?
8. Por que Deus é o legítimo dono de todos os seres humanos? Dos crentes em particular?
9. Qual é a parte do homem na aliança da salvação?
10. Explique por que o pecado envolve mais do que meramente quebrar a lei de Deus.
11. Trace a origem e o desenvolvimento dos nossos atos pecaminosos.
12. Como podemos vencer a batalha contra as tentações que atacam nossa imaginação?

Concentrando-se na oração

- Medite no preço que Deus pagou para redimi-lo. Agradeça a ele pela sua salvação, e decida disciplinar-se para a piedade (1Tm 4.7) e assim servi-lo mais efetivamente.
- Ore para que Deus o ajude a vencer a batalha contra a tentação na sua imaginação. Peça-lhe para dar-lhe a vitória sobre os pecados secretos enquanto você estuda e medita fielmente na sua Palavra.

Aplicando a verdade

Examine a lista de passos práticos para desenvolver a autodisciplina indicados no capítulo, e identifique suas forças e fraquezas. Assuma um compromisso de começar a trabalhar em suas fraquezas e peça a alguém para mantê-lo responsável.

CAPÍTULO 12: ADORANDO A DEUS EM ESPÍRITO E VERDADE

Resumindo o capítulo

Adorar a Deus em espírito e verdade é a responsabilidade, o privilégio e o chamado mais elevado do crente.

Introdução (escolha um)

1. Descreva uma situação na qual ceder à tirania do urgente pode prejudicá-lo a longo prazo. O que desde então tem ajudado a você a se concentrar no que é importante?
2. Quais são algumas das maiores ameaças que as igrejas enfrentam hoje? Onde a questão da adoração imprópria se classifica? Discuta sua resposta.

Responda às perguntas

1. Por que a adoração está sendo desestimulada na igreja atual?
2. O que está errado em direcionar o culto para os descrentes? A igreja deveria buscar o conforto dos descrentes? Por que sim, ou por que não?
3. Dê uma definição bíblica de um cristão que esteja relacionada com a adoração.
4. A adoração e o serviço a Deus se excluem mutuamente? Explique sua resposta.
5. Dê uma definição de adoração. É meramente uma atitude ou pode ser expressa em ações? Justifique sua resposta com base na Escritura.
6. Como alguém se torna um verdadeiro adorador de Deus?
7. Liste os cinco elementos que resumem o plano de redenção no Antigo Testamento.
8. Quais duas realidades sobre Deus são essenciais à verdadeira adoração?
9. Por que Deus não deve ser representado por objetos materiais?
10. Descreva os dois extremos da falsa adoração representada pelos judeus e pelos samaritanos nos dias de Jesus.
11. O que significa adorar a Deus em espírito?
12. Liste quatro requisitos para adorar a Deus em espírito.
13. Qual é o principal obstáculo para adorar a Deus em espírito?
14. Como adoramos a Deus em verdade?

Concentrando-se na oração

- A Escritura revela muitos dos atributos de Deus, tais como seu poder, sabedoria, misericórdia, soberania e amor. Escolha um ou mais dos seus atributos e gaste algum tempo louvando-o por eles.
- Os escritores bíblicos frequentemente louvam a Deus pelas suas obras poderosas da criação, libertação e redenção. Pense em algo que Deus fez, seja na Escritura ou na sua própria vida, e gaste tempo agradecendo a ele e louvando-o por isso.

Aplicando a verdade

Como observado no capítulo, meditar na Escritura é um elemento importante da verdadeira adoração. Leia as seguintes passagens e liste as várias coisas sobre as quais os salmistas meditaram: salmos 1.1-2; 63.6; 77.12; 119.15, 27, 48, 97-105; 143.5. Faça delas o tema de sua meditação pessoal.

CAPÍTULO 13:

ESPERANÇA: NOSSO FUTURO ESTÁ GARANTIDO

Resumindo o capítulo

A esperança bíblica é parte essencial e factual da nossa salvação – passada, presente e futura – que Deus promete por meio de sua Palavra e que motiva nossa santificação enquanto diariamente procuramos ser mais semelhantes a Cristo.

Introdução (escolha um)

1. Como você definia *esperança* quando era criança? Quais são as coisas mais comuns nas quais você colocou sua esperança? A maioria dessas esperanças foi cumprida? Como? Quais não foram?
2. O que, além da incerteza sobre a morte, você pensa que mais ameaça o sentimento de esperança da pessoa comum não salva? Discuta duas ou três possibilidades. Você as encontra frequentemente durante uma semana normal? Se sim, como?

Responda às perguntas

1. Quais são os dois possíveis destinos eternos das pessoas? Como isso afeta a esperança? Cite vários versículos.
2. Qual é a característica e a personificação da esperança como indicado em Hebreus 6.19-20?
3. Quais são os três aspectos da salvação? (Cada um inclui tanto uma referência de tempo quanto um termo doutrinário correspondente.) Cite bases bíblicas para sua resposta.
4. A esperança é objetiva ou subjetiva? Reforce sua resposta com a Palavra de Deus.
5. Quais detalhes históricos no Novo Testamento, relacionados com a ressurreição de Cristo, fortalecem a esperança do crente?
6. O que o Espírito Santo faz para ajudá-lo a sustentar sua esperança verdadeira?
7. Que categorias de experiências de vida, encontradas mais e mais frequentemente, devem nos fazer ansiar pelo céu?
8. Que analogia apresentada por Cristo descreve melhor o conceito de permanecer? Qual é definição básica da nossa permanência e o propósito

dela? Dê pelo menos duas referências bíblicas.

9. Como um cristão revela seu verdadeiro caráter (1Jo 2.29)?
10. Qual é o objetivo e o prêmio da vida terrena do crente (Fp 3.14; Tt 2.13)?
11. Qual o efeito que o objetivo final da vida cristã exerce na nossa vida atual (1Jo 3.2-3)? Que incentivo adicional está presente (1Co 3.10-15; 2Jo 8)?

Concentrando-se na oração

- Agradeça a Deus porque, por meio da sua Palavra e do seu Filho, forneceu muitas razões sólidas para que você tenha a verdadeira esperança.
- Ore por um amigo não cristão ou por um amigo cristão que está lutando com a confiança, que ele possa, pela graça e misericórdia de Deus receber uma nova ou renovada esperança.

Aplicando a verdade

Leia Apocalipse 21–22, e concentre-se no futuro glorioso que espera cada crente. Relacione todas as coisas dessa passagem que possam ser fontes de esperança e alegria. Medite longamente sobre vários itens da sua lista, e anote as ideias adicionais que o Senhor lhe der. Observe também as advertências perto do final do capítulo 22. Como estas podem incentivar você a uma vida santa?

*** Publicado no Brasil com o título de *Estudos no sermão do monte*. (N. da R.)

A doutrina bíblica da santificação em abordagem acessível e prática

Organizado por

John Piper & David Mathis

O Mistério da Santificação

A operação do milagre em nós



O mistério da santificação

Piper, John

9788576226130

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

“A mente reformada e evangélica tem concentrado muita atenção sobre as doutrinas da justificação e da adoção com muitos efeitos salutareos. Em alguns casos, no entanto, isso se degenerou em distorção da doutrina da santificação. A presente coletânea de ensaios é um remédio útil para essa situação. Com capítulos ricamente bíblicos, centrados em Cristo e no ser humano, O Mistério da Santificação reorienta a nossa atenção, focalizando-a sobre o lugar e o propósito da santificação dentre as múltiplas obras do Deus trino. Uma obra que satisfaz tanto do ponto de vista teológico quanto do pastoral.” Scott R. Swain, Reformed Theological Seminary, Orlando

[Compre agora e leia](#)